Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

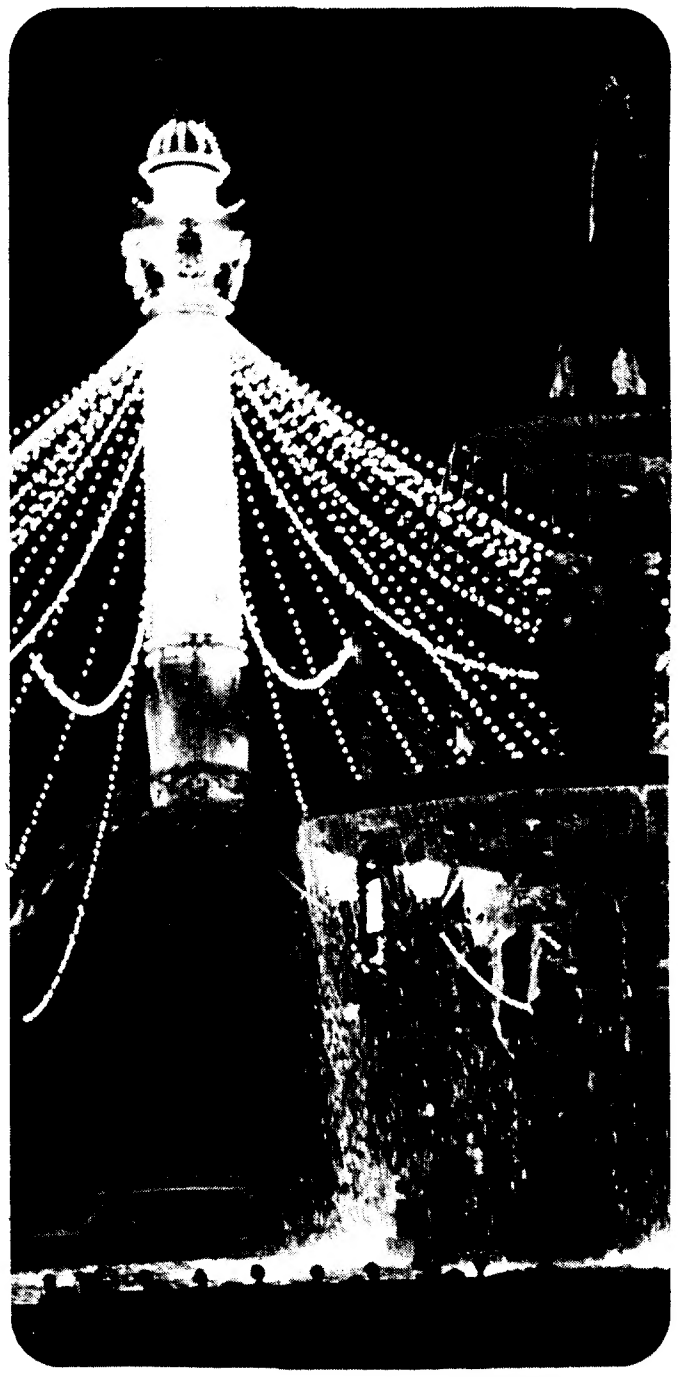
DOMINGO, 10 DE DEZEMBRO DE 1972-N.º 17948-ANO 52.º-PREÇO 1$50

NATAL

O AMOR E O LUCRO

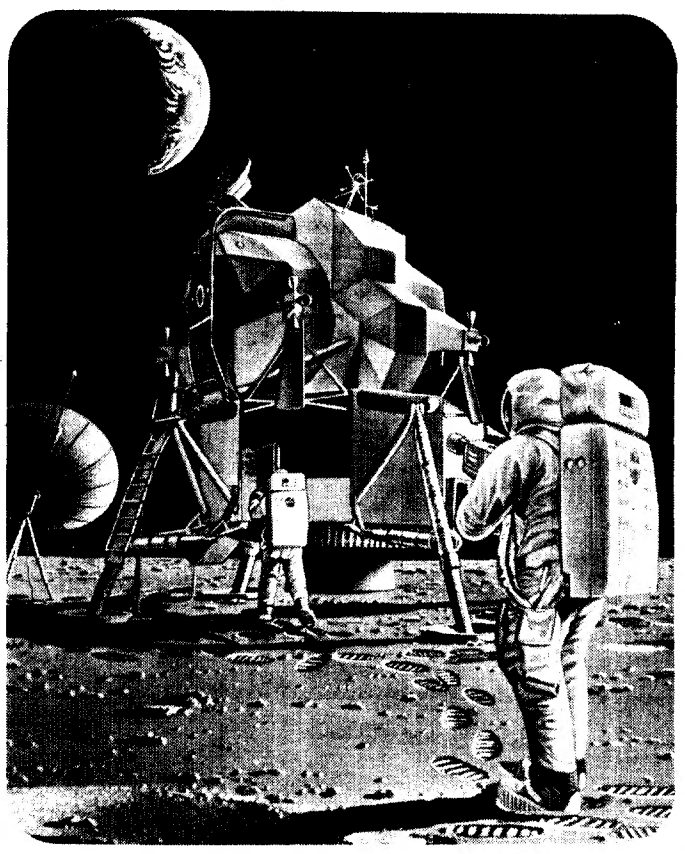
O Natal já está nas ruas. Pelo menos nas iluminações, no coração das pessoas — sobretudo dos meninos — e na voz cantante dos vendedores ambulantes, que estendem nos passeios aquilo com que qualquer criança rechearia a sua árvore: brinquedos, enfeites de ouro e prata, estrelinhas, bolas que parecem sóis de todas as cores. No entanto, a chuva, quer estragar o negócio dos vendedores de rua, que procuram tão apenas terem, também eles, uma consoada mais farta. (Reportagem na pag. 5)

AMANHÃ NA LUA: MAIS DOIS HOMENS



O último voo da série Apolo atinge amanhã o seu ponto culminante, quando os astronautas americanos Eugene Cernan e Harrison Schmitt descerem na Lua, tornando-se o décimo primeiro e o décimo segundo seres humanos a pisar a superfície do satélite natural da Terra e talvez os derradeiros a fazê-lo neste século.

Os dois homens do espaço e o seu companheiro Ronald Evans, que, entretanto, permanecerá em órbitra lunar, na Apolo - 17, estarão de regresso ao nosso planeta no dia 19, terminando então a mais completa expedição astronáutica mas uma das menos espectaculares, apesar de ter começado com o primeiro lançamento nocturno efectuado de Cabo Kennedy, a base criada expressamente na Florida para servir o esforço espacial americano na corrida iniciada pela União Soviética em 1957 com o Sputnik-1 Um russo foi também o primeiro homem em órbita. Contudo, até agora, apenas americanos desceram na Lua. Terminado o programa Apolo, outros projectos menos ambiciosos permitirão no entanto, às duas potências recuperar o fôlego, para voos interplanetários mais largos. Nessa perspectiva, Marte, o Planeta Vermelho, poderá ser a etapa seguinte. (Págs. centrais).

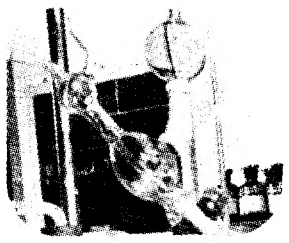


Restelo: Ponto quente no domingo frio

. Debaixo de chuva, Belenenses e Sporting deram últimos toques com vista ao encontro de hoje, no Restelo, autêntico «ponto quente» num domingo de Inverno que se prevê frio. É que o jogo pode alterar a tabela classificativa no que respeita ao segundo lugar. (Ler em «Desportos»).

HOJE: 32 PÁGINAS

CANCRO: TEMA DE DEBATE NO MÉXICO



. Reunidos em congresso, no México, cientistas de vários países debateram as últimas descobertas feitas nos seus laboratórios para encontrar a cura do cancro. Fernando Dacosta, enviado especial do DL, dá-nos nas páginas interiores uma síntese das últimas comunicações e experiências obtidas sobre o assunto.

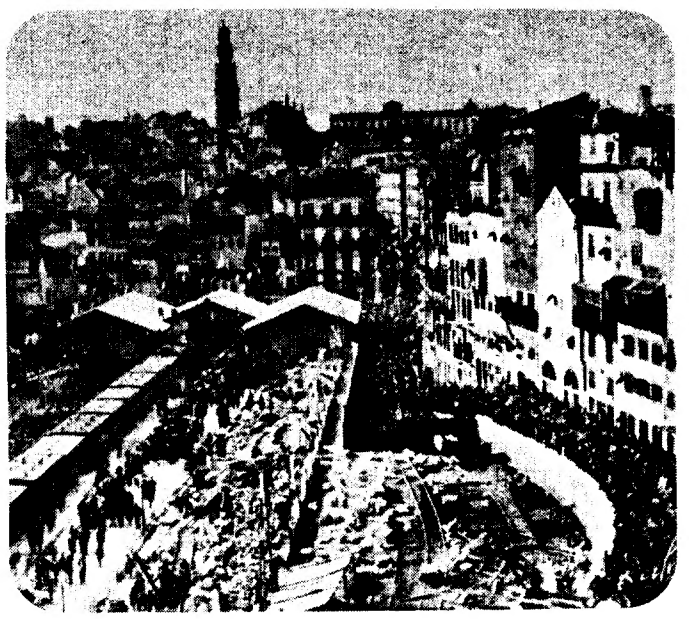
A EUROPA NA ORDEM DO DIA (Página 9)

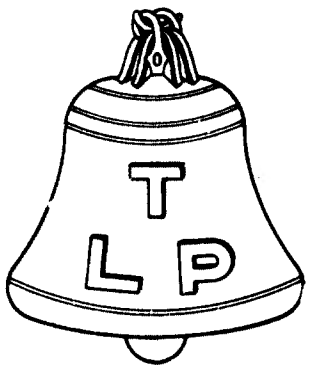
NOVAS ALTERAÇÕES AO TRÂNSITO NO PORTO

À meia noite, entraram em vigor as disposições as novas alterações da postura de trânsito, na cidade do Porto, entre as quais o sentido único no percurso formado por: Rua de Santo António (com novo piso para uma descida com segurança), Praça de Almeida Garrett, avenida de D. Afonso Henriques, rua de Saraiva de Carvalho, rua de Augusto Rosa, e Praça da Batalha, denominando-se este percurso «circulatória».

Nesta e noutras alterações, a polícia manterá hoje um serviço de informação e vigilância para evitar os congestionamentos de trânsito.

As alterações são as seguintes: avenida de D. Afonso Henriques — é proibido o trânsito no sentido sul - norte e proibido o estacionamento; calçada de Vandoma, é proibido o trânsito no sentido nascente - poente; praça de Almeida Garrett, é proibido o trânsito no sentido sul - norte e proibido o estacionamento; Praça da Batalha, é proibido o trânsito no sentido poente - nascente e proibido o estacionamento com excepção da zona assinlada junto da Igreja de Santo Idefonso: Rua de Augusto Rosa, é proibido o trânsito no sentido norte - sul e proibido o estacionamento das 8 às 20 horas nos dias úteis; rua do Bonjardim, é proibida a circulação e o estacionamento de veículos no troço compreendido entre a praça de D. João I e a rua de Sá da Bandeira: sendo permitido o acesso para cargas e descargas das 0 às 10 horas. É proibido o trânsito no sentido norte-sul entre a praça de Marquês de Pombal e a rua de João de Oliveira Ramos, sendo neste troço proibido ainda o estacionamento das 8 às 16 horas, nos dias úteis, em toda a extensão da fachada do dispensário central do centro de saúde e higiene mental. É proibido o trânsito no sentido sul - norte entre as ruas de Rodrigues Sampaio e de Guedes de Azevedo e entre as ruas Gonçalo Cristovão e de João de Oliveira Ramos, É também proibido o estacionamento entre as ruas de João de Oliveira Ramos e de Gonçalo Cristovão e entre as ruas de Guedes de Azevedo e de Rodrigues Sampaio com excepção de Fernandes Tomás e do dr. Alberto Pinheiro Torres, onde o estacionamento será proibido além de 1 hora, nos dias úteis das 8 às 20 horas. É estabelecido o regime de parque à esquerda entre as ruas de João de Oliveira Ramos e João das Regras. Rua do Cativo — é proibido o trânsito no sentido poente - nascente e os estacionamentos entre a rua de Augusto Rosa e a travessa do Cativo. Rua das Flores — é proibido o trânsito no sentido sul - norte entre o largo de S. Domingos e a rua de Trindade Coelho e os estacionamentos das 8 às 20 horas nos dias úteis nessa parte deste arruamento. É proibida a circulação de veículos no troço limitado pela praça de Almeida Garrett e a rua de Trindade Coelho excepto a transportes públicos de passageiros com acesso pelo lado sul. Rua de Santo António — é proibido o trânsito no sentido poente - nascente e o estacionamento das 8 às 21 horas, bem como o trânsito de veículos pesados de carga. Rua Saraiva de Carvalho — é proibido trânsito no sentido nascente - poente, excepção feita aos transportes colectivos de passageiros e o estacionamento.





TELEFONES DE LISBOA E PORTO

Tem o prazer de informar que se encontra já em funcionamento a nova CENTRAL TELEFÓNICA AUTOMÁTICA DE LOURES (números iniciados por 2530, 2531 e 2533).

Chamamos a especial atenção para:

— Em conversações para aquela Área marque sempre o número completo do posto destinatário.

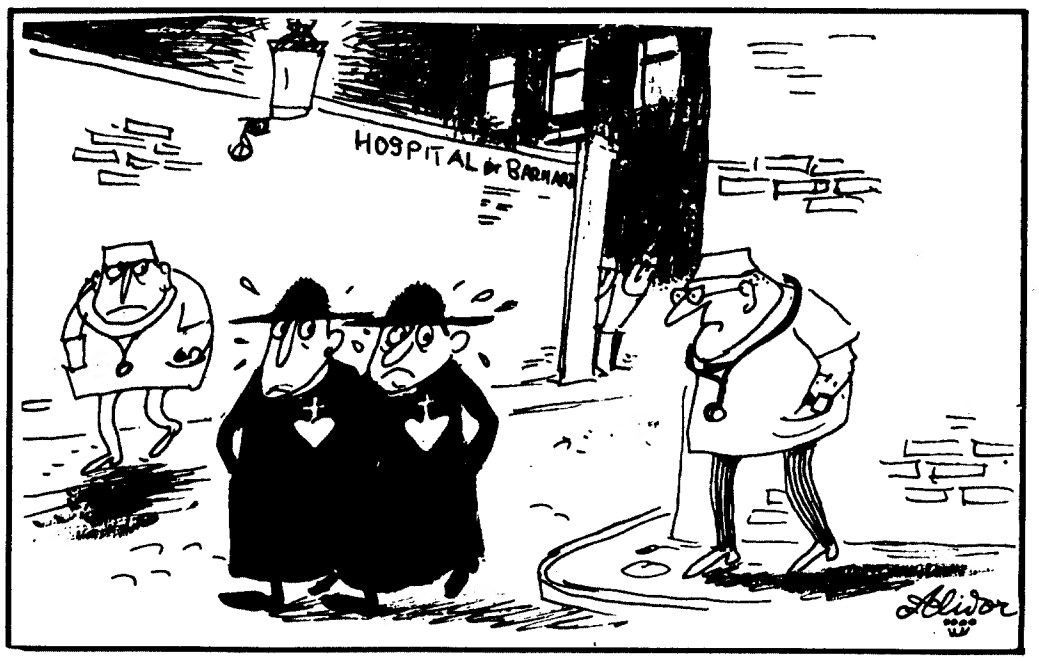
e também

— Quando ao receber uma chamada ouvir um sinal intermitente, não desligue, pois alguém lhe quer falar utilizando um posto público.

SABA
A MARCA ALEMÃ Nº 1
Rádio · TV · Gravadores · Estéreo · Hi Fi
representantes exclusivos:
ESTABELECIMENTOS M. SIMÕES JR., S.A.R.L.
RUA DOS DOURADORES, 43 - TEL. 361763 - LISBOA
RUA SANTO ANTÓNIO, 208 - TEL. 25581 - PORTO

FACTOS

Diário de Lisboa



JAZZ OITOCENTISTA NO SÃO LUIZ

Na época do **«moog-sinthetizer» e do «Diamond-organ»** o piano é um instrumento histórico como o cravo dos «Beatles» ou o violino de Jean-Luc Ponty. Domingo passado tivemos em Lisboa uma bela reconstituição da música dum **jazzman** do século XIX, Chopin, por Maria João Pires, num moderno **«Steinway».** Tocou com a modernidade com que Rosselini fala de Luís XIV.

Mas trajava de negro até aos pés, trazia ao pescoço uma grande cruz de prata, o público era de velhas, aplaudiu-a nos seus 27 anos como se fosse uma menina-prodígio e ela acabou por receber um ramo de cravos vermelhos como brinde do empresário: a Câmara.

O romântico das valsas e das «mazurkas» vai escasseando nos cada vez menos frequentes recitais de Piano em Lisboa Terá sido esse o chamariz das senhoras que esgotaram a lotação do «pequeno concerto» do São Luiz. Mas não foi o Chopin que Maria João Pires soltou do seu teclado seco e límpido, preto e branco, e dum papel que trava e contrasta mais do que alonga.

Chopin escreveu música, isto é: uma lógica e uma lógica dos sentimentos. Se os sentimentos caducaram com o tempo, numa ideologia conservadora que não era a do revolucionário das «polonaises» (que ouvimos com a comoção respeitosa com que vemos Eisenstein), se os sentimentos caducaram passaram para as velhas, a lógica, a organização lógica, a lógica interna, a **pura música** sustentou-se e evoluiu: serve hoje de suporte a novos sentimentos e a sentimentos novos e nossos como os de Maria João Pires.

Identifica essa música, no século XIX como agora, que o seu **aparelho matemático,** o seu registo, tenha sido concebido para essa função de suporte duma **expressão** que o transcende: por isso Chopin é um **jazzman.** E Maria João outro, porque o compreendeu. E a si mesma?

Digamos por exemplo, que Maria João Pires compreendeu um Chopin que pontua e contorna certo **espaço,** enquanto o seu ortodoxo interprete Sequeira Costa crê reproduzir os sentimentos «de origem» (e provocá-los ou induzi-los) «interpretando» um certo **tempo** acelerado, melancólico, ansioso, lírico heróico...

Se o espaço que Maria João escolhe é o de Chopin, o seu tempo é o nosso.Ela analisa sons e constelações de sons mais do que sintetiza uma melodia. A sua mão esquerda, a cabeça e o corpo, recebem e produzem um **ritmo** que é o de amar e respirar, não o de marcar um compasso, é o ritmo de impôr unir, exigir, rebentar, não o de soluçar, não o de comover.

A sua música solta-se com uma violência precisa que subverte a própria rigidez do aparelho lógico em que se apoia.

Está tudo dito? Ou seria preciso que Airto Moreira, o percussionista de Miles Davis, fosse ao São Luiz sublinhar os «pianíssimos» com o estalar do reco-reco e da «queixada»?

2. O RAMO DE CRAVOS

Maria João tocou uma Fantasia um Nocturno, uma Sonata e um extra. A meio da sonata, a plateia distraiu-se e começou a tossir: era o andamento lento, o fim de tarde muito frio, o aquecimento as alcatifas, as peles e a imobilidade.

Mas os concertos em Lisboa têm um ambiente especial, que lhe vem da alta estirpe dos «habitués». As pessoas tratam-se com delicadeza, suavidade, secura, distância e voz baixa. Nos tempos antigos, os artistas iam a casa dos nobres. Os nobres têm de deslocar-se hoje ao teatro dos artistas se os querem ver, Nobres e outros constrangidos pela transformação dum «acto social» numa manifestação objectivamente colectiva.

Só «objectivamente». Porque a natureza profunda do espectáculo de «música erudita» em Portugal, visto do lado da plateia desta vez, é ainda a do confronto de duas aristocracias, a do dinheiro e a da arte. A primeira compra agora com o seu bilhete a «menagem» que o artista lhe presta ao oferecer-lhe a exibição do seu talento ou da sua habilidade. E homenageia-o (cumprimenta-o como seu igual **noutro campo)** quando o aplaude e lhe oferece cravos e rosas.

Mas concede um segundo balcão, onde no entanto, «os populares» se portam como na plateia.

E preciso ter ido ao Festival de Cascais ou mesmo ás exibiçoes do Status no Hot-Club (para falar só do que se passa aqui, e passa-se qualquer coisa á escala digamos da nossa liberdade: não é a escala das exibições ao vivo, em Londres de Emerson, Lake e Palmer) para saber o que é a criação duma entidade colectiva, ou comunitária, através da música ou a revelação dos embriões disso.

Um recital é para ver e estar com os outros. Mas com que outros? Com as senhoras do São Luiz é que não Como a música é para ouvir, ouçamos em casa, a estereofonia. Perdemos o **acontecimento**, o espectáculo que não existe em Lisboa, mas ganhamos a consciência dessa perda. E que um recital faz parte da «vida mundana», não da nossa própria vida.

Que isto funcione assim escapa já às determinações económicas do preço dos bilhetes: os espectáculos custam já todos uns mais do que os outros. «Que a minoria musicófila se alargue!», pedem os musicólogos. E as massas que foram a Cascais?

O nosso mundo

ALBERGARIA-A-VELHA

Em Albergaria-a-Velha há pobres de mão-estendida que possuem rádio, aparelho de TV, fogão eléctrico e frigorífico! Olarilas!...

A verdadeira pobreza é a dos que não pedem, dos que sofrem a sua carência dobrados sobre si próprios. A esses, é que é descobri-los e auxiliá-los, porque são os verdadeiros necessitados. Os que mendigam são, em regra, os que menos precisam. Há várias espécies de mendigantes: há os hereditários, que são os que estendem a mão porque os pais assim os ensinaram; há o que mendiga, porque não tem que fazer e... sempre cai algum; há o que apanhou o vício de mendigar, há o que mendiga porque é a única ocupação que não paga imposto (as Caixas ainda não se lembraram deles...) e dá mais jeito. (Vasco de Lemos Mourisca, in «Jornal de Estarreja»).

PAIO PIRES

O povo de Paio Pires não quer o mal seja a quem for, mas sim pôr as coisas nos seus devidos lugares. Os jornais vêm de Lisboa, dirigidos ao agente do Seixal, que por sua vez os põe na camioneta da carreira para Paio Pires, e quando aqui chegam, os cobradores da empresa levam-nos para uma taberna que fica próximo da paragem dos autocarros e lá ficam em cima do balcão até que os compradores ali os vão buscar. Paio Pires vai crescendo dia a dia e os jornais que para aqui vêm são cada vez mais; e ao contrário, a venda é mais mal feita. Senão, vejamos. Há cinquenta anos o agente do Seixal quando aqui chegava dava volta à sede da freguesia — e apregoando os periódicos entregues aos seus fregueses... Agora que dizem serem tempos mais adiantados — e é com uma moto que facilita muito a distribuição dos jornais —, temos de palmilhar um quilómetro da rua onde se pode comprar o jornal que está em cima do balcão de uma taberna ou da paragem das carreiras das camionetas. Os habitantes de Paio Pires que já fizeram a sua reclamação à Junta da sua freguesia, esperam que este assunto seja resolvido conforme for de justica. («Tribuna do Povo», de Seixal).

LAGOS

Bastas vezes temos apelado para mais respeito pelas plantas e árvores, que, como seres vivos que são, e proporcionando-nos alimento para o corpo e para o espírito, bem merecem o nosso carinho e amor. Em vão, porém, têm sido os nossos apelos, pois quem percorrer a nossa Avenida terá ocasião de verificar que os chorões e outras flores plantadas nos caminhos abusivamente feitos, são acto contínuo pisadas sem respeito algum por quem as replantou ou mandou replantar. Ora, este abuso não só representa falta de atenção pelas plantas como pela autoridade, e assim, há que partir do princípio de que quem fez a replantação, foi para tal instruido por autoridade competente. Ao longo da Avenida existem passagens suficientes para evitar abusos; as plantas e árvores mais ou menos ricas de aspecto, não podem nem devem estar sujeitas a actos de vandalismo, como consideramos o de pisá-las ou danificá-las. (Joaquim de Sousa Piscarreta, in «Jornal do Algarve»).

HOMENAGEM AO DR. MARTINS DA CRUZ

Num jantar de convívio do Elos Clube de Lisboa, a realizar no dia 13, às 20 e 30, no restaurante Alvalade, ao Campo Grande, vai ser homenageado o presidente da direcção daquela colectividade, dr. Manuel Martins da Cruz, pela sua acção em prol do estreitamento dos laços que unem a comunidade lusíada.

As inscrições podem ser feitas pelos telefones 40370 e 538675, das 18 e 30 às 22 horas.

PLÁTANO EDITORA

ARNIE

Para os seus presentes de Natal
Álbuns de grande formato com muitas ilustrações a cores
Preço de cada album — 50$00 — à venda em todas as librarias

LAGOTAINER LINE

Único serviço totalmente contentorizado e directo para a Suécia o porta-contentores **«SEAMAID»** em 20 do corrente para: GOTHENBURG e demais portos da Suécia. OSLO e outros pontos da Noruega. ANVERS e qualquer ponto da EUROPA CENTRAL

OS AGENTES GERAIS:

SOCIEDADE COMERCIAL
OREY, ANTUNES & CIA LDA.
PRAÇA DUQUE DA TERCEIRA, 4 — TEL. 36 60 56 / 36 22 66
LISBOA 2 PORTUGAL

VENDEM-SE

— LOTES DE TERRENO PARA MORADIAS;
— PRÉDIOS VELHOS PARA DEMOLIÇÃO, COM PROJECTOS APROVADOS;
— MORADIAS E
— APARTAMENTOS.

NA LINHA DE CASCAIS

Trata: BARAONA & BARAONA, LDA.
AV.ª VALBOM, 28-1.º — TELEF.: 280749
MEDIADOR OFICIAL CASCAIS

EXCURSÕES CP

3 DIAS NO ALGARVE
E CEIA FIM-DE-ANO EM LAGOS

* Partida da estação de Lisboa-T. Paço às 7.35 de 30/12 (sábado) e regresso em 1/1 às 23.40. Comboio (1.ª classe) e autocarro com guia-assistente.
* Durante os três dias, visitas a Albufeira, Armação de Pera, Silves, Portimão, Praia da Rocha, Torralta, Lagos, Sagres, etc.
* Ceia de passagem-de-ano, espectáculo de variedades, alojamento e pensão completa em HOTEL DE 1.ª CLASSE EM LAGOS.

Preços (tudo incluído)

De LISBOA	1.150$00	Coimbra	1.290$00
Setúbal	1.130$00	Santarém	1.200$00
Aveiro	1.330$00	Tomar	1.240$00

3 DIAS NO MINHO
E CEIA FIM-DE-ANO EM OFIR

* Partida de Lisboa-St.ª Apolónia às 8.45 de 30/12 (sábado), com almoço no combolo, e regresso em 1/1 às 23.05. Visita ao Minho em autocarro com guia-assistente.
* Ceia de passagem-de-ano, espectáculo de variedades, alojamento e pensão completa num grande HOTEL DE OFIR, de 4 estrelas.

Preços (tudo incluído)

De LISBOA	1.290$00	Coimbra	1.200$00
Setúbal	1.270$00	Santarém	1.260$00
Évora	1.400$00	Tomar	1.240$00

FIM-DE-ANO EM MADRID

* Partida no «Lusitânia-Expresso» de 29/12 e regresso em 1/1 (Ter ou Lusitânia-Expresso).
* Transferência estação/Hotel e vice-versa, e assistência em Madrid.
* Excursão «Madrid-Artístico» em 31/12 — visita ao Palácio do Oriente e Museu do Prado, com guia.
* Alojamento e pensão completa em Hotel de 3 estrelas, central (junto à Gran Via).

Preços (tudo incluído)

De LISBOA	1.390$00	Coimbra	1.390$00
Setúbal	1.410$00	Santarém	1.360$00
Évora/Beja	1.500$00	Tomar	1.340$00

Temos ainda outras viagens organizadas a Paris, Londres, etc.

Informações e folhetos descritivos:

Estação de Lisboa-Rossio
Estação de Lisboa-Santa Apolónia
Rua do Arsenal, 124-1.º — Lisboa
Organização Telef. 367529

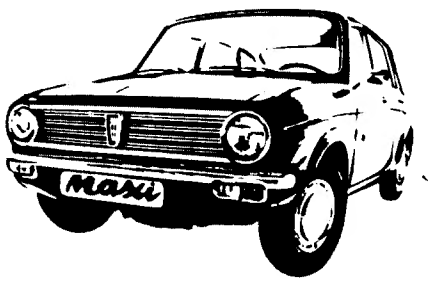
CONSULTE A SUA AGÊNCIA DE VIAGENS

É muito mais Maxi do que parece

AUSTIN MAXI 1750

(O seu fiel Maxi)

É fácil parecer grande, parecer cómodo, parecer rápido, parecer funcional. Em suma parecer MAXI.
Mas MAXI não parece. É.
Nós seguimos o caminho difícil.
Criámos um GRANDE CARRO FAMILIAR que É muito mais do que parece.



SUSPENSÃO "HYDROLASTIC" MOTOR TRANSVERSAL TRACÇÃO DIANTEIRA

72AMX-11

DISTRIBUIDORES: BRITISH LEYLAND DE PORTUGAL-AUTOMÓVEIS, LDA.
À venda nos Concessionários AUSTIN em todo o País

Texto de JOSUÉ DA SILVA
Fotos de NELSON DE VASCONCELOS

REPORTAGEM

O NATAL JÁ ESTÁ NAS RUAS

É P'RÓ MENINO E P'RÁ MENINA

Aqui é que é comprar barato, freguesas!

Todos os anos, sempre que se aproxima o Natal, o número (já de si elevado) de vendedores ambulantes, aumenta substancialmente nas ruas de Lisboa. O «fenómeno» tem uma explicação fácil. É que aos habituais vendedores de rua, vem juntar-se, mal soam os primeiros acordes do Natal, um verdadeiro magote de autênticos «negociantes de ocasião.» São os chamados **clandestinos,** que ao contrário dos **habituais** não pagam licença e só aparecem quando lhes cheira a pandemónio. Então surgem por todos os lados com os seus tabuleirinhos ou mesmo sem tabuleirinhos, estendem no chão a mercadoria e armam a algazarra que consideram indispensável ao bom sucesso das suas vendas: **É novidade p'ró Natal! P'ró menino e p'rá menina! Ó freguesa, olhe que aqui é que se compra barato! A última novidade no país e no estrangeiro!,** e por aí fora.

Então? Não vai nada p'ró netinho?

UM NACO DE ESPERANÇA

Mas não os olhemos com hostilidade. Afinal trata-se de gente de fracos recursos, que apenas vêm para a rua com os seus brinquedos, os seus enfeites de Natal e os seus cartões de Boas Festas, em busca de um naco de esperança: a esperança de também eles, poderem ter um Natal um tudo nada mais abundante e que de outra maneira nem lhes será permitido. Mas não o fazem com rostos dramátucos de pobres de pedir. Fazem-no com uma certa alegria, uma alegria de povo, na satisfação simples de saberem (ao menos) que estão neste mundo. Só entristecem quando as vendas por isto ou por aquilo, ficam fraquinhas. Este ano, foi o tempo. Natal é quadra de frio não invernia molhada, com bátegas constantes inundando a cidade. E quando o Natal obedece aos seus pergaminhos, quando os dias que o antecedem se apresentam de céu limpo, embora as brisas que fazem tiritar, até o pregão dos vendedores de rua «clandestinos» ou não, mostram outro tom, outra alegria.

Porém, este Natal, pelo menos á distância a que escrevemos este apontamento, veio bem encharcado para desespero dos «clandestinos», que não possuindo qualquer modo de defesa para a mercadoria exposta os habituais» sempre arranjam uns toldos, umas carripanas semicobertas tem dificuldade para assentar arraiais.

BOLETIM METEOROLÓGICO

Agostinho Andrade Gomes, é um dos «habituais». Paga a sua contribuição e desde há sete anos exerce a venda de rua como profissão.

... Se continua assim o tempo, este ano não vai dar nada diz-nos ele — E pelos vistos, a chuva não vai parar. Até ao dia 18 cairá a potes. Como é que se pode vender na rua?

Estranhamos o facto de Agostinho saber qual o período das chuvas.

Bom explica-nos ele como quem anda à chuva é que se molha, eu procuro estar sempre atento às informoções do Serviço Meteorológico. E **eles** anunciaram chuva até ao dia 18 do corrente.

Maria Fernanda Leite Rodrigues, não possui licença:

Eu nunca tiro licenças — confessa-nos — Para quê? São só uns diazinhos no ano, se vamos a pagar contribuições então não ganhamos p'ró petróleo. Já venho fazer o Natal para a rua de há quatro anos para cá. Eu ainda espero que o tempo se endireite. Hei-de ganhar o meu se Deus quiser.

Maria Odete Monteiro Araújo, também uma das «clandestinas» da venda na rua, declarou-nos:

Ainda é cedo para se fazer negócio. Quando começarem a faltar oito dias para o Natal é que a coisa aquece. Por enquanto está um bocadinho bera. Mas a gente há-de conseguir ganhar umas c'roas.

Nenhum deles, pelo que se vê, desiste do seu naco de esperança. E certamente que o Pai Natal lhes fará um jeitinho, retirando as chuvas que tanto prejudicam a hipótese de uma consoada um pouco mais farta.

Isto já é uma verdadeira «loja». Por isso paga contribuição

Nós também tratamos os 90% que os outros vêem de si.
TINTURARIA DO CHILE
PERSEC
RAPID IMPEC

ASTA
A pequena-grande boutique do Hotel Cidadela
CASCAIS — Telefone 283218

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por D.Maria do Carmo Barroso, Av. Major Joaquim José, Paiva, 10-3º-Dto. ALHANDRA

ENTREVISTA

João Zaragoza e Barradas: Os patrões reconhecem-lhe bom comportamento e aptidão profissional; no entanto, está sem trabalho

Despedimentos na Marinha Mercante

Nem todos irão ter as broas desejadas. Para alguns, a quadra terá mesmo o gosto da incerteza do ganha-pão. Assim é para João Zaragosa e Barradas de 49 anos, fazendo vida na marinha mercante há 24 como motorista prático. Vai passar o Natal em terra por se ver, de um momento para o outro, sem barco onde trabalhar:

— **Já é a terceira vez que sou despedido sem qualquer aviso ou indemnização. É que a minha profissão só serve para tapar buracos: substituo oficiais maquinistas quando há falta deles. Aconteceu-me isso no «Alcoutim», no «António Carlos» e agora no «Malange» onde trabalhei seis meses. Agora acabou-se. Tive que andar treze anos na pesca no Cabo Branco para tirar a carta de 1.ª classe e agora, em vez de melhorar a situação fiquei pior. E não falo só por mim; falo por todos os meus colegas que estão na mesma situação.**

FALTA DE OFICIAIS

Este depoimento levou-nos a contactar com o Sindicato Nacional dos Maquinistas, Motoristas e Ajudantes da Marinha Mercante do Distrito de Lisboa, que neste momento tenta resolver a precária situação de 2[illegible] associados despedidos sem justa causa, à semelhança de João Barradas. Falou-nos o sr. Mário Melo de Araújo, chefe de serviços daquele organismo:

— **Os maquinistas e motoristas práticos pertencem à classe de mestrança e como todo e qualquer marítimo estão sujeitos à legislação que lhes respeita — Decreto-Lei n.º 45 968 e Decreto n.º 45 969 de 15 de Outubro de 1964. A lei concede que os motoristas práticos substituam os oficiais maquinistas e praticantes de máquinas, na sua falta. Assim tem sucedido por falta de número de oficiais suficientes que, dado os baixos ordenados, não se sentiam incitados a ocupar tais funções. Mas, ùltimamente, aumentou o afluxo de oficiais de máquinas aos postos ocupados pelos motoristas práticos, por uma melhoria de condições materiais aliada à possibilidade de se fazer o serviço militar integrado na frota.**

A situação encontra-se esclarecida numa exposição do Sindicato em que se afirma:

«Dado que os maquinistas e motoristas práticos, quando em substituição de oficiais maquinistas, se matriculam a título provisório, estão assim sempre sujeitos, a que, logo que haja oficiais maquinistas interessados nos lugares, percam o lugar (e por vezes o emprego) devendo-se considerar tal situação, tanto mais — e apesar de terem todas as regalias inerentes aos oficiais maquinistas, conforme o disposto no Art.º 290º do R.I.M. — que estão a ser desvinculados do estipulado na cláusula 62.ª do C.C.T. da Marinha Mercante.

Para exemplo do que se referencia, cita-se, que a Companhia Nacional de Navegação, está adopatando, no despedimento de motoristas, sem justa causa, apenas alegando a necessidade de redução de pessoal e o abate cadencial das suas unidades, não pretendendo atribuir quaisquer indemnizações, pois consideram, que os mesmos a isso não têm direito pela sua «constante» situação de interinidade, o que, de certo modo colide com o facto, de, quando ainda ao serviço, receberem diuturnidades»:

INCOMPETÊNCIA

De facto, segundo nos foi dito, as empresas procedem aos despedimentos sem ter em conta indemnizações ou

Continua na pág 12

A SEMANA

1 OS PORTUGUESES DE AMANHÃ

No discurso que proferiu por ocasião da recepção aos representantes dos distritos que se deslocaram ao Palácio de S. Bento para agradecer a decisão governamental que promoveu a construção das auto-estradas, o prof. Marcello Caetano afirmou:

«Já notaram de certo o empenho que tenho posto, como Chefe do Governo, em que se dê primazia aos problemas da educação nacional. O futuro do País não depende tanto das obras materiais como dos homens que hão-de aproveita-las. Por isso me interrogo com angústia o que serão os portugueses de amanhã. Por isso insisto em que não basta instruir, é preciso educar. Por isso relembro a grave responsabilidade de quantos participam, como pais, como professores, como guias, na formação da juventude. Por isso julgo não devemos hesitar em sacrificar os membros corruptos se tal for indispensavel à salvação do cérebro ou do coração.

Porque as obras públicas, quando se deixe perverter o povo a que se destinam, são obras mortas. E é preciso que o não sejam. E preciso que Portugal continue a trabalhar na fé de Deus, na alegria do dever cumprido, pleno do optimismo da esperança e em ambiente fraterno de unidade, de entusiasmo e de confiança.

Só assim as estradas nos conduzirão a um futuro digno dos homens que somos e dos portugueses que nos orgulhamos de ser!»

2 GENERAL KAULZA DE ARRIAGA

O comandante-chefe das Forças Armadas de Moçambique, general Kaulza de Arriaga, chegou na quinta-feira a Lisboa para tratar de problemas ligados à defesa daquele território africano. Era aguardado no aeroporto por representantes dos ministros da Defesa e Corporações e Saúde e Assistência.

3 NOVOS BOMBEIROS

Efectuou-se no quartel do Batalhão de Sapadores Bombeiros, na Avenida D. Carlos I, a festa da passagem a pronto dos recrutas da primeira escola de 1972, com imposição de medalhas de exemplar comportamento ao pessoal da corporação.

● DEMOCRACIA

Democracia foi tema que mereceu a atenção do deputado Manuel José Homem de Melo, director do jornal «A Capital», num discurso proferido na Assembleia Nacional, segundo o qual o país **«não só não está preparado, como viria a sofrer os mais graves reveses se, nesta fase crucial, enveredasse por experiências políticas portadoras do germe da desagregação e instabilidade»**. Depois deste vaticínio o deputado continuou: **«A democracia não se decreta — merece-se. Nem se impõe — conquista-se. Merece-se através do civismo das populações, da preparação consciente das elites, da unânime aceitação das «regras do jogo» político»**. O discurso valeu-lhe a intervenção do deputado Miller Guerra que proporcionou um diálogo onde se definiram conceitos opostos e irredutíveis quanto à democracia e à liberdade.

4 GADOS

Iniciou-se na passada sexta-feira, prolongando-se até ao dia 15, a recolha de informações para o arrolamento geral de gados, patrocinado pelo Instituto Nacional de Estatística e a ser feita pelos serviços das Intendências de Pecuária.

Pretende-se conseguir uma informação actual da pecuária portuguesa, elemento imprescíndivel a possíveis acções de planeamento, fomento ou de comércio, através de uma imagem da situação estrutural e conjuntural do sector — descriminando espécies, raças, tipos de exploração, sua distribuição geográfica, etc. Os elementos serão apresentados de forma agregada perdendo o seu carácter inicial individualizado.

NATAL

O Pai Natal voltoù a sair à rua. Começa assim o natal comercial dos logistas da cidade, nesta altura em conflito com os seus empregados. Estes desejam dispor do domingo 24 para se juntarem às suas famílias e com elas festejar a quadra. Os patrões opõem-se ao encerramento dos seus estabelecimentos na véspera de Natal e não dispensam a presença de gente aos balcões. Face a isto, cerca de três mil empregados assinaram uma exposição que foi enviada ao presidente da Câmara Municipal de Lisboa pedindo o encerramento das casas comerciais na véspera de Natal. É um problema que se não põe ao comércio menor dos vendedores ambulantes de bugigangas ou castanhas.

5 PUBLICIDADE

Terminou em Lourenço Marques na quarta-feira, sob a presidência do governador-geral de Moçambique, eng. Pimental dos Santos, o I Seminário Internacional de Publicidade, iniciado a 27 de Novembro, em Lisboa. O tema que ocupou os congressistas durante a última sessão intitulava-se «Qual será o acontecimento mais importante da década de 70?». Finda a sessão solene de encerramento, na Câmara Municipal de Lourenço Marques, os participantes foram brindados com um jantar oferecido pelo prof. Fernandes de Carvalho da Universidade de Lourenço Marques.

6 SAÚDE

Existem no continente 567 estabelecimentos de saúde com internamento, 2667 sem internamento (na sua maioria postos médicos) e 2028 farmácias e postos de medicamentos — afirma-se na folha referente aos estabelecimentos de saúde publicada pelo Instituto Nacional de Estatística. Nos Açores há 32 com internamento, 114 sem internamento e 42 farmácias. Na Madeira, estes números descem, respectivamente, para 20, 69 e 38.

O número de camas existentes em estabelecimentos com internamento é de 50 084 no Continente e de 4393 nas ilhas, sendo 25 080 de estabelecimentos pertencentes ao Estado, 17 829 às Misericórdias e 10 867 a particulares.

Há mais camas nos estabelecimentos dos distritos de Lisboa (17 451), do Porto (7315) e de Coimbra (5255). Trás-os-Montes está particularmente desfornecido: o distrito de Vila Real tem 600 camas e o de Bragança 527. Nos Açores, o distrito de Ponta Delgada tem 943, o de Angra do Heroísmo 804 e o da Horta 193.

A estatística de doentes que foram internados em estabelecimentos de saúde gerais (portanto, excluindo as maternidades, os sanatórios de tuberculose, os hospitais psiquiátricos e outras instituições de menor representatividade numérica) refere 19.090 doentes no Continente e ilhas, dos quais 9122 em estabelecimentos do Estado, 7893 nas Misericórdias e 2033 em instituições particulares. Nos estabelecimentos especiais (os que foram atrás excluídos) registaram-se 17 103 doentes internados.

O pessoal em serviço nos estabelecimentos de saúde com internamento inclui 6483 médicos de ambos os sexos e 3070 enfermeiros, também de ambos os sexos. Distritos do Continente mais pobres em médicos trabalhando nos estabelecimentos com internamento: o de Bragança, com 58 médicos; o de Vila Real, com 55; e o de Beja, com 43.

MAESTRO BÁVARO SERÁ SEPULTADO NO JAPÃO

Tóquio, (ANI) — Será realizado hoje, o funeral do maestro Klaus Pringsheim, que faleceu na última quinta - feira nesta capital, vítimado por um ataque cardíaco. O prof. Pringsheim tinha 89 anos de idade e fora agraciado com numerosas condecorações pela sua contribuição para a promoção da música clássica ocidental no Japão.

O maestro vivia em Tóquio desde 1931 e, em 1959 foi condecorado pelo governo japonês com a Ordem do Tesouro Sagrado. Possuia também, entre outras comendas, a Cruz do Mérito do Estado da Baviera. Além de compositor, Pringsheim exercia tambem as funções de crítico musical e de ballet.

POLÍTICA

VOTAR PALAVRAS

Em conclusão das críticas que fez à proposta de Lei de Meios, na semana passada, o deputado Magalhães Mota, figura influente da SEDES, afirmou desencantado: **«Mais uma vez, votamos palavras».** Queria o deputado dizer, repetir, que a Lei de Meios sendo (continuando a ser) um mero enunciado de intenções, apresenta carências graves no aspecto de informação, além de nela própria se confessar a sua base em «falta de elementos», «elementos disponíveis» ou «aproximados». Documento essencial, pois servirá de suporte legal para a gerência do país, no próximo ano económico, a Lei de Meios, segundo o dr. Magalhães Mota, omite dados importantes sobre alguns dos sectores da política mais influente dessa gerência (casos da Educação, obras públicas, despesas militares) e demonstra à sociedade a urgência inequívoca da anunciada reforma administrativa, capaz de melhorar em condições de dignidade o trabalho do funcionalismo público e de dotar o Instituto Nacional de Estatística de meios para poder cumprir a sua função vital com vista ao planeamento seguro da actividade global do País.

É essa planificação, é a quantificação das coisas, as indicações concretas que faltam a um diploma que nem sequer pode ser alterado pela Assembleia, mas sim votado com o anúncio de sugestões; é tudo isso que Magalhães Mota lamenta, por entender que a Assembleia Nacional não pode cumprir conscientemente a sua tarefa se não dispuser, para aprovar ou legislar, de ideias claras e objectivas das coisas. Isso não acontece, o que leva alguns deputados a duvidar da eficiência do seu trabalho, tanto mais que, concretizou o dr. Magalhães Mota, **«nem as palavras lhes são ditas todas».**

A. Pereira da Silva

ECONOMIA

EM POUCAS PALAVRAS MUITAS «COISAS»

Por vezes é nas afirmações feitas sem grande aparato ou sem grande anúncio anterior que se encontram frases significativas, autênticas traduções do que anda pelo fundo das coisas.

Na cerimónia-manifestação de agradecimento ao Governo, particularmente ao Presidente do Conselho, pela resolução relativa às auto-estradas, encontramos exemplo e ilustração.

Em acto inesperado, e a nosso juízo insólito, a resposta do Presidente do Conselho aparece com duas afirmações do maior interesse e significado, além de também expressar um certo sem sentido daquela cerimónia quando afirmou a construção das auto-estradas episódio que «isolado, seria bem pouco significativo».

O que nas palavras do prof. Marcello Caetano merece a mais viva atenção e reflexão está contido na afirmação de que «o Estatuto retomou o seu papel de grande investidor, para proporcionar à iniciativa privada condições de expansão e para promover o progresso e o bem-estar colectivos».

Neste trecho permitimo-nos sublinhar a importância de se dizer expressamente que **o Estado retomou o seu papel de grande investidor.** Uma série de indícios possibilitava, sem grandes riscos, estimar que existia, nas intenções governamentais, a determinação de passar a tomar importante papel na formação de capital fixo, assim compensando a pequena capacidade de empresa de que a iniciativa privada tem dado provas.

Por outro lado, essa intenção revela, num segundo plano, que o Governo está na disposição de procurar alcançar taxas de crescimento económico que tenham dimensão europeia, no que respeita ao seu nível quantitativo.

Tanto mais que, — é o Presidente do Conselho que o afirma — as auto-estradas se inserem num plano de conjunto e, só assim, como «episódio de uma luta», a sua construção terá algum significado.

Para além da primazia à educação, também pareceu oportuno ao Presidente do Conselho, a propósito das auto-estradas e das obras públicas, falar na necessidade de «sacrificar membros corruptos».

Num pequeno discurso pudemos encontrar grandes temas e intenções que têm a ver connosco e o nosso futuro. A intervenção do Estado na actividade económica, e necessidade de um plano de conjunto, a primazia para a educação, um apontamento sobre a corrupção.

SÉRGIO RIBEIRO

JUVENTUDE

FOMENTO DA EXPORTAÇÃO

«Respira-se aqui um ambiente de juventude!» disse o secretário de Estado do Comércio, dr. Alexandre Vaz Pinto, nos brindes com que se encerrou o rápido almoço do último dia de trabalho da 3.ª Reunião Geral do Planeamento do Fundo de Fomento da Exportação, na terça-feira.

A reunião iniciara-se no domingo e concentrara num hotel de Sesimbra, em regime de clausura e à média de 16 horas diárias de trabalho, cerca de sessenta dirigentes e técnicos do Fundo, na sua maioria recrutados entre jovens licenciados e diplomados em ciências económicas e de empresa.

aquela **«imagem de país, imagem do futuro que queremos construír»** e que promoverá no estrangeiro as vendas da indústria nacional, nas palavras do presidente do Fundo, dr. Amaro de Matos.

Mais, menos ou nada reservados à sua participação na «modernização» do sistema, os técnicos do Fundo dedicam-se à gestão das «linhas de produtos» ao «marketing» e ao «planeamento central» e desenvolvem a sua «estratégia de conquista de mercaodos» em frentes que abrangem o mundo todo.

Apoiados no Governo, na banca e nas empresas, o Fundo propõe-se promover um crescimento mínimo de 30 por cento nas exportações portuguesas de 1973, a que se abrem as novas perspectivas do Mercado Comum alargado. Mas entre os mercados prioritários a prospectar contam-se a Austrália, África do Sul, a América Latina, o Japão e o Médio Oriente. Numa **«linha de acção»**, que também as palavras estão mais velhas...

NÚMEROS

TURISMO

O enorme desenvolvimento turístico a que o Algarve tem servido de base, não trouxe até agora uma real melhoria das condições de vida para a sua população. É o que se poderá verificar com base em alguns números fornecidos pelo jornal «Comércio do Funchal». No que se refere ao distrito de Faro, importante zona turística, além de um agravamento dos preços de bens de consumo de primeira necessidade, há a frisar as precárias condições de habitação: 17 por cento das famílias estão mal alojadas; 24,1 por cento das habitações não têm electricidade; apenas 27,3 por cento possuem esgotos; 14,9 por cento possuem casa de banho; 23,4 por cento têm água canalizada. Será também interessante seber (os números foram publicados pelo I.N.E) que apenas 1 por cento da população de Faro usufrui de um rendimento anual de 60 a 90 mil escudos; em contrapartida, 39 por cento tem uma receita anual inferior a 18 mil escudos.

PERÚS «PER CAPITA»

Se a quadra que corre é para muitos de alegria, para o perú estes são dias de mortal tristeza. Mas, valha a verdade, não são muitos os galináceos a ser massacrados pelos pantagruélicos apetites do Natal. De facto, o nosso consumo anual «per capita» de carne de perú é bastante baixo: oscila entre 0,1 a 0,12 kg. O regime de artesanato a que está sujeita a criação do perú faz com que a sua produção não ultrapasse as 1600 toneladas.

DOSSIER INTERNACIONAL

AS APREENSÕES DE MAO TSÉ TUNG

Mao Tse Tung com Chu En-Lai e Lin Piao.

Mao Tse-Tung está preocupado com a possibilidade de um levantamento das direitas na China, depois da sua morte. E essa preocupação não data de hoje, nem de ontem. É claramente evidente em muitos dos seus escritos e observações dos últimos anos.

Numa carta agora divulgada — e que teria escrito á mulher, Chiang Ching, em Julho de 1966 — Mao fala da possibilidade de um golpe por elementos direitistas, depois da sua morte.

Os observadores políticos de Hong Kong sobre assuntos chineses têm umas poucas dúvidas sobre a autenticidade da carta, que parece ter sido publicada em ligação com a campanha contra Lin Piao, o antigo ministro da Defesa de Mao e seu sucessor designado, que morreu no ano passado quando conspirava contra o presidente.

Muitos destes analistas acreditam porém, que a carta deve ter sido submetida, muito provávelmente, a alguns retoques, com vantagem para as insinuações destinadas a fazer crer que Mao tinha conhecimento de algumas das duplicidades de Lin logo na primeira fase do seu jogo.

Assim, quando Mao se refere a uma possível «intentona direitista», queria talvez significar uma erosão interna, mais do que próprìamente um golpe clássico.

A erosão interior foi a centelha que iniciou a revolução cultural, que Mao lançou em meados da década de sessenta, era o de travar as tendências direitistas que em seu entender estavam a destrurir internamente o regime comunista chinês.

Revisionismo — assim lhe chama Mao — que o considera um insidioso mal político, que corrompeu a União Soviética e estava a fazer o mesmo á China, até ser posta em movimento a Revolução Cultural.

Os factores que provocam o revisionismo estão sempre presentes — diz Mao — e é necessária uma constante campanha para manter o país em guarda contra essa ameaça.

Uma falha neste ponto — salienta — conduziria «este país de novo ao caminho capitalista».

Isto — acrescenta — é a razão por que a Revolução Cultural tem de ser um movimento contínuo criticando constantemente as tendências para a direita e realizando grandes depurações de tempos a tempos.

A ideia de uma revolução continua é aquilo a que os chineses chamam a principal contribuição de Mao para a teoria comunista.

E um prolongamento do Marxismo -Leninismo, que oferece uma revolução proletária, mas não tem próprìamente em consideração a necessidade de uma revolução constante contra os elementos revisionistas.

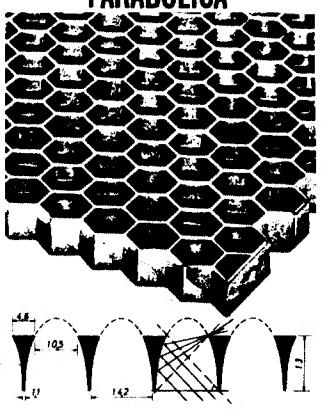
O conceito maoista da Revolução Cultural,toma conta desse aspecto da revolução.

A preocupação de Mao é, porém, a de saber se a Revolução cultural será ou não, continuada, depois de ele ter desaparecido.

Tem a «Compact», pequeno modelo autónomo, de pilhas, que cabe no bolso e não pesa na bolsa. Tem a «Standard», de duas cabeças, económica, rápida, eficaz.
Tem a «Especial» com três cabeças, simples e prática.
Tem a «De Luxe», de estilo requintado, com três cabeças, corta-patilhas e interruptor. Finalmente, tem a «Universal», modelo «recarregável», com três cabeças, corta-patilhas, conta-barbas e luz avisadora de carga.
Já escolheu? Todas são Philishave 90 Super com novas cabeças flutuantes de 90 ranhuras em vez de 60. Isto significa que V. ganha um barbear 50% mais rápido e mais suave. Visite um Agente Philips e peça uma demonstração.

PHILISHAVE 90 SUPER a suavíssima

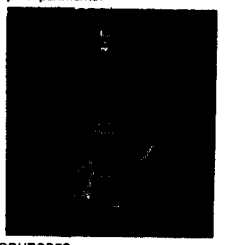
ILUMINAÇÃO FLUORESCENTE
GRELHA DIFUSORA PARABÓLICA



JF
J.F. DE AZEVEDO E SILVA & C.ª, L.DA
TEL. 654165 * LISBOA

PASSAPORTES
Com rapidez e economia
TRANSNAUTICA
Agência de Viagens e Turismo
R. Duque Palmela, 35/37
LISBOA

PELA PRIMEIRA VEZ... EM PORTUGAL!...
COCONUT!
UMA CRIAÇÃO PORTUGUESA!...
Licor Especial Superfino
Rico em propriedades tónicas, estimulantes e digestivas...
Muito agradável com café, chá mate torrado e como saboroso refresco à maneira de Whisky! Experimente!



PRODUTORES:
DANIEL LAPA, LDA.
Telef. 57631 — PORTO
DISTRIBUIDORES EM LISBOA E ARREDORES
DUARTE DIAS, LDA.
Telef. 784512/3

LUSTRES
Fazemos novos, reparamos, transformamos ao gosto do cliente. Fábrica: Av: 5 de Outubro 203-r/c. Esq. Tel. 771639 (Ao Campo Pequeno).
VENDA AO PÚBLICO

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por António Gomes, Agente de Jornais — TERMAS DE S. PEDRO DO SUL

7 DIAS

COMENTÁRIO INTERNACIONAL

Esta saudação efusiva trocada pelo conselheiro do presidente Nixon e o delegado norte vietnamita nas conversações de Paris, deu origem a previsões optimistas por parte dos «observadores políticos especializados».

1 DOMINGO

«Não há nem haverá guerra civil no Chile» afirmou arriscadamente o presidente Salvador Allende durante a sua passagem pela Cidade do México, início da viagem que o levaria a Nova York, para falar nas Nações Unidas, a Argel, a Moscovo e a Havana, primeira capital de um regime marxista na América Latina. A afirmação do presidente pode ser interpretada como transparecendo uma nova tranquilidade. Na verdade, Allende tem afirmado desde o início do seu mandato que «à violência reaccionária, responderemos com a violência revolucionária». A recente agitação no país, quando do «lock out» dos proprietários dos camiões, pode ter representado uma última tentativa das direitas para chamar o Exército para o seu lado. Allende chamou dois generais para o Governo e a crise está, pelo menos na aparência, sanada. Tão sanada que o presidente se permitiu abandonar o país por 14 dias. Contudo, é necessário saber até que ponto a entrada do general Pratts para o Governo veio colocar o Exército definitivamente ao lado da Unidade Popular. É verdade que aquele general demitiu já alguns dos seus colegas de armas, em virtude de estes estarem envolvidos em planos para derrubar o Governo constitucional. A entrada dos generais tem aspectos imediatamente positivos para o Governo popular, mas pode também apresentar um certo perigo para ele. Nesse sentido, é natural que o presidente deseje criar as condições legais para que a sua presença não seja mais necessária. Trata-se de levar a cabo o velho projecto de reforma constitucional que a oposição conservadora derrotou no Congresso. Nessa altura, a «legalidade burguesa» terá permitido a constituição de «uma legalidade revolucionária», tal como Allende preconizou desde o início.

2 SEGUNDA

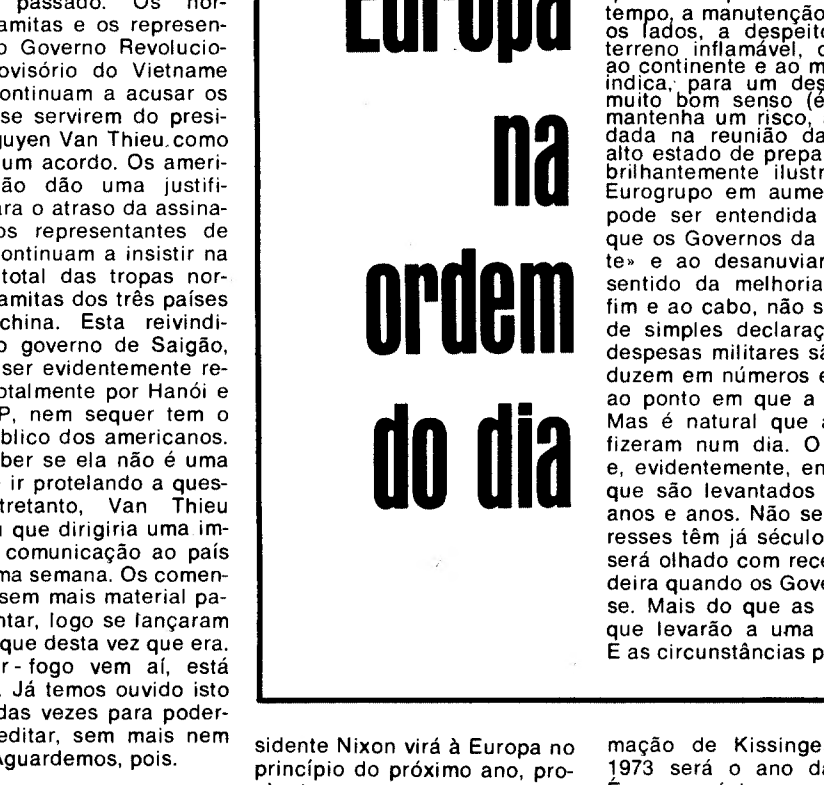
As Honduras, pequeno país da América Central, assistiram ao seu 136.º golpe de Estado em 151 anos de existência do país. Desta vez, o autor do golpe é um reincidente, o general Oswaldo Lopez Avellano. É a terceira vez que este militar assume a direcção do país. Da primeira, naturalmente, ele subiu também através de um pronunciamento. Da segunda, fez-se eleger, pois detinha as rédeas do Poder. Ao que disseram os telegramas, a calma não deixou de reinar na pequena república. Nem sequer correu sangue. Nada mais natural num país tão habituado a estas coisas. Em si, o facto nem merecia que sobre ele se pensasse mais do que dois minutos. Mas a verdade é que há muito quem chame a atenção para as independências permaturas em diversos pontos do Globo, as quais, para as pessoas que as acham temporãs, dão origem à instabilidade e, eventualmente ao domínio desses países por potências estrangeiras. As Honduras são independentes há 151 anos e nem por isso a estabilidade ali reina. A instabilidade não vem da antiguidade da independência. Que o digam os hondurenhos e até os europeus que até há 25 anos estiveram sempre a envolver-se em guerras, apesar de muitas das suas independências serem milenárias.

3 TERÇA

Pausa nas negociações de Paris para a paz no Vietname. Segundo os telegramas, Henry Kissinger recebeu mais instruções do seu chefe e aconselhado, o presidente Richard Nixon. Uma vez que tudo se passa dentro do segredo dos encontros entre aquele conselheiro e o enviado especial de Hanói, o membro do Politburo Le Duc Tho, muito difícil é descortinar qual a razão por que não se chegou ainda a um acordo. Ou melhor por que razão não é assinado aquele que foi concluído, entre os membros negociadores, em Outubro passado. Os norte-vietnamitas e os representantes do Governo Revolucionário Provisório do Vietname do Sul continuam a acusar os EUA de se servirem do presidente Nguyen Van Thieu como travão a um acordo. Os americanos não dão uma justificação para o atraso da assinatura e os representantes de Saigão continuam a insistir na retirada total das tropas norte-vietnamitas dos três países da Indochina. Esta reivindicação do governo de Saigão, além de ser evidentemente rejeitada totalmente por Hanói e pelo GRP, nem sequer tem o apoio público dos americanos. Resta saber se ela não é uma forma de ir protelando a questão. Entretanto, Van Thieu anunciou que dirigiria uma importante comunicação ao país na próxima semana. Os comentadores, sem mais material para comentar, logo se lançaram a prever que desta vez que era. O cessar-fogo vem aí, está iminente. Já temos ouvido isto demasiadas vezes para podermos acreditar, sem mais nem menos. Aguardemos, pois.

4 QUARTA

Em Washington, os observadores qualificados (que nomes se dá aos jornalistas!) afirmam julgar que o presidente Nixon virá à Europa no princípio do próximo ano, provàvelmente pouco depois da inauguração do mandato que revalidou nas eleições de 10 de Novembro. Os «observadores qualificados» devem ter razão. Pelo menos, é lógico que a tenham, mesmo que não prestemos muita atenção à afirmação de Kissinger de que 1973 será o ano da Europa. É que o próximo ano será mesmo o ano da Europa, a menos que rebente alguma coisa perfeitamente imprevisível. Nesse sentido parece mais do que lógico que, ante as imensas decisões que se virão a tomar e que podem afectar os interesses americanos, o presidente venha, ele próprio, advogar as conveniências americanas. O quadro das relações na Europa está, na verdade, a modificar-se. A dinâmica dos acontecimentos em curso leva aparentemente a uma deterioração das posições americanas no continente. Nixon, lesto e autoritário, virá tentar salvar o que for possível.



5 QUINTA

Depois de algumas hesitações, o governo francês, a pouca distância das eleições, anunciou o seu plano de combate à inflação. Trata-se claramente de uma medida com vista a melhorar as posições da maioria face a uma União Popular cada vez mais popular. Na verdade, o custo de vida, sempre a agravar-se nestes últimos tempos, tem sido o cavalo de batalha da oposição de esquerda. Essa tactica tem pago os seus dividendos, pois a União Popular (que une, em volta do programa de governo, os Partidos Comunistas e Socialista e o Movimento da Esquerda Radical Socialista) é aí a mais importante formação. O plano apresentado por Valery Giscard d'Estaing pretende aliciar aqueles que naturalmente se inclinariam para a União Popular. Basta lembrar que se pretende atenuar os impostos indirectos que são, como se sabe, aqueles que mais atingem os trabalhadores e consumidores. Porém, de acordo com os especialistas burgueses (alguns dos quais como Pinay foram consultados por Pompidou) as medidas a tomar deveriam ser mais drásticas, compreendendo, como nos EUA e em Inglaterra, o comgelamento de preços e salários. Obviamente essa medida era demasiado antipopular para que o governo, já em grandes dificuldades, a pudesse adoptar. No fundo, o plano anunciado não é mais de que uma tentativa no sentido de mostrar que se está a pensar no caso, sem se querer ir ao fundo da questão, mesmo do ponto de vista governamental.

Caso a actual maioria se consiga manter no poder depois das eleições — aliada ou não ao movimento reformador de Lecanuet e Servan-Schreiber), ter-se-á de tomar outras medidas, estas já sem a preocupação da popularidade que possam ter. Evidentemente, a União Popular não se esquecerá de lembrar isto aos eleitores.

6 SEXTA

Lua. Tratase-se um acontecimento que já não excita a imaginação das pessoas

Não há dúvida, o homem acostuma-se a tudo, mesmo o mais extraordinário.

É pois com naturalidade que se deve encarar o facto de esta ser a última missão tripulada dos americanos a Lua. O efeito publicitário já não existe. Os benefícios cientificos não podem ser muito alargados se se continuar a utilizar os actuais métodos, concebidos mais para aproveitar o que de espectacular há nas viagens espaciais do que para fins meramente científicos. As viagens pelo espaço vão continuar, mas os autómatos serão cada vez mais utilizados em detrimento dos homens.

7 SÁBADO

Os resultados do referendo na República da Irlanda sobre a «posição especial» da Igreja Católica no país foi como se esperava favorável às propostas do governo no sentido de essa posição e os direitos a ela inerentes acabar, de modo que seja mais fácil a reunificação com o Norte protestante. Contudo, não só metade do eleitorado não se deu ao trabalho de ir votar, como os dirigentes protestantes do Norte imediatamente anunciaram não atribuir qualquer significado importante à votação. Neste referendo, pode ter tido importância a aprovação da redução da idade dos eleitores para 18 anos. O resto não passou de declarações de boas intenções sem qualquer futuro.

A. VILLAVERDE CABRAL

A Europa na ordem do dia

A Europa está na ordem do dia. A par das conversações exploratórias sobre a conferência europeia para a segurança e a cooperação, reuniu em Bruxelas o conselho ministerial da NATO para o seu encontro semestral do Inverno. Os assuntos tratados estiveram quase todos directamente relacionados com as alterações que se estão a verificar no nosso continente. Os «quatro-grandes» da Aliança puseram-se de acordo sobre um calendário para o estabelecimento de relações diplomáticas com a República Democrática Alemã. Por seu lado, a Alemanha Federal, dentro da sua diplomacia de abertura a Leste e de regularização das relações com a outra Alemanha, pediu aos aliados que tomem uma posição favorável em relação a Berlim Leste, no quadro das relações diplomáticas. Por outro lado o conselho advogou a melhoria das relações com o Leste em geral. A «euforia da détente» de que se me tinham queixado alguns altos funcionários da aliança, em Junho, parece ter atingido os altos comandos dos Governos dos países membros. Porém, ao mesmo tempo que se defendia a melhoria das relações com o Leste e, consequentemente, o desanuviamento os ministros advogaram também que se mantivesse o actual nível, pelo menos, das tropas do Pacto, de forma a manter um equilíbrio que se julga proveitoso. Não se pode, no entanto, deixar de suspeitar que os Governos da NATO estejam, no fundo, convictos de que a dinâmica do desanuviamento conduz a uma qualquer forma de desarmamento e, finalmente, ao desmantelar dos pactos militares. Na verdade, se é certo que eles (os Pactos) mantêm um equilíbrio que permitiu à Europa viver sem guerra desde 1945, não é menos certo que esse equilíbrio se faz pelo terror ambivalente. Ao mesmo tempo, a manutenção de largos efectivos de tropas, de ambos os lados, a despeito de todos os controlos, constitui um terreno inflamável, onde qualquer faúlha pode deitar fogo ao continente e ao mundo. Se se caminhar, como tudo agora indica, para um desanuviamento de facto, não parece de muito bom senso (é o menos que se pode dizer) que se mantenha um risco, aparentemente desnecessário. A ênfase dada na reunião da NATO à necessidade de manter em alto estado de preparação as tropas da Aliança, ênfase essa brilhantemente ilustrada pelo compromisso dos países do Eurogrupo em aumentarem as suas despesas militares, só pode ser entendida como sendo o resultado dos temores que os Governos da Aliança ainda têm em relação à «détente» e ao desanuviamento. Na verdade, as declarações no sentido da melhoria de relações com o Leste podem, ao fim e ao cabo, não se vir a concretizar, não passando assim de simples declarações. Por outro lado, os aumentos das despesas militares são realidades bem palpáveis que se traduzem em números e em armas. Ainda não se chegou, pois, ao ponto em que a confiança no futuro supera os receios. Mas é natural que assim aconteça. Roma e Pavia não se fizeram num dia. O processo do desanuviamento é longo e, evidentemente, encontra pela frente inúmeros obstáculos que são levantados pelos interesses firmados ao longo de anos e anos. Não será sequer exagero dizer que esses interesses têm já séculos. Tudo o que os possa vir a prejudicar será olhado com receio e só se caminhará para a paz verdadeira quando os Governos europeus não tiverem outra hipótese. Mais do que as boas vontades, serão as circunstâncias que levarão a uma segurança em cooperação na Europa. E as circunstâncias parecem ser favoráveis neste momento.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Ramalho e Madruga «Papelaria Simões». Praça da República, 72 — VENDAS NOVAS

PILULAS DE
ALHO
ROGOFF
EXTRACTO CONCENTRADO
DE ALHO FORTE

CONTRA AS MANIFESTAÇÕES ARTRÍTICAS, REUMATISMO, E VELHICE PRECOCE.

PREPARADO POR:
M. WOELM. ESCHWEGE
(Alemanha-Ocidental)

À VENDA NAS FARMÁCIAS
FRASCO COM 180 PILULAS

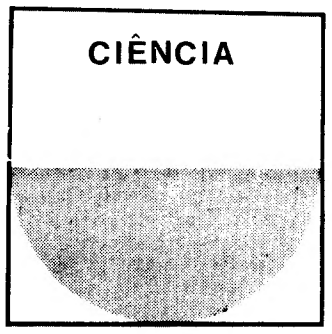
Representantes para Portugal:
CREFAR – R. DA MADALENA, 171-2.º – LISBOA

ARMÁRIOS
ESTANTES
ROUPEIROS
e quaisquer outros MÓVEIS modernos ou de estilo, por desenhos, executa o fabricante
ARTIS
Rua Maria Andrade, 64
(perto da igreja dos Anjos)
Telef. 84 87 19

OFEREÇA no NATAL
MOËT
&
CHANDON
Champagne
PREFERIDO, DESDE 1743, PELOS «CONNAISSEURS»
REPRESENTANTE EXCLUSIVO
EMPOR, S A R L
RUA DOS FANQUEIROS, 30 • TEL
LISBOA-2

Desperdiçar não é grandeza. Coloque as suas economias em objectos que valham.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

CIÊNCIA



APOLO
A LUA ESTÁ MAIS PERTO

Cernan, veterano do voo experimental orbital Apolo 10, previu que a missão de doze dias e dezasseis horas poderá ser a mais proveitosa visita de norte-americanos ao satélite da terra. Será também a última descida na Lua esta década e possívelmente este século.

A Apolo 17, com três homens a bordo, encerra espectacularmente o programa de exploração lunar que importou em 25 mil milhões de dolares, lançado há onze anos pelo presidente John Kennedy

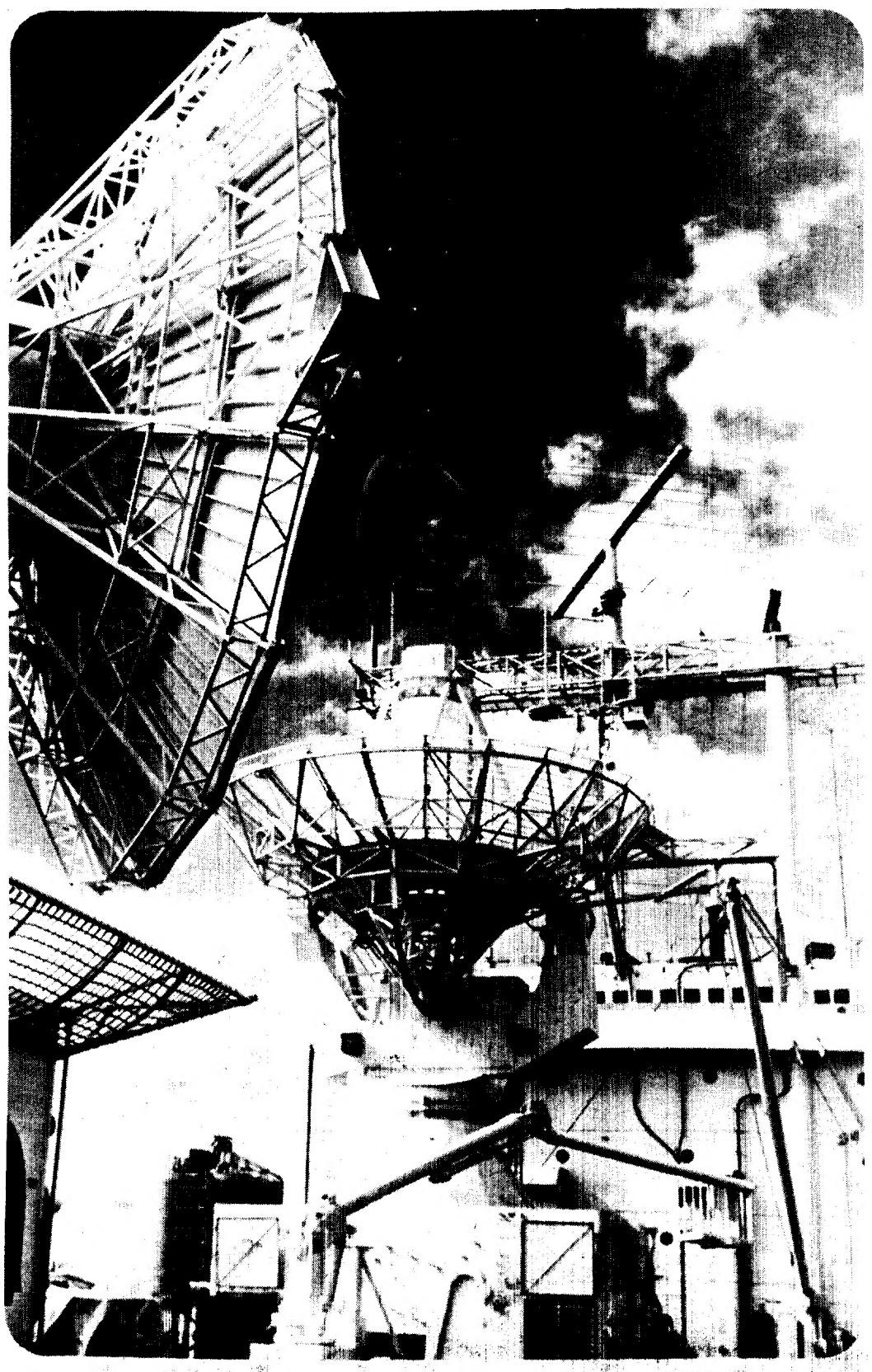
Jim Lovell parecia assustado; Neil Armstrong muito calmo; Frank Bormann rezava; Al Shepard, confiante; Wally Schirra brusco, e Peter Conrad orgulhoso.

Estes foram os homens que puseram em prática o programa espacial de mais de 25 milhões de dólares e que seis meses antes de acabar a década cumpriram a promessa do presidente John Kannedy de haver homens na Lua antes do fim da década de sessenta.

O momento culminante do programa «Apolo» deu-se em vinte de Julho de 1969. Com milhões de pessoas a assistirem ao acontecimento pela televisão, Neil Armstrong informou, a 402 mil e 340 quilómetros da Terra:

«Houston, o «Eagle» desceu na Lua.»

Este feito, quando o prestígio norte-americano estava em perigo em todo o mundo, culminou um programa que começara havia doze anos, depois de os russos terem iniciado o seu programa espacial.



O acontecimento ultrapassou até o trágico incêndio a bordo da primeira cápsula «Apolo», em que morreram três homens quando a nave se incendiou na rampa de lançamentos, durante um teste, em 27 de Janeiro de 1967, causando a morte a Virgil Grissom, Edward White e Roger Chafee, ameaçando fazer ruir todo o programa espacial norte-americano de voos comandados pelo homem.

Ano e meio mais tarde, com cerca de um milhar de alterações feitas na nave espacial, Walter Schirra, que morava ao lado dos Grissom, comandou o primeiro voo «Apolo», tripulado pelo homem. Seria também a última missão do astronauta.

Era Wally Schirra quem devia fazer funcionar a «Apolo 7».

Em entrevista concedida em Denver, Colorado, Shirra afirmou:

«Morreram três homens por minha culpa. Tinha que me preocupar com qualquer falha técnica que nos pusesse em perigo. As tripulações não podem usar fumos negros.»

A agressividade de Schirra, que por várias vezes se recusou a cumprir ordens, terá por vezes irritado os funcionários espaciais, mas a oração de Franck Bormann na véspera de Natal, quando, dois meses mais tarde, fazia uma viagem à volta da Lua, emocionou todos, assim como a uma audiência mundial. Era a primeira vez que um homem desaparecia para além da face oculta da Lua.

«Dá-nos, senhor, a possibilidade de podermos ver o amor florir na Terra, em vez dos erros humanos. Dá-nos a sabedoria de podermos continuar a rezar com corações iluminados, e mostra-nos o que cada um de nós pode fazer para que chegue o dia da paz universal. Amen.»

A primeira visão da Lua espantou a tripulação da nave.

«Olhando-a pela primeira vez, vimos a superfície da Lua, rude e hostil» — recorda agora Borman — «esse momento foi um dos mais impressionantes de toda a minha vida.»

Três missões mais tarde, Armstrong fez descer na Lua uma nave de tipo assustador, a «Eagle», que, para tentar aterrar levantou nuvens de poeira lunar.

Nesse dia, Armstrong e Edwin Aldrin fizeram história, descendo no mar da Tranquilidade, enquanto Michael Collins os esperava, em órbita lunar.

Milhões de espectadores viram pela televisão Armstrong fazer descer a nave sobre o solo lunar.

«Demos um pequeno passo para um homem, mas um grande passo para a Humanidade» — **afirmou então Armstrong.**

Na «Apolo 12», Charles Conrad, ao sair da nave, afirmou:

«Caramba, o tal passo pode ter sido pequeno para Armstrong, mas é muito grande para mim.»

O alegre Conrad saltou na Lua como um feliz canguru australiano, gritando:

«Como isto é bom. E mole.»

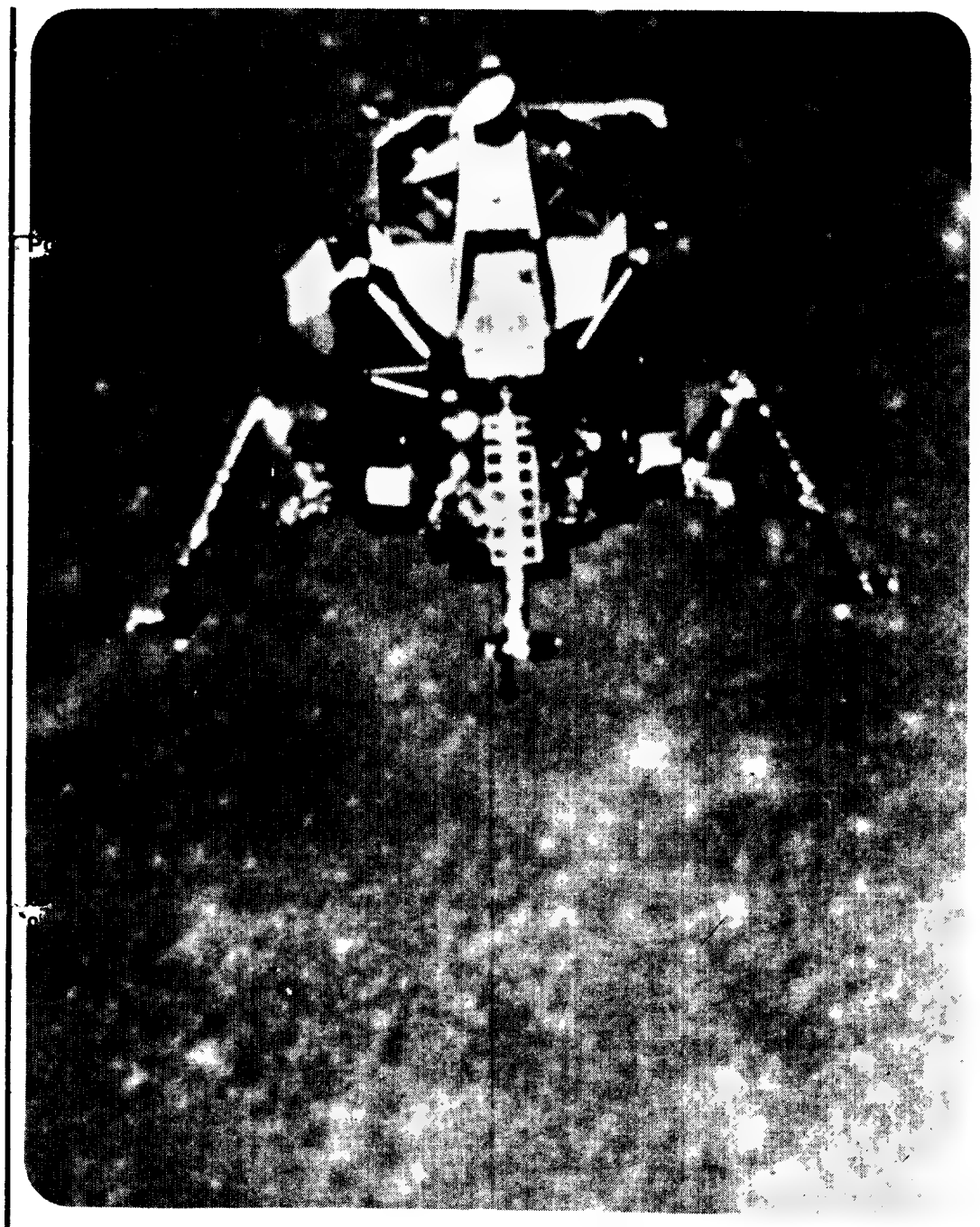
A atitude bem disposta de Conrad mudou na missão seguinte, quando o veterano astronauta, Alan Shepard, realizou um sonho de quase dez anos.

O astronauta milionário de 47 anos alcançou um triunfo pessoal e também um triunfo para os homens de meia-idade de todo o Mundo — descendo nas colinas da Lua.

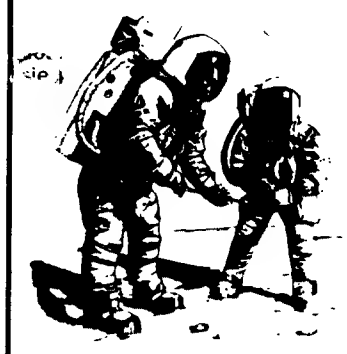
Louise, a mulher do astronauta, disse:

«Já não pode considerar-se velho, ele, que encontrou a sua terra prometida.»

O objectivo da «Apolo 17» é trazer para a Terra rochas da zona cientìficamente mais misteriosa das cinco anteriores viagens à Lua. Calcula-se que esta missão venha a proporcionar as peças finais necessárias ao quebra-cabeças da história de quatro mil e quinhentos milhões de anos da Lua.



Shepard, que em 19 fora o primeiro norte-americano no Espaço, teve de ficar em Terra durante seis anos, devido a um problema de audição. Com uma operação secreta e com uma perseverança quase incrível, o mais velho dos astronautas conseguiu voar de novo, na companhia dos mais jovens.



Foi essa perseverança que fez que o programa «Apolo» continuasse depois de um atraso de quase um ano, causado pela explosão da «Apolo 13». O programa «Apolo» encontrava-se no seu sétimo voo quando o piloto do módulo de comando da «Apolo 13», John Swigert, avisou: «Eh! temos um problema...»

Em Houston pediram ao comandante da nave, James Lovell, para repetir, e este revelou ao mundo que havia qualquer coisa que não estava bem a bordo.

Lovell, o astronauta mais experiente daquela missão, conseguiu fazer com que a nave e os seus tripulantes regressassem à Terra, enquanto o mundo esperava ansiosamente.

Os astronautas não confessaram que tivessem estado, por uma única vez, preocupados. Mas Lovell revelou que, na altura, se assustara.

«Quando olhei pela vigia da nave e vi todo aquele oxigénio a perder-se para o Espaço, vi que havia qualquer coisa a correr bastante mal. Foi então que nos surgiram muitas dúvidas» — afirmou Lovell depois de chegar são e salvo a terra.

«A confiança só voltou quando vi os três para-quedas que amortecem a descida da nave no mar, ao regressar à Terra.

Em Julho de 1971, o comandante da missão «Apolo 15», David Scott, e os seus camaradas James Irwin e Alfred Worden levaram para a Lua, sem autorização, 398 sobrescritos comemorativos, para receberem cada um deles o prémio de sete mil dólares oferecido pelo alemão federal Walter Eiermann.

Mais tarde, os astronautas decidiram recusar o dinheiro, mas Eiermann vendeu 99 dos envelopes a mil e quinhentos dólares cada um.

Os três astronautas foram repreendidos e deixaram o corpo de astronautas: Scott, de quarenta anos, é assistente técnico do director do programa espacial «Apolo»

Worden, também com quarenta anos, é engenheiro de pesquisas e piloto de testes num centro de pesquisas em Mount View, Califórnia.

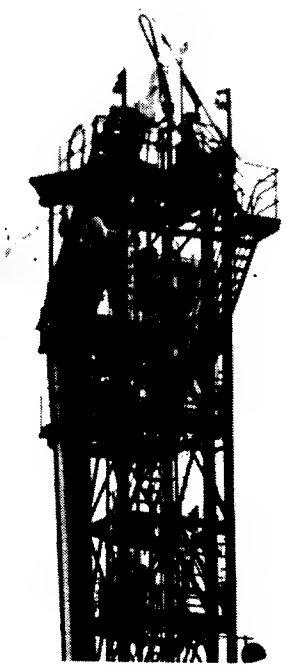
Irwin, de 42, e chefe de uma fundação evangélica, com fins benemerentes, em Colorado Springs

Além da tripulação da «Apolo 15», também as das «Apolo 7, 8 e 11» já não fazem parte do corpo de astronautas norte-americanos:

Armstrong e professor de Engenharia na Universidade de Cincinnati e Aldrin escreve a sua autobiografia em Hidden Hills, na Califórnia. Collins é director do Museu Nacional do Ar e do Espaço da Fundação Smithsonian. Donn Eisele, da «Apolo 7», é director de um «corpo de paz» na Tailândia, e Walter Cunningham, o outro tripulante da «Apolo 7», chefiada por Schirra, trabalha para uma empresa de Houston.

O comandante da «Apolo 8», Borman, é vice-presidente de uma companhia de aviação em Miami, na Florida Outros dos tripulantes da «Apolo 8»: Lovell trabalha em terra, no Centro Espacial de Houston, e William Anders, o terceiro, da «Apolo 8» é secretário executivo do Conselho Nacional da Aeronáutica e do Espaço, em Washington.

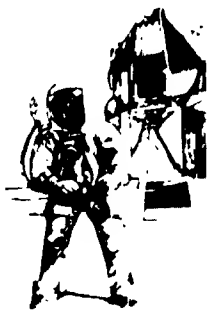
Doze dos outros dezoito astronautas, incluindo Stafford Conrad, são ainda astronautas.



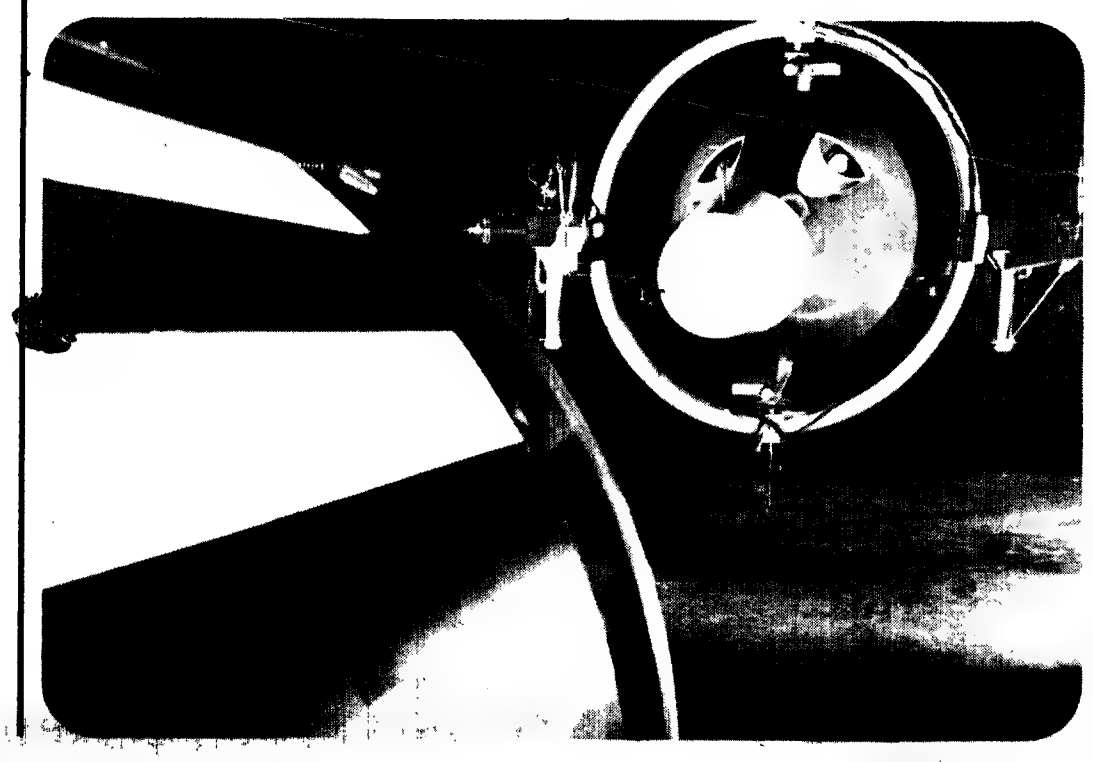
Conrad, de 42 anos, foi já escolhido para comandar a primeira tripulação da próxima fase do programa espacial norte-americano: os laboratórios espaciais.

«Enquanto houver um emprego para mim em Houston, ficarei aqui afirmou Conrad.

Este foi o espírito que fez com que o programa se tornasse a esplêndida realidade



que vai terminar agora, quando a «Apolo 17» concluir a sua missão, que se iniciou no dia 6, em Cabo Kennedy.



ALCATIFAS

DA

FÁBRICA AO PÚBLICO
VENDAS DIRECTAS

Lopes dos Santos, Lda.

Armazéns — Retalhistas
Tapeçarias * Cortinados
Tapetes * Alcatifas
Veludos * Papéis pintados
Carpetes francesas e belgas
DECORAÇÕES
Rua Augusta, n.º 84
TELEF. 323637

ESCLARECIMENTO

Pessoa amiga notou o meu silêncio, após a publicação de um «esclarecimento» aparecido no **«Diário de Lisboa»** de 3 de Novembro e proveniente dos Serviços de Espectáculos da Secretaria de Estado de Informação e Turismo. Só dez dias depois do seu aparecimento no D.L. tomei, portanto, conhecimento do aludido «esclarecimento». No passado dia 14, conjuntamente com críticas a **Macbeth** e **Adeus, Cegonha, Adeus** enviei para o D.L. uma resposta minha que, entretanto, se deverá ter extraviado. Por este conjunto de circunstâncias só agora acuso a recepção desse texto.

A 23 de Outubro, escrevi no D.L. um pequeno comentário sobre **«Os Piratas do Ar»**, onde dizia: «O pirata é um sargento do exercito dos EUA, atacado de loucura, em virtude de qualquer facto relatado num **flash back** que, entre nós, se não vê. **Domage»**.

A 3 de Novembro, os Serviços de Espectáculos da S.E.I.T. «informam que o referido filme foi aprovado pela Comissão de Exame e Classificação de Espectáculos sem qualquer corte».

A informação merece-nos, primeiramente, o mais vivo regozijo, tanto pelo facto deste filme ter sido admitido sem cortes, como até pelo público esclarecimento que é prestado aos leitores do D.L. e ao público em geral. Acontece, porém, que em nenhuma parte da minha pequena crítica se atribuía qualquer corte à Comissão de Exame e Classificação de Espectáculos. Pressupus eu, ao ver o filme, que uma qualquer sequência havia sido escamoteada na cópia projectada em Portugal, pelo menos na sessão a que assisti (Cinema Condes, sessão das 18,45 horas, do dia 16.10.1972). Esta atitude levanta várias hipóteses, todas elas a confirmar pelas partes visadas:

1) o filme fora cortado pelo produtor americano, quando enviado para Portugal;

2) O filme fora cortado pelo didtribuidor português, antes de ser apresentado à censura, eliminando assim sequências, cenas ou planos que se calculavam ir chocar a referida comissão e que, incluídos no filme, poderiam ir prejudicar a sua classificação, inclusivé a sua admissão para a exploração em território metropolitano (prática muito utilizada por quase todos, senão todos, os distribuidores nacionais...);

3) O exibidor cortara o filme;

4) O projeccionista do cinema onde o filme era exibido cortara uma sequência, por exemplo, numa precipitada mudança de bobine;

5) O filme fora mal montado pelos técnicos (o que é dificil de admitir, vinda a película de estúdios americanos que, pelo menos nesses aspectos, não desculpam falhas deste tipo, nomeadamente em filmes de altos orçamentos, como era o caso presente);

6) O filme fora cortado pela Comissão de Exame e Classificação de Espectáculos (e, neste caso, não seria ainda de pôr de lado a hipótese desse corte ter sido sugerido por qualquer das partes interessadas, por exemplo para o filme poder ser exibido para grupos de espectadores de idade inferior aquele para que o filme fora aceite integralmente. Se um filme é autorizado sem cortes para o grupo D, muitas vezes um distribuidor pede para cortar tal ou tal sequência de forma a que o filme possa ser visto pelo Grupo C, ou B. Outra prática bastante corrente...);

7) Ultima hipótese: Eu, Lauro António, crítico de cinema do **«Diário de Lisboa»** enganara-me, pura e simplesmente, julgando ver um corte numa obra que, de forma alguma, estaria mutilada.

Após o «esclarecimento» dos Serviços de Espectáculos da S.E.I.T. afasto, de todo em todo, a sexta hipótese. Só assumirei, contudo, a responsabilidade expressa na sétima alínea, depois dos restantes interessados terem afirmado a sua inocência. Após o que, sem qualquer constrangimento, aceito o meu erro.

Lisboa, 19 de Novembro de 1972.

Lauro António

EUSÉBIO joga pelo Real Madrid

Na festa de aniversário do Real Madrid, que se desenrola na próxima semana, conta um desafio de futebol: Real Madrid contra o Belenenses. Particularidade curiosa: Eusébio especialmente cedido pelo Benfica alinhará algum tempo pelo Real Madrid.

LEIA ÀS QUINTAS - FEIRAS O JORNAL

motor

ENTREVISTA

Continuação da pág. 6

justa causa, se bem que este último aspecto possa ser controverso, dada a particularidade da situação. Por outro lado, a promoção dos práticos encontra-se dificultada, sendo poucos os que têm possibilidades de ascender a oficiais ou a exercer essa actividade a título definitivo. E isto porque, não existindo cursoso legalizados de reciclagem a promoção profissional, se torna impraticável para a maioria dos lesados a frequência da Escola Nautica.

Contactámos com o Ministério das Corporações, tendo recorrido à Comissão Corporativa que se considerou incompetente para resolver o caso que, em certa medida, decorre de um absurdo legal. Por fim recorremos para a União dos Sindicatos, mais concretamente, para a Comissão Nacional para o Estudo dos Problemas do Pessoal da Marinha de Comércio à qual já havíamos recorrido, em Outurbo do ano passado, pois pretendíamos garantia de emprego para os nossos associados. Este é aliás o problema mais grave: o da instabilidade de emprego.

Entretanto 2 desempregados, sem qualquer remuneração, esperam uma resposta da comissão, mas que seja um passo sério para a resolução do seu problema.

EXCURSÕES CP

Sugerem-lhe MADRID

cidade cheia de atractivos no Outono

- Diáriamente, dois estilos de viagem: «Lusitânia-Expresso» (de cama ou «couchette») ou comboio «TER» (ar condicionado, cómodo, panorâmico).
- Hotel incluído em Madrid, transferências, assistência, etc.

PREÇOS DESDE 820$00

Informações e folhetos descritivos:

ESTAÇÃO DE LISBOA - ROSSIO
ESTAÇÃO DE SANTA APOLÓNIA
RUA DO ARSENAL, 124 - 1.º — LISBOA

Organização tel. 36 75 29

CONSULTE A SUA AGÊNCIA DE VIAGENS

REDUZA CUSTOS COM CABOS

Solidal

ARMADOS E NÃO ARMADOS

ALUMÍNIO MACIÇO

ECONOMIAS NA AQUISIÇÃO MONTAGEM · LIGAÇÃO

COMPLETA GAMA DE ACESSÓRIOS

SOLIDAL CONDUTORES ELÉCTRICOS, SARL
LISBOA-TEL 674828 ■ PORTO-TEL 491392 ■ ESPOSENDE FÁBRICA

CASINO ESTORIL

SLOT MACHINES · SALA DE JOGOS

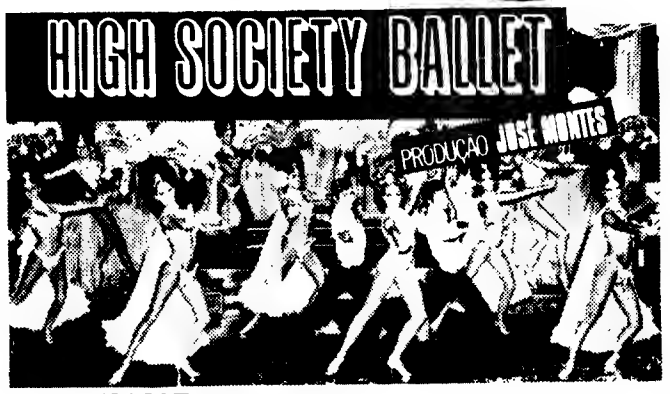
ACESSO LIVRE A MAIORES DE 21 ANOS — TODOS OS DIAS DAS 15 AS 3 HORAS

RICKY MAY
ORIGINAL FANTASISTA DA CANÇAO

NEW DOLLYS SHOW
FAMOSA ATRACÇÃO MUNDIAL

LENITA GENTIL com RAUL SILVA e NOBRE COSTA

HIGH SOCIETY BALLET



JIRINA'S COMBO — ORPHEU'S QUARTET
FERRER TRINDADE e sua orquestra

PRINCESSE DAYANA SÓ NO WONDER BAR

NO GRANDE SALÃO RESTAURANTE AS 23,30 H.
Grupo C/ Maiores de 14 anos
NO WONDER BAR A 1,0 H. Maiores de 21 anos

comprando propriedades em J.Pimenta SARL o seu dinheiro valoriza—se

APARTAMENTOS MOBILADOS DESDE 200 CONTOS

PARA. UMAS FÉRIAS ECONÓMICAS E INESQUECÍVEIS PREFIRA OS NOSSOS APARTAMENTOS TURÍSTICOS

J.Pimenta, SARL

Informaçoes:
Lisboa-Pr.Marquês de Pombal,15-Telefs 45843-47843
Queluz-Edificio Sede-Av.António Enes,25-Telef 952021/2

CIÊNCIA

COLÓQUIO NO MÉXICO SOBRE O CANCRO

PARA BREVE UMA VACINA CONTRA A LEUCEMIA

Por
FERNANDO DA COSTA

Num hotel dos arredores da Cidade do México, Cocoyoc, estiveram há dias reunidos em congresso 69 cientistas de vários países. Unia-os uma mesma característica: todos trabalhavam (trabalham) na investigação do comportamento das diversas células cancerosas.

De entre eles, o prof. M. Calvin, Prémio Nobel da Química, atraiu desde logo as atenções dos jornalistas pela importância das suas pesquisas levadas a efeito na Universidade da Califórnia; do mesmo modo o prof. R. C. Gallo, do Instituto Nacional do Cancro, de Maryland; e o prof. F. Fritossa, do Instituto de Genética, de Bari; e o prof. F. Amaldi, do Instituto de Fisiologia da Universidade de Roma.

Tornado imediatamente assunto de interesse mundial, o encontro **(IV Lepetit Colloquium)** revelou indícios importantíssimos no campo das investigações actualmente em curso.

DAQUI POR QUANTOS ANOS?

A pergunta mais repetida nas conferências de Imprensa fazia hesitar compreensivelmente os interrogados: **daqui por quanto tempo será possível obter uma vacina contra o cancro?**

Dois, dez, vinte anos?

O Nobel Calvin, homem simpático e conversador, sublinhava as suas palavras (e as dos colegas) com compreensíveis reticências... **é impossível prever as coisas nesses modos, dar uma data, só sabemos, só podemos garantir que isso está para breve... pode acontecer de um momento para o outro dado que os trabalhos estão bastante avançados nesse sentido.**

..Jornalistas idos da Itália, da França, de Israel, da Inglaterra, do Brasil, dos Estados Unidos, faziam sua a ansiedade do mundo que nessa altura convergira uma parte das suas esperanças para o vale deslumbrante de Cuernavaca. A televisão, o cinema, a Imprensa, divulgavam, entretanto, pelos vários continentes imagens familiares dos cientistas descontraídos, ao sol, nas piscinas, nas esplanadas do hotel, nas salas de conferências, sorridentes, ironizando com os «slides» das células esparramadas nos «écrans» e nos quadros, enquanto no-las dissecavam com ponteiros-mestre-escola explicando as suas últimas descobertas e deduções.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por António Tavares S. Ferreira, R. Dr. Francisco Borges Cruz — LAGARES D[illegible] VA BEIRA

CIÊNCIA HIPOTECADA

«Os Colóquios Lepetit representam uma reunião de cientistas dedicados à parte da biografia de linvestigação Com ela queremos indicar um modelo através do qual uma empresa industrial pode testemunhar o seu interesse pelo progresso da ciência» — palavras do dr. G. Chiesa, director dos laboratórios do México.

O tempo não foi, naturalmente, o único limite apontado pelos médicos, biólogos, farmacólogos e químicos presentes. Mais importante do que ele, é o interesse dos responsáveis pela investigação no mundo, são os governos dos vários países que nem sempre compreendem o seu valor.

«Mas ela só interessa quando posta ao serviço do homem e não de certos interesses dominantes, como infelizmente tem já sucedido» — alertou um dos intervenientes na cerimónia de abertura. A manipulação das descobertas científicas pelos políticos é um perigo que deve manter bem conscientes os investigadores, bastante propensos a um **neutralismo** vago e ambíguo. Os exemplos disso são por demais conhecidos para serem minimizados (sobretudo) em encontros desta natureza.

Um médico italiano informa que os Estados Unidos gastam anualmente cerca de 20 milhões de dólares do seu orçamento com a investigação. Os sectores militares e repressivos têm, no entanto, continuam a ter, para a maioria dos países, maior importância e maior prioridade do que ela.

O ANTIBIÓTICO IDEAL

Às grandes empresas particulares têm-se mostrado neste campo mais lúcidas, estando a despender há muito quantias volumosas com os seus departamentos de investigação, e a promover-lhes iniciativas de apoio de grande envergadura, como este colóquio. A italiana Lepetit pode, a propósito, encabeçá-las e exemplificá-las. Fundada por Robert Georges Lepetit em 1868, passou a dedicar-se, a partir de 1900 à produção de especialidades médicas estendendo-se hoje a 130 países.

O seu prestígio no campo científico deve-se ao trabalho realizado nos últimos 20 anos nos seus laboratórios de Milão, visando sobretudo o estudo das substâncias com actividade antibiótica. A mais importante delas é a rifampicina, conhecida por Rifadin (tem já 600 variedades), considerada actualmente como o «antibiótico ideal» («Antibióticos são substâncias químicas produzidas por microrganismos — bactérias, fungos, etc., que impedem o crescimento ou destroem outros microrganismos. Todavia, embora existam centenas de substâncias que podem considerar-se como antibióticos, só pequeno número delas tem interesse terapêutico; ou seja, é aplicável no tratamento de doenças infecciosas. O antibiótico ideal deve atacar os microrganismos infectantes sem lesar as células do organismo infectado, deve destruir o microrganismo infectante e não se limitar a deter o seu crescimento; não deve provocar reacções alérgicas, nem alterar as funções normais do organismo; deve ser bem absorvido por este e ser eliminado fàcilmente»).

A procura do antibiótico ideal

— **Foi descoberta a cura da leucemia? Do cancro? Não quero iludir-me nem iludir os doentes. No meio de toda esta avalancha de notícias só uma coisa é certa (e a sua importância não poderá ficar determinada senão dentro de alguns anos): nós dispomos de substâncias que atacam e bloqueiam uma nova enzima (descoberta por dois investigadores americanos, David Baltimore e Howard Temin) sempre presente no sangue dos leucémios e à qual se atribui a transformação das células normais em células cancerosas. É um passo em frente, talvez importantíssimo, mas seria absurdo anunciar ao mundo a descoberta da cura do cancro como se se tratasse de um coelho que se tira da cartola...** — PALAVRAS DO PROF: Piero Sensi, chefe da equipa que descobriu o Rifadin.

INVESTIGAÇÕES SURPREENDENTES

O progresso registado na investigação do vírus do cancro humano foi o tema do «IV Lepetit Colloquium». Mas que progresso?

Nos últimos anos, sobretudo nos últimos três, fizeram-se novas descobertas que reforçaram a ideia de que existem vírus que provocam o cancro humano, tendo sido, aliás, isolados já alguns deles.

Os vírus podem provocar leucemia em certas espécies de tumores em gatos, cães, ratos, etc. Quer dizer, o cancro pode ser originado por um vírus. Este facto, conhecido há mais de meio século, estimulou de uma maneira surpreendente as actuais investigações. Os cientistas presentes no México discutiram e analisaram, entre outros, os testemunhos que indicam a existência de um vírus no leite de algumas mulheres, com a mesma estrutura, e muitas outras propriedades bioquímicas, do vírus que provoca o cancro mamário no rato. «Sinais» bioquímicos de tais vírus podem ser detectados nos tecidos humanos do cancro mamário.

A biologia de certos vírus em animais proporciona sistemas que permitem aos cientistas formular (e provar) teorias em como ele pode mudar, ou transformar, uma célula normal em célula cancerosa maligna.

..Uma teoria acerca da transmissão dos vírus cancerígenos mostra que todos os animais herdam o potencial genético capaz de provocar vírus cancerígenos. Experiências com ratos provaram que esta teoria se confirma para os animais. Será também válida para os seres humanos?

..Detectar os vírus cancerígenos humanos e analisar as suas propriedades biológicas é, por isso, matéria do maior interesse para o Homem.

..Debruçando-se especialmente sobre os tumores do útero, o prof. Bernard Roizman, da Universidade de Chicago afirmou que eles podem ser provocados pelas frequentes infecções dos órgãos genitais a que estão expostas muitas mulheres. Aquele biólogo separou «fragmentos» de células afectadas pelo vírus Herps 2, que é o vírus das infecções vaginais. Ora um grande número de mulheres sofrendo de tumores uterinos tinham tido anteriormente formas de herps nos órgãos genitais.

PRIMEIRO LUGAR PARA A LEUCEMIA

As informações fornecidas ao longo das sessões do Colóquio, baseadas em experiências feitas sobretudo com gatos, cães e ratos, permitem compreender o processo segundo o qual uma célula normal se torna cancerosa. A maioria dos vírus em causa tem uma molécula de RNA e uma estrutura bioquímica similar. Quando penetram numa célula o RNA transforma-se em DNA, o que torna, normalmente, a célula maligna.

A partir daqui será possível estudar o que se passa com as células humanas, o que dá possibilidades novas à investigação do cancro, à sua prevenção e ao seu tratamento.

«A guerra contra o cancro é uma guerra de luta contínua, de progressos lentos mas seguros. Os resultados que se obtêm, nas reuniões como a deste colóquio, são fundamentais pelas revelações que proporcionam e pelas ideias que fomentam.» (dr. J. Pagano, da Universidade da Carolina do Norte).

As investigações sobre as causas de leucemia são as que se encontram em fase mais adiantada sendo, possivelmente, o primeiro tipo de cancro a conhecer a cura.

Esta foi talvez a resposta mais concreta e sensacional conseguida no meio da discreção de Cocoyol, pequeno e deslumbrante paraíso encontrado no México para a dorida, inabalável, infinita esperança do Homem.

Bloco esterilizado dos laboratórios Lepetit

RESTELO: O EXAME

Dois pontos apenas separam Belenenses e Sporting na luta pelo segundo lugar de um campeonato que parece já no papo da «águia»: dois pontos que estarão esta tarde no fiel da balança da espectacular «batida» prevista para o Restelo.

Belenenses surge, este ano, inteiramente afastado dos complexos de inferioridade que retardavam o seu retorno aos grandes planos; imbatível em seu território, ostenta a sexta defesa e o quarto ataque do torneio mas mantêm entre todos os seus sectores, um equilíbrio e uma coordenação que marcam a turma de Scopelli/Peres Bandeira como autêntica sensação da temporada.

Sporting, a passo titubeante, consegue (mesmo assim) o segundo ataque e a segunda defesa na lista dos competidores para o cargo de guarda-costas do Benfica. Isto reflecte, insofismàvelmente, o ambiente e o comportamento dos respectivos técnicos: calmo e cauteloso o dos «azuis», impulsivo e exuberante o dos «leões».

De facto, quem analisar Alejandro Scopelli (a experiência, o bom senso, o cuidado, a atenção), Peres Bandeira (o trabalho, a observação, a honesta defesa dos seus proventos) e equilibrar o juízo com o exame da personalidade de Ronnie Allen (agora, até, a sofrer dos excessos nervosos que caracterizam a fase final da sua permanência no Atlético de Bilbau) logo encontra a justificação para o facto de, com menos golos obtidos e mais consentidos, o Belenenses estar à frente do Sporting. E que, por obra e graça da sabedoria ganha em muitas décadas de futebol, Alejandro Scopelli já não corre a foguetes: vale mais um golo oportuno, contra adversário difícil, que goleada em cortejo ante um contrário menor.

Vendo bem, o Belenenses tem feito os tentos essenciais: sem dar, tarde a tarde, todo o esforço que mantém no seu contexto físico e anímico. Em contrapartida, assoberbado com problemas de vária índole (relação entre treinador-jogadores, treinador-Manuel Marques, direcção-Peres e direcção-Dinis) o Sporting aparece no mapa dos resultados feitos como o «team» nacional mais capaz de lograr o óptimo ou de roçar o péssimo.

Daí a incógnita: hoje, no Restelo, que Sporting vai estar em acção? O que baqueou estrondosamente perante a CUF ou o que «aviou» uma mão-cheia de golos em 45 minutos de aceleração perante o Barreirense? O que foi a Coimbra e, sem se impressionar com o ambiente, derrotou o União ou o que, em meia dúzia de minutos, contaminou os nervos dos espectadores do choque contra o Leixões?

O Belenenses, com uma direcção que não faz «ondas» e capricha em cultivar as noções de civilidade e respeito mútuo, entre colectividades e pessoas individuais, pode (até) perder a parada deste 14.º domingo de campeonato: mas o exemplo de trabalho da turma de Baptista da Silva já restituiu o clube á sua exacta dimensão. Quanto ao Sporting triunfo na tarde do Restelo poderá significar o retorno à ponderação e ao clima de boa amizade entre todos os personagens que vão surgir, dentro ou à beira do relvado. E, se um empate ou uma derrota colocariam os termos da equação ainda longínquos de alegre desfecho (para os adeptos do «leão»), não se deve esquecer que o torneio ainda vai longe: e que invasões de campo, demissões, amuos, arrufos, multas, discussões e maus génios não estão enquadrados (nem podem ter lugar) na época de Paz que bate à porta.

Neves de Sousa

ESPTE. AL.

BANCO PINTO & SOTTO MAYOR - PORTUGAL -

BANCO PINTO & SOTTO MAYOR

Capital e Reservas: 1.760.000 contos

AUMENTO DO CAPITAL DE 500.000 PARA 1.200.000 CONTOS

EMISSÃO — REALIZADA DE 19 A 21 DE JANEIRO DE 1972 — COM RESERVA DE PREFERÊNCIA PARA ACCIONISTAS

PAGAMENTO DA 2.ª PRESTAÇÃO, Esc. 1.000$00 POR ACÇÃO

Avisam-se os senhores accionistas, de que a 2.ª Prestação das acções subscritas de conformidade com o n.º 3 das condições do último aumento de capital, estará a pagamento de 11 a 15 do corrente, na SEDE e FILIAL DO PORTO, efectuando-se simultâneamente a correspondente entrega dos títulos definitivos.

Lisboa, 7 de Dezembro de 1972

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

DESPORTO

BEST: QUE MAIS ?

«Vende-se génio em declínio. Presença em jogos e treinos não garantida. Comportamento imprevisível.» O anúncio, aparecido na edição de quarta-feira passada, no «Evening Standart», mostra o ridículo a que o comportamento de George Best se presta na Inglaterra, ao ponto de qualquer brincalhão gozar com ele, até por anúncio....

E, no entanto a situação não é tanto para brincadeiras. Toca as zonas limites, onde o futebolista deixa de ser homem, para se transformar em máquina, e escravo da produtividade do golo e do resultado, para gáudio e deleite das multidões. Best, que aos 18 anos de idade era conhecido em todo o mundo do futebol e dava um «baile» autêntico ao «velho» Germano, numa noite de glória para os futebolistas do Manchester (5-1 ao Benfica, no Estádio da Luz) e que aos 26 é «só» o melhor futebolista do Reino Unido e, quiçá, o melhor da Europa (título que até já conquistou) resolveu ao princípio da actual temporada, acabar com a «servidão dourada» que lhe deu dinheiro (muito dinheiro) e fama. Sem dar cavaco a ninguém, abalou para a estância de Marbella (na Espanha) e anunciou que abandonava o futebol.

Depois de muito instado, Best lá se resolveu a assinar novo contrato com o Manchester United e recomeçar a vida de todos os dias, em Old Traford. Simplesmente e decorridos apenas poucos meses, o Whisky e as mulheres foram mais fortes e abalou de novo, desta vez parece que definitivamente. Troca o seu Lotus Europa (na gravura) por outra potente máquina (um Rolls Royce que lhe custou oitocentos contos) mudou de garota (a da gravura é sueca, mas a actual é uma jovem actriz australiana e rumou a Londres no intuito de se instalar no circuito nocturno da capital O «staff» de Mat Busby segue-lhe o exemplo no encalço e após uma batida pormenorizada ás «boites» londrinas deu com ele bem acompanhado e nada decidido a regressar a Manchester.

Furiosos os directores do clube colocaram-no na lista das tranaferências e as propostas não se fizeram esperar. Do Feynoord ao Boca Juniores, do Real Madrid ao Derby County: e, agora até de um clube da III divisão inglesa. Mas, Best diz que não. Bom, bom é usufruir, enquanto é tempo, do dinheiro e da fama que acumulou. Trata da boutique de artigos masculinos que comprou há alguns anos, roda filmes de publicidade e recebe convites para longas metragens. Entretanto, vai bebendo, dançando e, uma vez por outra, agredindo as «coelhinhas» dos clubes nocturnos, tendo um processo às costas para resolver a última questão do género. Os moralistas zurzem-nos sem piedade, o mundo da bola exige-lhe que se equipe e valorize o espectáculo. Best garante que **«para escravo já basta e a vida é curta»**. No que isto irá dar, não se sabe. Sabe-se sim, que decorre intenso o seu romance com a australiana e até o seu pendor para a vida nocturna já está em vias de lhe dar dinheiro. Veja-se o último telegrama que nos chegou às mãos sobre o seu caso:

«Duzentas e cinquenta mil libras ofereceu ao Manchester United, pela tranferência do irrequieto «internacional» Gorge Best, um clube da terceira divisão o Bournemouth — que há pouco recebeu exactamente aquela quantia do Manchester United pela tranferência do seu avançado Ted Macdougall. Um director do clube, John Bond, declarou que o jogador receberia quatrocentas libras (mais de 26 contos) por semana, cobrando ainda mais metade desta verba, paga pelo próprio presidente do clube, Harold Walker. pela comparência de Best, uma vez por semana no clube nocturno de que é dono».

Esta era (só) a que faltava! Da ponta direita a atracção numa «boite»! Que mais sortilégios terá este irlandês de Belfast para mostrar ao seu mundo de bola, mulheres, whisky e bólides?

Há alguns meses, mas a situação de Best repete-se. A foto é antiga, a máquina já é outra (do Lotus Europa passou para melhorada. A garota também (de uma sorridente sueca um Rolls Royce); a [illegible] matica italiana); o perfil está ligeiramudou para uma actriz dr[illegible]rba negra e hisurta orna-lhe mente modificado (agora um[illegible]l, sim, o pendor notório a face ainda juvenil). Continua imu[illegible]bólides e passeatas do melhor futebolista inglês pelo whisky, [illegible] até Londres ou Palma de Mallorca

Árbitros e arbitragens

PROCESSOS E SOLUCÕES

Arbitros e arbitragens estão na ordem do dia: todos se queixam, e ninguém se entende, na procura da solução susceptível de resolver um dos mais graves problemas da temporada futebolistica. E no meio da tempestade, em que navega a arbitragem portuguesa, quem mais sofre é o futebol: que todos os domingos vê (ou julga ver) as suas leis atropeladas, em desfavor de quem perde e marca passo nos campeonatos em curso.

Para o rosário de queixas e ressentimentos, é urgente inventarem-se mais vítimas: porque de todos os árbitros no activo há razões de descontentamento. Eles são o bode expiatório das exibições não premiadas, a principal razão pela qual os clubes não conseguem os resultados sonhados pelos seus associados.

Os árbitros e as arbitragens entraram em crise: tornando-se o tema preferido das tertúlias desportistas, e chegando (inclusivé) ás primeiras páginas dos jornais especializados, em títulos que não enganam o mais desprevenido dos leitores. Arbitros e arbitragens transformaram-se num tema de actualidade: conversando e discutindo no gozo de uma época já cheia de casos, embora no seu princípio.

Querem uns que a Comissão Central de Arbitros seja integrada na Federação Portuguesa de Futebol. Expõem outros das desvantagens de tal integração duvidando até da veracidade do termo (!): sinal incontestável de que o futebol português (para não especificar a arbitragem portuguesa) está bastante doente.

Perante esta verdade, unânimemente diagnosticada, surgem os curandeiros oferecendo os seus remédios para o total restabelecimento: diversos e variados conforme as cabeças que os indicam, eternamente 'provisórios e interinos, bem de acordo (afinal) com o temperamento lusitano...

Perante tantas «soluções» deitadas aos quatro ventos (todas elas com um carácter momentâneo), julgamos que é tempo de pôr o dedo na ferida e tentar resolver o problema de uma vez por todas: esquecermos as mentiras que mascaram a verdade patente aos olhos de quem quer ver, e estendermos o dedo para o único e verdadeiro caminho da salvação — o profissionalismo reconhecido e declarado dos homens do apito, que ganhariam assim autoridade plena e consciente.

E para que esse passo se dê, o que será necessário? Apenas que os discordantes conversem e soprem os grãos de areia que emperram as suas teorias: porque o melhor modo de viver em paz, e concórdia, e nutrir o amor próprio dos outros com pedaços do nosso.Se chegarmos ao profissionalisno dos árbitros de futebol, estamos certos que nas tertúlias e nas páginas dos jornais soará não o grito de protesto, mas sim o canto do grilo: sinal de que a paz verdadeira mora no lar, como um dia o disse Godofredo de Alencar...

ORLANDO DIAS AGUDO

O TRABALHO DO PROFISSIONAL DE FUTEBOL

Nos domínios do desporto profissional, o acontecimento da semana foi a greve quase geral dos jogadores das 1.ª e 2.ª divisões francesas, que perturbou por completo a marcha regular das duas competições e lançou o futebol francês num caos, cujo remédio se procura.

Para meditação e (mesmo) aplicação à realidade portuguesa, no que houver de semelhante, ficou o levantamento do problema laboral dos jogadores de futebol, ao mesmo tempo desportistas e artistas de um espectáculo público: mas, essencialmente, profissionais de uma profissão apenas abrangida por legislação básica, mas ainda não regulamentada nem levada às suas últimas e necessárias consequências.

O Agrupamento dos Clubes Franceses resolveu aumentar, unilateralmente, de três para cinco anos o período de duração dos contratos entre entidade patronal (clube) e assalariados (futebolistas), estipulando ainda o montante de indemnizações por rescisão de contrato e a atendibilidade da idade, qualificação técnica e anos de serviço no clube para a fixação dos salários. Os futebolistas reunidos em Congresso (a que assistiram dois delegados portugueses, Artur Jorge e Simões) reagiram de imediato, votando contràriamente às decisões do Agrupamento, e para que não tinham sido ouvidos, a fazer transbordar o copo, um clube (o Lyon) anunciou suspender oito profissionais que se deslocaram a Paris, para participr no Congresso, faltando ao primeiro treino da semana. Por isso a greve não se fez tardar.

Apenas foram disputados cinco jogos da 1.ª divisão e ainda assim com muito poucos profissionais que não aderiram ao movimento. As equipas que actuaram foram completadas por amadores que, segundo, alega o sindicato, jogaram (em grande parte) ilegalmente. A consequência de tudo isto foi uma semana quente de sucessivas reuniões de Sindicato e Agrupamento com o Director da Educação Física e Desportos o Sercretariado da Juventude e o Ministro dos Assuntos Sociais (Edgar Faure). Foi constituída uma comissão paritária de delegados de clubes e jogadores, para estudar um novo regulamento, sob a égide do Ministério, mas o litígio mantêm-se e o ambiente (das reuniões transpirou nas palavras de Piat, presidente do sindicato (União Nacional dos Futebolistas Profissionais), ao sair do gabinete do Director de Educação Física: **«O clima foi de absoluta serenidade. Mr. Crespin vai dar conta de tudo ao ministro e deixou perceber, várias vezes, que reconhecia o fundamento das nossas reivindicações e compreendia o alcance do nosso movimento.»**

Os contratos estabelecidos, caso a caso, pelos futebolistas e clubes portugueses, não estão em relação com o que se passou em França. Mas, são pretinentes e até mais vivos os problemas suscitados por multas e suspensões, limitação à liberdade de trabalho e expressão, e a questão (fundamental) da opção que o clube tem sobre o jogador, até 60 por cento do possível contrato com outra entidade patronal. Caso que os profissionais portugueses se mostram dispostos a fazer cessar de vez. Tudo isto, aliás (julgamos saber) está a ser convenientemente estudado pelo advogado do Sindicato, e virá a ser discutido no âmbito do contrato colectivo de trabalho (ou acordo colectivo, como parece ser a única configuração jurídica possível neste momento) que se torna urgente e necessário. Impõe-se (por outro lado) a exacta regulamentação destas relações laborais, até para que os contratos entre clubes e jogadores sejam verdadeiros contratos de «direito comum» e as questões deles emergentes sejam resolvidas pelo recurso aos tribunais civis e à justiça comum. Para que não aconteça, como agora, que os clubes sejam ao mesmo tempo, parte e juiz nos processos.

Simões e Artur Jorge, que estiveram no Congresso, devem certamente, informar os seus colegas de tudo o que se passou em França, até porque a informação completa sobre o assunto talvez não tenha chegado ainda à maioria. Assim o esperamos.

DANIEL REIS

A SEMANA

DOMINGO: Manhã cedo em Alvalade: quase dois milhares de jovens, indiferentes ao frio, dão o primeiro passo oficial dentro do atletismo. A iniciativa pertence ao Grupo de Amigos do Atletismo e, pela primeira vez, estão presentes estudantes das Escolas do Ciclo Preparatório. A iniciativa foi um êxito: porque os miúdos encararam a iniciativa sob o prisma da verdade desportiva e participaram (todos) com o espírito de competição. Assim se cavam os alicerces de um futuro grandioso: fomentando o gosto pela modalidade nos praticantes que, amanhã, poderão vir a ser alguém no panorama desportivo internacional. Para assinar a ideia, um nome: Guilherme Sá Viena. Para responder ao entusiasmo da juventude, um clube: Sporting Clube de Portugal.

SEGUNDA: José Augusto, seleccionador e treinador das nossas equipas de futebol, divulga a lista dos primeiros convocados para os trabalhos que se iniciam visando a próxima campanha internacional. Como sempre, uma lista que apresenta falhas, aos nomes indicados pelo responsável outros mereciam (igualmente) uma chamada. E há quem chegue a nomear: Esteves, Horácio, Laurindo, Branco, Moura, Conhé, Carriço, Rebelo, Manuel José, João Carlos, Vítor Gomes e Fonseca. De qualquer maneira, uma indicação a José Augusto: materia prima, não vai faltar.

TERÇA: O Sporting distingue os seus melhores, atribuindo-lhes os «Stromps». São nomes que traduzem dedicação, entusiasmo, clubismo, amor ao desporto, amor ao grémio que tem o leão como símbolo. Atletes, técnicos, dirigentes e sócios, têm um padrão para seguirem o exemplo. São nomes mais ou menos conhecidos, que ficam para sempre ligados à vida do clube. Carlos Lopes (atleta amador), professor Eduardo Cunha (técnico amador), Joaquim Agostinho (atleta profissional), Mário Lino (técnico profissional), Armando Garcia Fazenda (seccionista), Rui Silva (dirigente), dr. Jorge Fagundes («dedicação»), Vaz Guedes (sócio) e Alvaro Retamosa Dias («homenagem ao passado»), são figuras que este ano mereceram a atenção especial da comissão encarregada de distinguir «os mais» da família leonina.

QUARTA: Noite de agitação na sede da Federação Portuguesa de Futebol. À roda de uma mesa, a análise fria dos acontecimentos que entristecem o futebol: ao fim de muitas horas de discussão e análise, a palavra de justiça faz-se ouvir. Durante nove jornadas, ficam encerrados os Estádios José Alvalade e 28 de Maio. O Sporting, punido com oito mil escudos de multa: o Sporting de Braga, com seis. E o preço da excitação que se deseja afastada das competições desportivas.

QUINTA: São distribuidos os prémios da 35.ª Volta a Portugal em bicileta. Para Joaquim Agostinho, a parte de leão: nada mais nada menos do que 186 300$00. Ora a Volta - 72 teve 2 399,25 metros: o que significa que Agostinho cobrou cerca de 77$50 por cada quilómetro percorrido. Um táxi muito caro segundo ouvimos dizer com certa lógica.

SEXTA: Os árbitros de Coimbra em desacordo com as tentativas para a integração do organismo máximo da arbitragem na Federação Portuguesa de Futebol. Os homens do apito do Centro do País não estão com meias medidas: ameaçam (até) o abandono puro e simples da actividade, se tal vier a acontecer. E ainda há quem diga que a arbitragem portuguesa não atravessa grave crise...

SÁBADO: Os dois clubes que ainda têm interesse na campanha europeia da U.E.F.A. antecipam os seus jogos no plano nacional: F.C. do Porto e Vitória de Setubal, em vésperas de partirem para a Alemanha Oriental e para Itália, jogam à maneira inglesa (ao sábado), para terem mais um dia de descanço. Isto revela a importância que pode ter na vida dos clubes estes contactos oficiais com equipas de outros países, já que no plano nacional o campeonato parece (ou já está?) definitivamente arrumado. E, por outro prisma, significa o aproveitamento futebolístico dos sábados, como se faz por esse mundo fora.

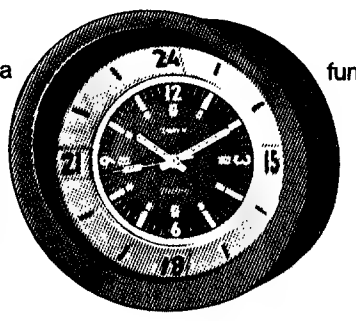
Professor José da Cruz Filipe

MISSA DE 30.º DIA E AGRADECIMENTO

Sua família, participa que amanhã dia 11 pelas 18,30 horas na Igreja dos Jerónimos, será rezada missa por sua Alma, agradecendo a todos que por qualquer forma lhe manifestaram o seu pesar e a quem por impossibilidade não o podem fazer directamente.

Garantido contra todos os riscos mesmo na pior das alturas!

Uma novidade Timex para a sua secretária de trabalho. Um Timex «Electric». Um relógio que nunca pára e a que nem é necessário dar corda. A «célula de energia», garante-lhe o funcionamento durante 365 dias. Robusto, sóbrio e resistente, como todos os relógios Timex tem garantia por um ano. (Preços desde 890$00). E pode também usá-lo no tablier do seu carro.



TIMEX®
em todo o mundo
há mais pessoas a comprar Timex
que qualquer outro relógio.

HORUS
RAUL LOURENÇO LAPA
QUIRO-ASTROLOGO

CONSULTE «HORUS» e ficará a conhecer

OS ANOS MAIS IMPORTANTES da sua vida, os momentos mais felizes ou menos favoráveis que lhe estão reservados, EM TODOS OS CAPÍTULOS DA SUA EXISTÊNCIA!...

E AINDA muitas outras informações de grande interesse àcerca de si próprio e do seu Destino...

Todos os dias úteis das 10 às 12 e das 14 às 19 horas. Av.ª João XXI, 3-2.º Frente (Junto à Praça do Areeiro) - Telef. 724162 - LISBOA

Agora TAMBÊM JÁ TEMOS UM *Supermercado de Automóveis*

AGENTE OFICIAL
MAZDA

CARROS NOVOS das melhores e mais comerciais marcas existentes no mercado

CARROS USADOS provenientes de retomas.

EXCELENTES CONDIÇÕES

VISITE O SEU SUPERMERCADO DE AUTOMÓVEIS NO STAND DE

CASQUILHO & FILHOS, LDA.

Av. Guerra Junqueiro, 14 A·B·C - Lisboa

SENHORES CAPITALISTAS !!!

COLOCAI O VOSSO DINHEIRO NAS MELHORES CONDIÇÕES COM GARANTIA HIPOTECÁRIA AO JURO DA LEI.

A CONFIDENTE

RUA DO OURO, 292-1.º — LISBOA
Telef. 369384/5/6

CENTRO DE MEDICINA DENTÁRIA
— RATO —
Obturações, extracções, correcção de dentes, dentaduras
— PREÇOS DE POLICLÍNICA —
CONSULTAS DAS 9 AS 19 HORAS
ENCERRADO AOS SÁBADOS E DOMINGOS
Calçada Bento da Rocha Cabral, 1 (ao Rato) — Tel. 68 41 91

BAMBOLIM
A CONHECIDA CASA DE MÓVEIS E DECORAÇÕES DA
AV. DEFENSORES DE CHAVES, 65-A
Está ao SEU serviço:
Soluciona-lhe os problemas de espaço no seu lar
NÃO ESQUEÇA: CONSULTE
BAMBOLIM com oficina própria

PARA O PERÍODO DE 10 A 16 DE DEZEMBRO — horóscopo pelo astrólogo HORUS

ARIES

(21 de Março a 20 de Abril)

(CARACTERÍSTICAS DO TEMPERAMENTO: Vontade exagerada. Temperamento colérico).

AMOR: Propício às boas harmonias, assim como para resolver todos os problemas familiares. Tempo venturoso para consórcios. As amizades proporcionar-lhe-ão alegrias e segurança. Muitas são as condições de harmonia, e tudo contribuira para aumentar a sua popularidade.

DINHEIRO: Bons aspectos, favoraveis aos bens materiais, contribuirão para que melhore a sua situação financeira. No entanto, conserve-se ao facto de todos os seus interesses, e não dispenda excessivamente.

PROFISSÃO. Momento propício a qualquer alteração que pretenda fazer no sentido de melhorar as suas condições de trabalho e, consequentemente, a sua vida em geral. As viagens estão bem favorecidas.

SAUDE: No que se refere à saude atravessa um período favoravel, mas torna-se indispensavel dominar os impulsos e não cometer excessos.

TAURUS

(21 de Abril a 21 de Maio)

(CARACTERISTICAS DO TEMPERAMENTO: O poder dos sentidos é forte. Temperamento apaixonado).

AMOR: Dissabores causados por aventuras românticas. Seja mais justo para os seus e evite o sarcasmo. Seria melhor dominar as situações desagradaveis, e de modo algum permitir que sentimentos descontrolados e circunstâncias passageiras vos levem a agir em prejuízo da sua propria tranquilidade.

DINHEIRO: A semana decorrera de forma a satisfazer plenamente as suas esperanças e ambições. Todas as diligências que efectuar não serão coroadas de grandes êxitos. Por conseguinte, as despesas devem obedecer exclusivamente às necessidades inadiaveis, se não quiser desequilibrar o seu orçamento.

PROFISSÃO: O desenvolvimento profissional sera bastante fraco. Forças ocultas impossibilitar-vos-ão de progredir como deseja.

SAUDE: A saude deve igualmente merecer toda a sua atenção, durante a semana em curso. Ao aperceber-se que o seu estado se altera, consulte imediatamente um medico.

GEMINI

(22 de Maio a 21 de Junho)

(CARACTERÍSTICAS DO TEMPERAMENTO: Inteligência viva. Temperamento nervoso, agitado).

AMOR: A vida domestica, familiar e os seus interesses amorosos estão sob boas influências. Assim, podera evidenciar e tirar bom partido do campo sentimental, se souber mostrar-se sociavel e confiar na sua intuição.

DINHEIRO: Os resultados serão felizes na sua vida financeira. Saiba aproveitar esta boa aura para realizar dinheiro com os seus empreendimentos e negocios. Amplie o seu raio de acção e tera êxito.

PROFISSÃO: A vida profissional está sob piores aspectos, mas para que atinja um grande nivel de elevação tera de haver muito metodo. Se as circunstâncias vos obrigarem a empreender uma viagem, deveis realiza-la.

SAUDE: Dentro das suas condições físicas actuais, o seu estado de saúde não tem tendência a piorar.

CANCER

(22 de Junho a 22 de Julho)

(CARACTERISTICAS DO TEMPERAMENTO: Vontade meditativa, indecisa. Temperamento fleumático sujeito a grandes variações)

AMOR: Na vida domestica, as influências astrais não vos favorecem. O mesmo se observa quanto a vida sentimental e nas relações de amizade. Esforce-se por compreender o que lhe pretendem mostrar e pense maduramente na atitude que deve tomar

DINHEIRO: Período incerto quanto a dinheiro, portanto as possibilidades de prejuízo são maiores do que as de lucros. Tera toda a vantagem em analisar diversos factos passados ha algum tempo, revendo cuidadosamente as situações então abandonadas e de que podera recolher agora algum interesse.

PROFISSAO. A posição que atravessa durante esta semana e estacionaria. Não e mesmo propicio para tentar avançar ou iniciar empreendimentos de vulto. Aguarde melhores influências astrais e por ora va calmamente na sua profissão.

SAUDE: O seu organismo esta favorecido graças as influências favoraveis que incidem sobre a parte física.

LEO

(23 de Junho a 22 de Agosto)

(CARACTERÍSTICAS DO TEMPERAMENTO: Necessidade imperiosa de satisfazer os sentidos. Temperamento dominador).

AMOR: Os aborrecimentos ligados à vida sentimental, familiar e social tendem a desaparecer, isto é, a sua vida neste sector gozara de melhoria no aspecto geral. Não desespere e aguarde com calma esse aspecto favoravel que se aproxima.

DINHEIRO: Os astros favorecem os favores de pessoas de família e amigos intimos, que poderão contribuir bastante para o seu desejado fim.

PROFISSÃO: Ha a contar com certas contrariedades na vida profissional. A falta de cooperação ou as atitudes negativas serão quase tudo o que podera esperar dos seus companheiros. Neste momento deve recorrer a todo o seu bom senso e à sua inteligência, a fim de evitar perdas em negocios e rompimentos de amizades.

SAUDE: A tristeza e o desânimo, assim como os maus pressentimentos, dar-lhe-ão uma semana desagradavel. Contudo, não se entregue a esse estado de espírito que so serve para agravar as coisas.

VIRGO

(23 de Agosto a 22 de Setembro)

(CARACTERÍSTICAS DO TEMPERAMENTO: Inteligência passiva. Temperamento nervoso).

AMOR: Dedique mais tempo e atenção aos seus amigos e particularmente à pessoa amada e vera que os seus problemas se resolverão satisfatoriamente.

DINHEIRO: Semana em que vera aproximarem-se boas oportunidades. Mas não dê largas aos seus desejos. Cuidado com o dinheiro emprestado nesta altura, pois dificilmente sera recuperado.

PROFISSÃO: Encontar-se-á em condições de exercitar mais intensamente a sua inteligência. Dedique-se agora aos estudos e sera bem sucedido. Mostre-se durante este tempo como nos seus melhores dias e terá êxito nos seua afazeres.

SAUDE: Os astros indicam boa disposição e influenciam favoràvelmente a saúde.

LIBRA

(23 de Setembro a 22 de Outubro)

(CARACTERISTICAS DO TEMPERAMENTO: Vontade justa, bem equilibrada. Temperamento vivo e subtil).

AMOR: Os seus interesses de amor, os problemas de família e as relações com pessoas das suas amizades estão muito beneficiadas, mercê da sua simpatia pessoal que durante este período esta excepcionalmente revigorada.

DINHEIRO: Momento que lhe proporciona melhoria nas suas condições economicas, a questão e sabê-lo aproveitar convenientemente. Contudo, não seja demasiado optimista nas despesas.

PROFISSÃO: Necessidade de travar alguma luta, mas sair-se-a bem do que empreender. Este aspecto favorece a correspondência, as viagens curtas. Resolva os seus problemas profissionais confiando na sua propria intuição.

SAUDE: E conveniente que use de umas certas precauções com a saude.

SCORPIUS

(23 de Outubro a 21 de Novembro)

(CARACTERISTICAS DO TEMPERAMENTO: Poder dos sentidos calmos. Temperamento também calmo, porém impulsivo).

AMOR: Imponha as suas concepções com muita diplomacia. Sera necessario uma explicação franca. Receie as pessoas de ma fé e não deposite confiança nas propostas muito sedutoras, porque podem ser falsas.

DINHEIRO: Período um pouco atribulado tambem em materia de finanças. Todo o esforço que exercer com esta finalidade não tera grande resultado. Evite fazer empréstimos seja a que prazo for.

PROFISSÃO: Qualquer empreendimento novo, isto e, ocupação fora das suas actividades habituais não tera sucesso, ou então so muito mais tarde darão fruto. No entanto, os assuntos nascidos anteriormente e que estejam na ordem do dia, obterão melhores resultados.

SAUDE: Semana de mau humor e indisposições inexplicaveis.

SAGITTARIUS

(De 22 de Novembro a 21 de Dezembro).

(CARACTERÍSTICAS DO TEMPERAMENTO: Inteligência viva. Temperamento sanguineo).

AMOR: Gozara de boa harmonia familiar. As amizades que lograr neste período, serão beneficas e venturosas. Um caso sentimental que lhe vem germinando ha algum tempo no espírito, evoluira ràpidamente.

DINHEIRO: O dinheiro empregado sob as actuais vibrações sera produtivo. O conhecimento de determinadas informações e notícias recebidas sera muito util e podera conduzir ao início de um bom empreendimento futuro.

PROFISSÃO: No domínio da sua actividade profissional tera um período muito activo, e ate sob certos aspectos inervante. Se usar de cuidado podera obter resultados interessantes em negocios inesperados.

SAUDE: Os orgãos que mais tendem a ressentir-se nesta ocasião são os rins e a parte superior do tronco.

CAPRICORNIUS

(22 de Dezembro a 20 de Janeiro)

(CARACTERÍSTICAS DO TEMPERAMENTO: Vontade contraditória. Temperamento melancólico).

AMOR: Esforce-se por manter no lar uma atmosfera feliz. Procure ajudar os outros, contribuindo, assim, para a sua felicidade. Não despreze as amizades e encoraje quem lhe dedicar amor.

DINHEIRO: Não afrouxe a sua actividade, pois o período não e de todo desfavoravel aos seus empreendimentos. As despesas reduza-as e so gaste naquilo que for absolutamente necessario e inadiavel.

PROFISSÃO: Semana progressiva em materia de desenvolvimento de trabalho. Os assuntos que tenha necessidade de tratar e resolver e muito importante que cuide deles pessoalmente. Oportunidade para se aproximar de alguem que esteja habilitado a lançar as suas ideias.

SAUDE: Semana favoravel para a saude, mercê dos excelentes influxos astrais que se observam.

AQUARIUS

(21 de Janeiro a 19 de Fevereiro)

(CARACTERISTICAS DO TEMPERAMENTO: Poder dos sentidos muito sensível. Temperamento triste mas intuitivo).

AMOR: A vida sentimental no seu conjunto não e ma, mas ha tendência a preocupações por coisas que não lhe irão bem ao encontro dos seus desejos e interesses. No ambiente familiar e necessario um certo esforço para que as coisas decorram em boa harmonia.

DINHEIRO: A semana entrara com boas perspectivas de ganhos. E conveniente agir ràpidamente e sem hesitações. Dentro das suas possibilidades economicas aproveite o momento para realizar dinheiro.

PROFISSÃO: Nas questões de natureza profissional, procure regular metòdicamente a sua actividade, pois os astros não favorecem a sua inspiração, arriscando-se, assim, a comprometer a realização das tarefas que lhe incumbem. Entretanto, faça um estudo calmo e bem meditado dos problemas que pretenda resolver no futuro.

SAUDE: Período propenso ao abatimento moral. Procure reagir contra toda e qualquer depressão, e dentro do possível, distrair-se. Cuidado com os resfriados.

PISCIS

(20 de Fevereiro a 20 de Março)

(CARACTERÍSTICAS DO TEMPERAMENTO: Inteligência pouco animada. Tmperamento sanguineo, porém doentio).

AMOR: A medida que a semana for avançando, vera que tudo o que diz respeito ao coração se aproxima da realização dos seus pensamentos. Mostre-se de bom humor.

DINHEIRO: Benefico aos assuntos financeiros. O período e propício para agir de modo a conseguir melhoria de situação economica. Contudo, cuidado com as despesas excessivas que podem fazer perigar o seu orçamento.

PROFISSÃO: Período indicado para tratar de assuntos delicados e tomar conta de casos importantes e de responsabilidades, isto tanto no emprego como em quaisquer outras ocupações extras.

SAUDE: Sob o ponto de vista físico a semana apresenta-se igualmente muito favorável para si. Se tem estado doente experimentara, agora, melhoras acentuadas.

CARTA DO BRASIL

PEQUENAS HISTÓRIAS RIDÍCULAS, CHOCANTES E CRUEIS

● CHIANCA DE GARCI

Leitor, quer fazer uma experiência? Páre numa rua, numa praça, e descubra, entre os viventes que passam, algum que lhe pareça fora de série. Para isso é preciso intuição, eu sei.

Entre numa sala e deixe que os seus olhos sejam atraídos pelo exemplar mais curioso ali presente. Faça o mesmo num casamento, ou num velório. Numa reunião social. Num supermercado. Ou ao acaso num lugar onde não conheça ninguém.

O importante é você descobrir um caso digno de análise. Desembarque nessa ilha. Capte, de início, o que os seus olhos revelam. Os olhos raramente sabem fingir. Dessimule-se, porém. A desconfiança tapa todas as brechas. Infiltra-se suavemente. Perca-se lá dentro no labirinto do sistema nervoso. Se não perder o fio da meada acaba descobrindo o trágico, e o grotesco. Andam sempre lado a lado.

É um jogo divertido, que andei praticando activamente durante esta semana. Como posso provar com os documentos juntos...

● EXPERIÊNCIA-1

Eu nunca tinha visto um rosto tão ausente de vida. Era a inexpressão imobilizada.

Os olhos, mesmo os dos cegos, são como braza dormida. Os dele, eram um fogo morto. Todo o rosto, uma máscara rígida. Como esboço abandonado por qualquer pintor.

Enquanto conversava com amigos, nunca deixei de fitá-lo. Depois eles foram embora e eu, sob qualquer pretexto, fiquei. Só para saber se ele estava vivo. Por fim, abordei-o: __ Posso falar com você?

E como se a voz viesse estagnada do fundo de um poço, disse apenas:

__ O quê?

__ Quem é? Porque está aqui?

__ Não sou ninguém.

Trôpego, levantou-se. Dirigiu-se para a rua. Fui atras dele. Não era velho, não. Devia ter uns quarenta e poucos anos...

Lá fora sentou-se num banco de cimento. No céu não havia estrelas. E sem um gesto, como autómato, disse, monocárdico: __ Sou anónimo. Sou todos os anónimos. Um daqueles que por covardia perderam a personalidade...

__ Anónimo, como?

__ Nunca ouviu falar nos Alcoólatras Anónimos? Pois faço parte. Nunca ouviu falar na Liga dos Heuróticos Anónimos? Estou lá. Também me reúno no clube dos Desquistados Anónimos. E agora me levaram para os Toxicómanos Anónimos. Estou em todas. Em tudo que é anónimo. De tão anónimo não vivo, nem sou ninguém. De tão anónimo não tenho carteira, nem documentos. Anónimo total. Sabe o que resolvi? Ser anónimo até na morte.

Pôs-se de pé. Carros passavam velozes. Avançou. Um deles, colhido de surpresa, arrastou-o por algumas centenas de metros. Ficou morto na valeta. Anónimamente...

● EXPERIÊNCIA-2

Alto, grosso, usa óculos escuros. Não os tira nunca. Comanda grandes empresas, bancos, altos negócios. Suas palavras são afectuosas. Dá uma reunião em casa. Comparecem ministros, governadores, autoridades, damas da melhor grandfinagem. Gosta de ser íntimo. Todos o consideram formidável. A certa altura enquanto se inicia um «show» no jardim, afasta-se. Debruça-se sobre uma janela. Lá em baixo o mar. Respira fundo. Julga-se só. Tira os óculos. e, ao tirá-los, vejo a voracidade de uns olhos de tigre.

● EXPERIÊNCIA-3

Um casal de sessenta anos, mais ou menos, bate à porta. De pouco mais de metro e meio de altura. Mal cheirosos. Ele imundo, mas de paletó e gravata emporcalhada; ela, estrábica, de cabelos ruivos, cara gordurenta, envergando qualquer coisa de cor indefinida. Quaso começo a rir por me lembrarem ilustrações de algum romance de Dickens Falam ao mesmo tempo. Enchem-me as mãos de folhetos. Convidam-me para pertencer à Novíssima Religião de Cristo reintegrado no Homem.

Tento infiltrar-me dentro daqueles olhos esquivos que se semi-cerram talvez para que eu não saiba que estão forrados por dentro, com uma espessa camada de breu, como as torres da Má-Hora, nos contos da minha infância.

__ Cristo vale como razão, como dever, como solidariedade humana...

Chega! Mando-os embora. Dou-lhes uma nota qualquer. Saiem insultando-me. Jogo fora os folhetos. Desço meia hora depois. Ainda lá estão, no botequim, em baixo, esvaziando uma garrafa de cachaça.

● EXPERIÊNCIA-4

Olhos enormes, negros, flutuando em névoas de nostalgia: Lábios entre abertos. Sobrancelhas em curva ágil. Pestanas duplas. Nariz fino. Os cabelos soltos, suaves e louros, caiem-lhe sobre os ombros. O ondular leve dos seios, num vestido azul, sem alças. A orquestra está tocando Beethoven. O teatro em penumbra. Então ela, insensivelmente, coloca os dedos, leve, levemente, sobre a mão grossa do espectador ao lado. Desconhecido.

● EXPERIÊNCIA-5

Tem uns olhos de vitríolo que queimam os nossos se nos arriscamos a invadir a sua personalidade. Está sentado no chão, num jardim de Ipanema. Usa um velho jean cravejado de inscrições e símbolos. Cabelos á «black-power». Expõe peças de artesanato que ninguém compra. Veio há dois anos da Baía. Sabe o que é um génio. Incompreendido. Mas como ele diz, num dia chego lá...

● EXPERIÊNCIA-6

É cronista social. Escreveu um livro. Anuncia a noite de autógrafos. Comparece tudo que há de melhor no Rio de Janeiro. As mulheres mais elegantes. Homens da mais alta categoria. É a consagração. E todos, elas e eles, com o livrinho na mão vão esperando enfileirados o momento feliz em que o autor bote comovido, o fomegão, após uma palavra amiga.

Estou defronte dele, herdeiro do héroi de há pouco, mas no papel anónimo de admirador. Entro então pelos olhos dele, aproveitando-lhe um momento de fraqueza, e atravesso quase meio século. Não de elegância. Mas de miséria, de humilhações, de luta a soco pela sobrevivência. São dez, vinte, trinta anos, para subir naquele pau de sebo que antigamente, no Brasil, tinha no topo uma libra esterlina.

Mas o oiro que ele desejava era outro. Era o oiro do «smae-set». Era ser alguém a quem a sociedade no Rio acabas se por se render. Queria ter o Rio de Janeiro a seus pés. E agora? Agora ali estavam todos. Sorrindo, enfileirados, e ele na sua mesa, assinando, senhor de si e do mundo.

Mas aquilo valeria a pena? Vencer não seria apenas uma aparência? Afinal o triunfo não é aquele milagre que produz os Picassos, os Carlos Drummond, os Jorge Luís Borges?

E como um relâmpago atravessando o céu teve, de repente, a sensação de ser apenas uma vaidade frustrada. Afinal, ser quem era, de que valia. Para quê tanto esforço? E dominando-se calou o grito que lhe subia à cabeça no desejo de mandar toda aquela gente prós infernos, indo dormir sózinho numa daquelas pensões baratas onde, noutros tempos, tanto sonhava com a glória.

● EXPERIÊNCIA-7

__ Você não me conhece, não? Não se lembra de mim? E no entanto várias vezes insistiu comigo para que fosse trabalhar com você no Casino de Urca. Não se lembra mesmo? Queria pertencer aquele grupo de mulheres altas, esguias, de seios pequenos mas erectos, que desfilavam nos seus «shows» representando o oiro, pedras preciosas deusas do Olimpo, coisas assim. E insistia: __ No duro que não se lembra?

__ Sim, vagamente...

Você insistiu várias vezes. Que eu era burra por me ter amarrado a um sujeito que não valia nada. Mas que quer, mulher quando gosta de um homem tem de ser mesmo dele.

__ Há excepções, acredito...

__ Fui com ele para a Europa. Roma, Veneza, Cannes, Paris. Sabe? Não passava de um gangster. Usava-me como isca, entende? Foi preso na capital de França. Não se lembra mesmo? O caso foi falado. Mas eu gostava dele. Gastei tudo que tinha, jóias, dinheiro, com tribunais, advogados, o diabo. Não adintou. Pegou trinta anos de cadeia. Por lá fiquei à toa, até que me lembrei de você. Isto foi, creio em 1951. Será que ainda estou em forma? Enchi-me de coragem e fui falar com você: __ Me dá trabalho? Você olhou para mim, mediu-me de alto a baixo e disse friamente:

__ Não. Você não tem mais aquele garbo de galgo de raça. E depois não há vaga... O jogo acabou. Estou até reduzindo pessoal! Chorei na sua frente, também não se lembra? De raiva de desespero. E você deixou que eu fosse embora...

Tinha-me encontrado agora, por acaso, neste Novembro de 1972, e aquilo era um desabafo. Começou a chorar. Um choro manso, sofrido, triste, angustiado, de pequeninas pérolas que escorriam no rosto envelhecido...

Então, de repente, lembrei-me.

__ Desculpe, Ana Maria Maldonado. Agora sei quem você é. E sabe como? Pelas suas lágrimas. Há lágrimas que a gente nunca esquece!

● EXPERIÊNCIA-8

Entrou no bar e sentou-se no balcão junto de mim. Como estávamos diante do espelho fiquei a espiá-lo por entre as garrafas espalhadas aqui e ali.

Assustava. Um rsoto convulso. Inchado. Cabelos em desalinho. Um suor ininterrupto nascia em pequenas gôtas no lábio superior que ele limpava com o indicador sujo da mão direita. Os olhos pareciam dois faróis vermelhos acesos numa noite escura. Nos lábios um riso mau. Pediu conhaque. Queimou vários cigarros. Depois, de repente, perguntou em voz baixa:

__ Ainda não se cansou de olhar para mim?

__ Estudava você...

__ Aprendeu o quê?

Olhamos um para o outro.

__ Que você é um assassino.

__ Puxa, como adivinhou?

__ Porque tem todos os estigmas.

__ Pois é. Mato um velho todos os sábados.

E riu baixinho.

__ Felizmente hoje é sexta-feira...

__ Não. Já é sábado.

Mostrou o relógio de pulso.

__ Veja. Duas horas da manhã.

__ Vai começar aqui mesmo?

__ Não. Espero você lá fora.

Quis pagar. Disse-lhe que a despesa ficava por minha conta. Riu de novo, e foi embora. Alguém, no canto, cantava ao violão: «Não quero ninguém de vida vivida/Não quero ninguém de mais trint 'anos...

Sairam vários fregueses. Depois ouviu-se um tiro Corri com outros clientes: que foi?

...No chão estava um homem de cabelos grisalhos que no entanto não se parecia comigo.

Copacaba, Novembro 1972.
Para correspondência: Rua Fernando Mendes, 28-Ap. 908-Copacaba-

Compañia Trasatlántica Española, S. A.

MADRID

PARA:

NEW YORK
FILADELFIA
NORFOLK

Recebe Frigorífico, Carga Geral e Cortiça a moderna e rápida motonave espanhola

« V A L V A N U Z »

em 20 do corrente

Os Agentes Gerais

LLORET & XAVIER, LDA.

Largo do Corpo Santo, 21-1.º

L I S B O A - 2

Telef. 32 46 71 e 32 72 58 — Telex. 1416 L L O X A V

EXPOSIÇÃO

National NATIONAL National

NOVIDADES DE NATAL

A sonipol AJUDA-O

A ESCOLHER A SUA PRENDA

* *

Visite o nosso salão de exposições da Av. 5 de Outubro, 56, onde lhe apresentaremos as últimas novidades NATIONAL, e teremos o prazer de lhe oferecer um brinde.
Este salão encontra-se aberto do dia 11 a 20 do corrente das 9 às 24 horas, exceptuando o sábado e domingo.

MUTUAL

COMPANHIA DE SEGUROS

CONCURSOS PÚBLICOS

PARA A ARREMATAÇÃO DE EMPREITADAS DO EDIFÍCIO DESTINADO A **SEDE DA MUTUAL** — COMPANHIA DE SEGUROS E A **RENDIMENTO**, A CONSTRUIR NO GAVETO POENTE DAS RUAS DO CAMPO ALEGRE E GONÇALO SAMPAIO, DA CIDADE DO PORTO:

Realizou-se, em 5 do corrente, a sessão de abertura de propostas para arrematação das empreitadas a concurso. Foram recebidas 11 propostas para a 1.ª empreitada (Toscos) cujos valores oscilaram entre 16 000 e 24 000 contos e 5 propostas para a 2.ª empreitada (Saneamento), de montantes compreendidos entre 1800 e 2800 contos.

A adjudicação será feita até ao dia 31 de Dezembro de 1972 e comunicada a todos os concorrentes, devendo a obra ter o seu início no prazo de 20 dias a contar da data da adjudicação.

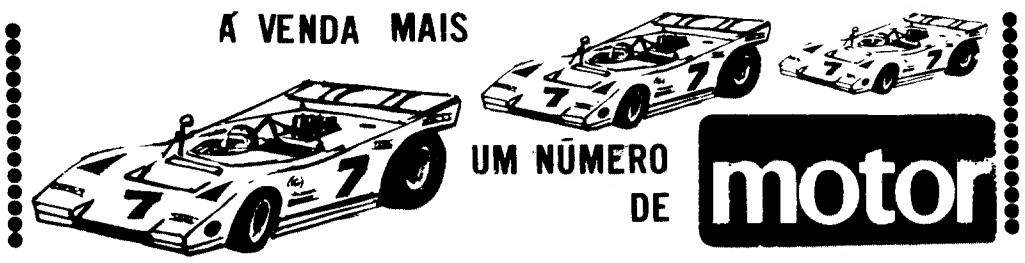
SURDOS

CASA SONOTONE

Chegamos à época do Natal, linda quadra do ano para alegria das crianças e dos adultos, ao vê-las tão felizes, com as suas prendas e surpresas. Já pensaram para aqueles que não ouvem bem a mais linda prenda é ouvirem bem!... Não existem, vão já hoje fazer um exame e demonstração que é gratuita para verem o que há de mais moderno para corrigir a perda auditiva. Prestamos assistência a todos os aparelhos, sejam ou não vendidos por nós, de qualquer casa e de quaisquer marcas. Com a vossa visita ficaremos muito reconhecidos em:

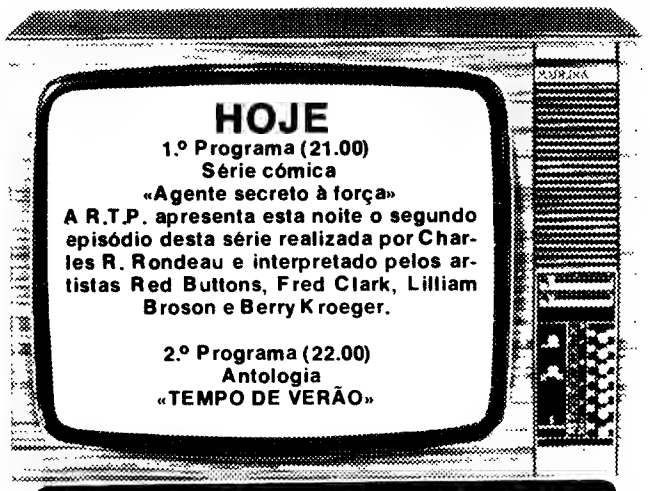
LISBOA — Poço do Borratém, 33, s/l — Telef. 868352
PORTO — Praça da Batalha, 92-1.º — Telef. 02-35602
LUANDA — Rua António Enes, 42-2.º. Apartamento 26

A VENDA MAIS



UM NÚMERO DE motor

televisão



MADEIRA SIEMENS ISLAND

O MAIS MODERNO TV COM ECRAN TOTAL

HOJE

1.º Programa

12.30 Abertura e Missa de Domingo
13.10 Dia do Senhor
13.35 Nos Bastidores da Aventura «O Piloto da Montanha»
13.45 Telejornal 1.ª Edição
13.55 Robin dos Bosques
14.20 Hoje pode ver
14.30 Expedição Os Rinocerontes Brancos
14.55 TV Educativa Educação Musical (adultos)
15.20 Tarde de Cinema O Caminho do Sacrifício
17.00 TV Infantil
17.55 TV Rural
18.25 Domingo Desportivo
18.45 Semibreve
19.30 Telejornal 2.ª Edição
19.45 Adeus 5 anos
20.00 TV 7
21.00 Agente secreto à força
21.30 Telejornal 3.ª Edição
22.00 Domingo à noite
00.05 Domingo desportivo
00.30 Telejornal 4.ª edição
00.40 Meditação e fecho

2.º Programa

20.30 Abertura e «Regresso de Lucy»
21.00 Do, la, si
21.30 Telejornal
22.00 Antologia «Tempo de Verão»
23.25 Fecho

AMANHÃ

1.º Programa

1.º Período

12.45 Abertura e desenhos animados
13.00 Feminino singular
13.15 «Uma rapariga endiabrada
13.45 Telejornal 1.ª Edição
14.00 Vivendo o futuro
14.25 Logo à noite

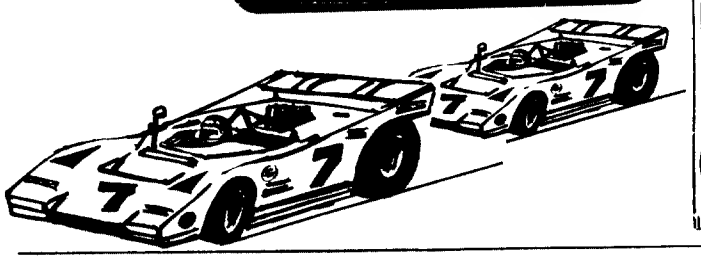
2.º Período

14.40 Ciclo Preparatório TV
19.00 TV Educativa «Língua Portuguesa»
19.30 Telejornal 2.ª Edição
19.45 TV Infantil «A Grande Aventura
20.00 Momento desportivo
20.40 Eurovisão Apolo-7 alunagem»
21.00 Silêncio vamos rir!
21.30 Telejornal 3.ª Edição
22.00 McCloud
23.45 Telejornal 4.ª Edição
24.00 Meditação e fecho

2.º Programa

20.30 Abertura e desenhos animados
20.45 Vivendo o futuro
21.00 «Uma rapariga endiabrada
21.30 Telejornal 3.ª Edição
22.00 Museu do Cinema
23.30 Fecho

LEIA motor



tempo

Situação do tempo
09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava em geral muito nublado a sul do rio Tejo onde chovia ou caiam aguaceiros em várias regiões; o céu estava pouco nublado a norte do mesmo rio; o vento soprava fraco de Nordeste em todo o território.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H

PORTO	6.º
P. DOURADAS	1.º
COIMBRA	8.º
PORTALEGRE	8.º
LISBOA	9.º
FARO	10.º
FUNCHAL	15.º

TEMPERATURAS EXTREMAS

Faro
Máxima 16.º

Montalegre
Mínima 1.º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar	14.3.º
Atmosfera	11.º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
6.33	**3,7 m**		
18.56	**3,4 m**	12.18	**1,1 m**
Dia			
7.09	**3,7 m**	0.28	**1,2 m**
19.35	**3,4 m**	13.01	**1,1 m**
Dia 12			
7.51	**3,6 m**	1.14	**1,3 m**
20.22	**3,3 m**	13.52	**1,2 m**

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu geralmente muito nublado excepto a norte do Tejo onde se deve apresentar pouco nublado até à próxima madrugada; vento fraco ou moderado de Nordeste rondando para Noroeste durante o dia de amanhã; períodos de chuva ou aguaceiros nas regiões do Sul durante o dia de hoje e a norte do Tejo durante o dia de amanhã

AMANHÃ

NASCER ÁS 8.45
OCASO ÁS 18.15

DIA 13 | DIA 20 | DIA 27 | DIA 8

rádio

EMISSORA 1. PROGRAMA

14.30 Radio Desportiva Radio desporto Futebol Relatos e informações dos jogos da 14.ª jornada do Campeonato Nacional da 1.ª Divisão
Actualidade desportiva
17.30 «Convite à dança», por Maria Celina
18.05 Girândola
19.10 Musica da Europa
20.00 Diário Sonoro
20.30 Paginas do Natal II
20.45 Missão Apolo 7 Reportagem da chegada às proximidades da Lua e entrada em Orbita
21.00 Radio desporto
21.20 Variedades (ERN)
22.00 Na rubrica «Teatro das Comedias», a peça **«O duendo e o poeta»**, da autoria de Rui Represas
22.35 Musica portuguesa
23.05 Sol e toiros
23.30 De um dia para o outro, por Fernando Garcia
00.00 De um dia para o outro (cont.)
00.30 Junção (Entra o MF de Lisboa)
Diario sonoro
00.45 De um dia para o outro (cont.)
02.00 Fecho

Programa em MF 1 de Lisboa

23.00 Sinal horario Radio Universidade
00.30 Junção com o Programa

2.º Programa

17.00 Perspectivas da Obra Instrumental de Mozart
18.00 Concerto de Domingo (1.ª PARTE)
Intercâmbio Musical Festival de Viena de 1972 (Gravações)
18.30 Intervalo ciclo de canções «A bem amada ausente» (Beethoven)
18.45 Concerto de Domingo (2.ª PARTE)
Intercâmbio musical (Continuação)
19.33 Quarteto n.º 82, em fá maior, op. 77 n.º 2 (Haydn) Quarteto dinamarquês
20.20 Musica de Câmara
20.30 As grandes figuras do mundo português, pelo D. R. Caldeira Pais **21.00** Recital de cravo por Madalena Van Zeller
21.16 O violoncelista Pierre Fournier
21.30 Que quer ouvir?
23.00 Emissão em línguas estrangeiras
01.15 Fecho

Programa em MF 2

14.30 Musica sinfonica
15.00 2.º e 3.º actos da opera «Simão Bocanegra» (Verdi)
16.00 Concerto N.º 4, em re menor, op. 3, para violino e orquestra
16.30 Solos de piano
17.00 Junção com o 2.º Programa

Programa estereofónico MF 2

21.00 Musica ligeira variada
22.00 Musica de Berkeley e Prokofieff
23.00 Obras para Piano, de Schumann
23.35 Coros Russos, pelo coro Os Cossacos do Don», dir. de Serge Jaroff
00.05 Quinteto em Fa Menor (Cesar Franck) Quarteto Bernede e o pianista Samson François
01.00 Fecho

RÁDIO CLUBE

Onda Media
14.55 Tarde Desportiva
17.00 Chave do totobola
17.03 Projecção
17.33 Meia hora depois
18.02 Musica pelo caminho
18.45 Ritmos de baile
19.03 Formula
19.30 Vedetas e canções
20.00/21.00 «Radio 72»
20.00 Divagando
20.15 Comentador desportivo
20.30 De sete em sete dias
20.45 A estrela da noite
21.00/24.00 «Quadrante 2-9-0»
21.32 Impacto
22.30 Quando o telefone toca
23.08 Mensagens biblicas
23.22 Canções ao acaso
23.30 PBX
02.00 A noite é nossa
06.00 Diario rural
07.00 Talismã

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

RÁDIO PENINSULAR
06 00 às 08 00 das 0 00 as 2 00 e das 22 00 às 02 00

CLUBE R. DE PORTUGAL
8 00 às 0 00 e das 7 00 as 9 30

RÁDIO GRAÇA
2 00 as 4 30 e das 9 30 as 22 00

RÁDIO VOZ DE LISBOA
4 30 às 7 00

farmácias de serviço

LISBOA

ALCÂNTARA
Dilema, R. Aliança Operária, 49-B (tel. 636620); **Costa**, Rua dos Lusíadas, 30 (tel. 636704); **Vieira da Rosa**, Rua Prior do Crato, 74 (telef. 660187).

ALTO DO PINA
Ibéria, Rua Barão de Sabrosa, 235-A (telef. 78277).

ALVALADE
Aeroporto, Avenida Almirante Gago Coutinho, 101-D (à Avenida D. Rodrigo da Cunha) (tel. 722384); **Sanex**, Avenida da Igreja, 31-C (tel. 717505); **Rio de Janeiro**, Avenida Rio de Janeiro, 4-C (à Avenida Estados Unidos da América) (tel. 721409)

AMEIXOEIRA
S. Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 (às Galinheiras) (tel. 790969).

ARCO DO CEGO
S. Jorge, Avenida Rovisco Pais, 32-A (telef. 534027).

AREEIRO
Algarve, Avenida de Roma, 7-B (tel. 731478).

ARROIOS
Pancada, Rua Rebelo da Silva, 11 (tel. 43340).

CASTRO
Avenida Almirante Reis, 76-A (tel. 821973)

AVENIDA DA LIBERDADE
Liberal, Avenida da Liberdade, 219 (tel. 43641).

AVENIDAS NOVAS
Figueiras, Avenida Marquês de Tomar 20 (tel. 44995);; **Cruz Nunes**, Praça Duque de Saldanha, 14 (tel. 41845).

BAIRRO ALTO
Sanitas, Praça Luís de Camões, 24 (telef. 322798).

BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Ascenso, Praça do Norte, 11 (telefs. 311216 e 310172).

BAIXA
Silva Carvalho, R. dos Franqueiros, 126 (tel. 326575).

BELÉM
Bom Sucesso, R. Bartolomeu Dias 63-A (tel. 611454)

BENFICA
Santa Cruz, Avenida Gomes Pereira, 34-B (telef. 704828).

CAMÕES
Sanitas, Praça Luís de Cmões, 24 (tel. 322798)

CAMPOLIDE
Oliveira, Rua de Campolide, 54-A (tel. 684424)

CAMPO DE OURIQUE
Elma, Rua D. Maria Pia, 358-A (tel. 686176); **Urbano, de Freitas**, R. Silva Carvalho, 5 (tel. 662838); **Tagus**, Praceta da Rua Possidónio da Silva, 162-A (tel. 669485); Pinheiro, Rua Campo de Ourique, 133 (tel. 686640)

CARNIDE
Ribeiro, Estrada da Luz, 199-A (tel.780969).

JANELAS VERDES
Reis Garrido, R. das Janelas Verdes, 90 (tel. 662327).

LAPA
Mota Capitão, Rua de S. Félix 45-B (tel. 660720)

LUMIAR
Central, Rua do Lumiar, 75 (tel. 790480)

MARQUES DE POMBAL
Liberal, Avenida da Liberdade, 219, (tel 43641).

MOURARIA
Silva, Calçada de Santo André, 16 (tel. 862074).

OLIVAIS
Antunes Rosas, Praça da Cidade do Luso, Lote 199 (Olivais -Sul) (telefone 313610); **Central dos Olivais**, Rua Alferes Barriaro Ruas, 7-C (Olivais-Norte) (tel. 315539)

PENHA DE FRANÇA
Branquinho, Rua de Sapadores, 87 (tel. 842725).

PICHELEIRA
Luzmar, R. João Nascimento Costa, 16-A (tels. 720703-728395).

RATO
Vicente de Jesus, Largo do Rato, 3-C (tel. 681947).

RESTELO
Belém, Rua Tristão Vaz, 10-A (à encosta do Restelo) (Tel. 612248).

SANTO AMARO
Gomes, Rua da Junqueira 326 (Tel. 638193); **Costa**, Rua dos Lusiadas, 30 (Tel. 636704).

S. BENTO
Fénix, R. da Cruz dos Poiais 52 (Tel. 678531).

S. MIGUEL
S. Miguel, Praça Francisco de Morais, 1 (Tel. 771469)

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Novais, Avenida Luís Bivar, 11 (Tel. 44324)

SETE RIOS
Curie, Avenida Madame Curie, 15-A (Tel. 778439); **Laranjeiras**, Rua Filipe da Mata, 160 (Tel. 761035).

SOCORRO
Silmar, Rua de S. Lázaro, 128 (Tel. 42829).

XABREGAS
Conceição, Calçada de D. Gastão, 30 (Tel. 381279).

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (Telef 234100)
ALHOS VEDROS
Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (Telef. 224020)
ALMADA
Castro Rodrigues, R Capitão Leitão, 21-A (Telef 270076)
BAIXA DA BANHEIRA
Aliança, Est. Nacional, 174 (Telef. 224302)
BARREIRO
Soares, Av. da República, 1 (Telef. 2273023)
COVA DA PIEDADE
Morgado, R. Cabo da Boa Esperança, 31-A (Telef. 274356)
MOITA
Silva Rocha, P. da República, 6 (Telef. 239029)
MONTIJO
Higiene, R José Joaquim Marques, 142 (Telef. 230370)
SESIMBRA
Leão, Av. Salazar (Telef 229471)
SETUBAL
Marques, R Arronches Junqueiro (Telef 22783), **Bonfim**, Av Rodrigues Manitto, 12 (Telef 24558)
SEIXAL
Godinho, L da Igreja, 51 (Telef 2218580)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Combatentes, Av Comb G Guerra, 166 (Telef 213953)
CAXIAS
Nova, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Telef 242839)
PAÇO DE ARCOS
Godinho da Silva, Av Patrão Lopes, 4 (Telef 2432039)
OEIRAS
Godinho, R. Cândido dos Reis, 98 (Telef 2430090)
PAREDE
Grincho, Av da República, 87 (Telef 2471204)
S. PEDRO DO ESTORIL
S. Pedro, (Telef 263052)
TMONTE ESTORIL
Lopes, R Hangar, 3 (Telef 260008)
CASCAIS
Marginal, Av Marginal (Telef 280078), **A. Costa**, R. Freitas Reis, 24-C (Telef 280214)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Dias, Av Marquês de Pombal, lote 9 (Telef 934589), **Campos**, R Elias Garcia, 185 (Telef 930072), **Clabel**, R António Sardinha, 23-D (Telef 938551)
DAMAIA
Confiança, Est Militar lote D (Telef. 9710231)
VENDA NOVA
Girassol,
QUELUZ
Gil, Av Miguel Bombarda, 28 (Telef 950117), **Simões Lopes**, Av Elias Garcia, 51 (Telef 950123)
CACÉM
Garcia, Av dos Missionarios, 2 (Telef 2942181)
MEM MARTINS
Quimia, Est de Mem Martins, 285 (Telef 2910012)
S. PEDRO DE SINTRA
Valentim, (Telef 980456)
SINTRA
Marrazes, L Afonso Albuquerque (Telef 980058)
COLARES
Abreja, (Telef 299088)

PORTO

SUB-TURNO A

Boavista (da), Rua da Boavista, 601; **Cosme**, Rua Costa Cabral, 584; **Guarani**, Rua Pedro Hispano, 367; **S. Diniz**, Rua S. Diniz 428; **Soeiro**, Rua Santos Pousada, 71; **Vitália**, Praça da Liberdade, 34-37

SUB-TURNO B

Alberto Ferreira, Rua da Estação, 100; **Antero de Quental**, Rua Antero de Quental, 520; **Antunes**, Rua do Bonjardim, 485; **Cardona dos Santos**, Rua D. Manuel II, 90; **Herculano**, Rua Alex. Herculano, 384

COIMBRA

TURNO L

S. SEBASTIÃO; Rua António Jardim, telef. 28802; **Silcar**, Rua Ferreira Borges, 88-94-tel. 22923; **Paiva**, Pr.ª do Comércio, 57-58-Tel. 23231.

cinemas

MONUMENTAL (Tel. 555131)
15 00-18.15-21 30
(Grupo C-14 anos)
7 ª Semana de êxito «UM VIOLINO NO TELHADO» Écran gigante, som estereofónico, de 4 bandas magnéticas

SATÉLITE (Tel. 561632)
15 00-17.00-19.30-21 45
(Grupo C-14 anos)
2 ª Semana
A teoria e a prática do cinema aplicado na História «ALEXANDRE NEVSKI» de Eisenstein com Nicolai Tcherkassov

AVIZ (Tel. 47163)
15 30 - 18.30 e 21.45
(Grupo B - 10 anos)
46 ª Semana de recorde de exibições em Portugal «TRINITA» - Cow-boy insolente, com Terence Hill e Bud Spencer - Colorscope

TIVOLI (Tel 50595)
14 30 - 18 00 e 21.30
13 ª Semana «A Paramont apresenta «O PadrinhO2

IMPÉRIO (Tel 555134/5
15 15 - 18 30 e 21.30
(Grupo D - 18 anos) 2 ª Semana «O PECADO» com Sophia Loren (Metro-Alameda)

ESTÚDIO (Tel 555134/5)
15 00-17 00-19 00-21.45
(Grupo C-14 anos)2 ª Semana
A obra-prima de Robert Rosselinni «A TOMADA DO PODER POR LUIS XIV» (Metro-Alameda)

LIS (Tel 48560)
14 45 e 21 00
(Grupo D - 18 anos)
6 ª Semana em continuação de estreia «FRENZY» - Perigo na noite Em complemento. «UMA VIUVA DE OURO»
(Metropolitano Intendente)

S. JORGE (Tel. 54154 e 54153
15 15-18.15 e 21.30
Sensacional 3 ª Semana
«ATÉ Á.. MATERNIDADE»
Não perca esta espantosa comédia Grupo D 18 anos.

VOX (Tel. 720808)
15.15 - 18 30 e 21.45
Estmancolor - Grupo B 10 anos
Louis de Funés e Yves Montand têm A MANIA DAS GRANDESAS»
A loucura feita cinema

CASINO ESTORIL (Tel 26461/264946)
15.30 - 18,30 e 21 30
Grupo C 14 anos
«MORTADELA»

LONDRES (Tel 731313)
4 sessões diárias - 14.00 16.30 19.00 e 21 45 - Grupo D (18 anos)
(Colorido - A Estrela do ano Liza Minnelli «CABARET» Adeus Berlin Sanack-Bar PUB «THE FLAG» o melhor encontro gastronómico

MUNDIAL (Tel 538743)
15 15 - 18 30 e 21 45
Grupo D 18 anos)
9 ª Semana de êxiyo - Lino Ventura Jacques Brell e Charles Denner no inesperado filme em Estmancolor
«AVENTURA É AVENTURA
O ultimo mais discutido êxito de Claude Lelouch

ALVALADE (Tel 717480)
15 15 - 18 15 - 21 45
(Grupo A - 6 anos)
«EGLANTINE» com Valentine Téssier, Claude Dauphin e Odile Versois

CONDES (Tel 322523/326710)
4 sessões diárias - 14 15-16.30 18.45 e 21.45
(Grupo B - 10 anos)
Louis de Funés e Yves Montand em «A MANIA DAS GRANDEZAS» A loucura feita cinema

IMPERIAL (Tel. 821933)
15.00 e 21.00
(Grupo D - 18 anos)
O filme português de Henrique de Campos «OS TOIROS DE MARY FOSTER» e em complemento «A MALUQUINHA DE ARROIOS»

EUROPA (Tel 661016)
15.15 e 21 30
2 ª Semana Grupo D 18 anos
Um filme realizado por Rommain Gary «KILL» Por quem não pode haver piedade
Hoje às 18 15h. Grupo A (6 anos)
O Incomparável Charlot em «O HOMEM MAIS ENGRAÇADO DO MUNDO

ROMA (Tel 727778)
15 30 - 18.30 - 21 45
(Grupo D - 18 anos)
«MACEDÓNIA A MULHER MODELO» com Michéle Mercier e Pierre Brasseur. Eastmancolor

ODEON (Tel. 326253)
15.15 - 18 15 - 21.30
(Grupo D - 18 anos)
Alfredo Landa, Ira Fustenberg e Sylva Koscina em «NÃO DESEJARÁS A MULHER DO DELICADINHO»
Um escandálo em graça brejeira

ROYAL (Tel. 865037)
15.00 e 21.00
(Grupo D - 18 anos)
«DÍVIDA DE ÓDIO» e em complemento «OS ESTRANGEIROS»
Às 00 30
(Grupo D - 18 anos)
«A FILHA DE FRANKENSTEIN»

BERNA (Tel. 776098)
14.30 - 18,00 e 21 30
13.ª Semana «A Paramont apresenta «O PADRINHO»
Grupo D 18 anos

ESTÚDIO 444 (Tel 779095)
15.30 - 18 30 e 21 45
Grupo D 18 anos)
6.ª Semana - um filme de Roman Polanski
«MACBATH» com Jon Finch, Francesa Annise Martin Shaw
Colorido - O filme começa a projectar-se 5 minutos depois dos Horarios

APOLO (Tel 763319)
15 00 - 18.15 e 21 45
Thechnicolor
Grupo D 18 anos
Um filme de John Cassetes «TEMPO DE AMAR»
5.ª Semana com Seymour Cassel e Jena Rowlands

POLITEAMA (Tel 326305)
15 15 - 18 45 e 21.45
Grupo C 14 anos)
Um filme de brutal acção explosiva
«SARTANA ESTA DE VOLTA» com John Carko e Klau Kinski
Feras Humanas à Solta

EDEN (Tel. 320768)
15 30-18 30-21 45-2 ª Semana
(Grupo D - 18 anos)
Raquel Welsh em «HANNIE CAUDER»

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Humberto da Silva, R. Antero de Quental, 15 AMADORA

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

COLISEU
21.30 Grupo B (10 anos)
3.ª Companhia Internacional de Circo

TRINDADE
21.45 (18 anos)
«Hedda Gabler»

LAURA ALVES
21 45 (18 anos)
«Freud o princípio e o fim»

VARIEDADES
20.45 e 23 00 (14 anos)
«A Cama dos Comuns»

MARIA VITÓRIA
20 45 e 23 00 (18 anos)
«Cá vamos pagando e rindo»

COMUNA
21.45 (14 anos)
«Para onde is?

GIL VICENTE
22.00 (18 anos)
«As criadas»

VILLARET
20 45 e 23 00 (14 anos)
«Sua Excelência o Pendura»

A. B. C.
20 45 e 23 00 (18 anos)
«E o fim da macacada»

LISBOA/Cinemas

OLÍMPIA
19 00 (14 anos)
«Lobo Vermelho»

CINEARTE
21 00 (18 anos)
Os toiros de Mary Foster»

PARIS
21 00 (18 anos)
O assalto»

JARDIM CINEMA
21 00 (14 anos)
«Esército na Sombra»

MOSCAVIDE
21 30 (14 anos)
Entre duas Margens»

PROMOTORA
21.00 (18 anos)
«Sol vermelho»

ARCO ÍRIS
19.00 (10 anos)
«Um muro em Jerusalém»

LINHA DE CASCAIS

PAREDE
Royal-Cine
2 5 (0 anos)
«O grande corrida à volta do Mundo»

ESTORIL
Casino
5 30- 8 30-2 30 (4 anos)
«Mortadela»

Palácio
2 30 (4 anos)
«Borsalino»

CASCAIS
S. José
2 30 (8 anos)
«Aguenta-te canalha»

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Recreios Desportivos
2 5 (4 anos)
«Sartana desafia Sabata»

CACÉM
S. João
2 00 (4 anos)
«O segredo de Santa Vitória»

SINTRA
Carlos Manuel
2 30 (8 anos)
«Hospital»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
2 5 (4 anos)
007 ordem para matar

TRAFARIA
Pavilhão Jardim
2 5 (0 anos)
«Hercules contra os mongóis

LARANJEIRO
Instrução e Recreio
2 30 (8 anos)
A decada prodigiosa

BARREIRO
Ginásio
2 00 (0 anos)
O assassínio de Julio César»

PORTO/Cinemas

CARLOS ALBERTO
21 30 (18 anos)
«Que há de novo, gatinha» e «Caçadores de Escalpes»

ESTÚDIO
21.30 (18 anos)
«Aventura é Aventura»

VALE FORMOSO
21.30 (14 anos)
«Quatro no Texas»

S. JOÃO
21.30 (18 anos)
«O Padrinho»

COLISEU
21.30 (18 anos)
«História de uma traição»

ÁGUIA D'OURO
21.30 (18 anos)
«As mãos do estirpador»

OLIMPIA
21 30 (10 anos)
«O Pintor Vermelho»

BATALHA
21.30 (18 anos)
«Macbeth»

TRINDADE
21.30
Até à... Maternidade»

S. JOÃO
21 30 (18 anos)
«O Padrinho»

PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«Amarga experiência»

RIVOLI
21 30 (14 anos)
«O forasteiro invencivel»

JULIO DINIZ
21.30 (10 anos)
«Trinitá cow-boy insolente»

PORTO/Teatros

SÁ DA BANDEIRA
21 45 (14 anos)
«Festival Internacional de Magia»

COIMBRA

TIVOLI
21 30 (18 anos)
«Frenzy» Perigo na noite

GIL VICENTE
21 00 (10 anos)
«Os Piratas do Arquipelago»

AVENIDA
21.30 (18 anos)
«Quem é Harry Kellerman?»

SOUSA BASTOS
21.30 (10 anos)
«Alvarez Kelly»

BARS BOITES restaurantes típicos DANCINGS

PRINCIPE NEGRO — Dancing com variedades **Calçada da Glória, 2 Telef. 368987**

EL CID — Dancing com o conjunto «X 4» **Rua Bernardo Lima, 18-A** (Ao Conde Redondo). **Tel. 560538**

FANTASMA — Dancing-Caveau com variedades — Ballet Leny Dancer's Show todas as noites uma atracção surpresa **Rua Gomes Freire, 145-B.** Aberto todos os dias até às 05.00

TAMILA — Marão e s/conjunto «Matinées» todos os dias. Encerra aos domingos **Avenida Duque de Loulé, 69. Telef. 534117.**

D. QUIXOTE — António Alberto (To-Bé). Virgílio cneves. Alberto até às 5 h da madrugada **Rua da Trindade, 9 Tel. 327109. Encerra aos domingos**

HIPOPÓTAMO — Com Helder Reis. Encerra aos domingos. **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. Telef. 48384.**

SANZALA — Dancing Duo Ouro Negro e Conjunto Blackground Jantares e ceias até às 5 da manhã Av Marechal Carmona, 2 (C. Grande) Telef 790177

NINA — Dancing com atracções **Rua Paiva de Andrade, 7-13 Tel. 74059/368197**

ADEGA MACHADO — Cantam Ivete Pessoa, Esmeralda Amoedo, Tina Ferreira, Fernando Maurício Fados de Coimbra por Loubet Bravo, Armando Hilário. Tocam Liberto Conde Rafael Marques e José Vitela Fandangos pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira

LUSO — Grande elenco de folclore, fado de Lisboa por Augusta Ermida e José Luis Tomar, fado de Coimbra por Américo Silva Em fado castiço Cristina Maria **Travessa da Queimada, 10 Tel. 362889. Aberto todos os dias.**

CASEBRE — Cantam Carlos Barra, Deolinda Rodrigues, Nazaré Maria e Susana. Tocam: Carvalhinho e Júlio Gomes. Os Arautos. Folclore pelos Cinco, Típicos de Vila Franca de Xira. **Encerra às 2.ª a feiras. Rua da Barroca, 133 Tel. 369760**

FRAGATA REAL — Maria Valejo, Maria Jô-Jô Nelo e Joaquim Campos em Fado Lisboa, João Queiroz em Fado Coimbra, acompanhamento de António Parreira e Francisco Gonçalves. Artistas convidados Ana Rosmaninho, Natália Desejos e João Cabral. **Trav. S. Miguel, 22-Alfama-Telef. 868552**

CACO — Dancing c/música ambiente com singular quarteto. **Rua Camilo Castelo Branco, 23-A.**

FORCADO — Elenco: Mariana Silva, Isabel de Oliveira Francisco Martinho, Maria de Portugal, João Alberto, Manuel Martins. Folclore pelos 5 Típicos de Vila Franca de Xira **Ar condicionado. Rua da Rosa, 221-Telefone 368579.**

BICO DOURADO — Boite de nuit, atracções internacionais, das 01 H. e 30 às 03 H. e 30, **R. da Misericórdia, 12 Tel. 368649.**

SOLAR DA HERMÍNIA — Herminia Silva, hoje e sempre **Largo Trindade Coelho n.º 10 e 11** Encerra aos domingos **Tel. 320164**

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado Variedades internacionais **Telefones 26451, 264526, 264596, 264621 e 264946.**

CLUB 107 (Boite) — Rua da Madalena 107, Lisboa-Tel. 860078.

FONTORIA Dancing. Música constante. Variedades internacionais. **Praça da Alegria, 66 Telef. 35431**

SAN-PAYO Bar-boite c/ música constante. **Aberto até às 5 h. da madrugada. Rua Rodrigues Sampaio, 34 Tel. 561422. (Ar condicionado).**

DL

RENASCENÇA GRAFICA S A R L
PROPRIETARIA DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185-1 º2,ºE-4 º
TÉLEF 654531/2 3 4
SERVIÇOS TECNICOS
RUA LUZ SORIANO 44
RUA DA ROSA, 57
END TEL DIBOA TELEX 1363
LISBOA-PORTUGAL

TUDO AO ALCANCE FEMININO

O Judo é (definitivamente) uma modalidade desportiva conquistada pelas mulheres. Levou tempo até isso acontecer, por se tratar de um desporto violento, ou melhor: por assim o julgarem. Mas, hoje todos esses problemas estão ultrapassados: e o Judo, como outras modalidades desportivas de auto - defesa e luta, foi adoptado, ao ponto de se ter já disputado o 1.º Campeonato Internacional de Judo Feminino, em Rüsselheim, na Alemanha Ocidental com a participação de representações de três países. Ficou (uma vez mais) demonstrado que o Judo não é anti - estético. Pelo contrário: rona a mulher mais consciente de si própria eapta a enfrentar as dificuldades da vida moderna. Os Campeonatos de Judo (feminino) realizaram-se em seis classes distintas, consoante o peso das participantes, sendo de 50 quilos a mais leve. A classe pesada (de judocas) é a de mais de 68 quilos. Isto no que toca às senhoras: pois, em relação às meninas, ainda se trata apenas de exibição, como a que a gravura mostra e em que participam duas jovens alemãs, por ocasião da Exposição Internacional de Artigos de Desporto, em Colónia.

as suas férias 72
CAPRISTANOS TURISMO, LDA.
Av. Duque de Loulé, 47-A-Tel.560171

LONDRES
21 a 28 de Dezembro
8 dias * 2.990$00
Incluindo:
- Passagem aérea em avião a jacto a Londres e volta.
- Alojamento e pequeno almoço em hotel de 1.ª classe, em quarto c/ banho privativo, rádio e televisão.
- Transfers do aeroporto para o hotel e vice-versa.
- Visita da cidade em autocarro c/ guia falando português.
- Viagem acompanhada por funcionário da agência durante todo o percurso.
- Todos os serviços e taxas de aeroportos.
- Possibilidade de prolongamento da estadia até 14 ou 20 dias.

ÚLTIMAS INSCRIÇÕES E POSSIBILIDADES DE RESERVA MUITO LIMITADAS

TEMOS AINDA:
NEW YORK
8 dias 8.200$00

Um copo de boa disposição...

...para todo o dia!

Más disposições, azia, náuseas e enfartamentos provocados por excesso de comidas e bebidas são eliminados por um agradavel e refrescante copo de «Samarin»

caixas com 36 carteiras individuais

À venda nas Farmacias

NATAL DOS TRISTES

O Natal esta à porta. Vão-se as montras enchendo de bonecos e de futilidades incríveis, á mistura com os fatos de Inverno e artigos de primeira necessidade, que as pessoas irão comprar com o dinheiro escasso das prendas. Programam-se as festas nas empresas com presentes e rebuçados para os filhos dos funcionários, a fim de que se veja, como é costume salientar nos discursos de circunstância, que «somos todos uma grande família». E pelas igrejas, clubes e salões já começam a abrir-se as «vendas do Natal» que são um processo «honesto» de extorquir dinheiro aos generosos incautos.

O ambiente está criado por longas tradições. O comercio das vilas e cidades dará subsídios para iluminar as ruas e lembranças aos fregueses dos grandes armazéns. Os meninos ficarão embevecidos, de nariz colado ás montras e os papás irão comprar-lhes, a preços exorbitantes, os brinquedos oferecidos pelo Menino Jesus: metralhadoras de plástico, carros de assalto, e mini-modelos das últimas criações. E haverá fatos novos, modas e «bibelots», para gastar dinheiro a rodos, mesmo entre aqueles que não recebem o 13.º mês.

Uma certa vaidade muito humana obriga á competição de exibicionismos, que as manovras do mercado estimulam — e as pessoas não podem escapar. Alguns ainda se atrevem a censurar a inutilidade destas despesas, correndo o risco de serem apelidados de misantropos e puritanos. Outros vão tirar daí novo argumento para desmentir o baixo nível de vida, que afinal sustentam — «não é tão mau como se diz».

É o tempo de as pessoas fabricaram ilusões. Verdade seja que ninguém parece muito convencido a avaliar pelos sorrisos postiços e pela bondade prefabricada. Mas se os habitantes de outros mundos descessem de improviso a certas festas de confraternização, não acreditariam que o mundo dos humanos é uma terra de lutas e de ódios, de revoltas camufladas e reivindicações. Também se vai fazer uma pausa no dissabor da vida e na falta de alegria. Haverá bailes por noites inteiras, músicas e foguetes e comezainas até mais não. Vai haver presépios de luzes e cores, com Meninos Jesus papudos, de braços abertos, sem que ninguém os cubra do frio; mas nos salões mundanos as «damas da nossa melhor sociedade» passearão as joias e toilettes» finas, em festas de caridade compungida, com pena das criancinhas que morrem de fome...

Entretanto os pregadores de sermões formais já rebuscam, nas liturgias «aggiornadas», imagens novas para tiradas untuosas que já não convencem ninguém, muito menos os pregadores.

Mas é Natal. Os sinos cantam, a rádio canta,o televisor canta. É o tempo das neves na Suíça e das mais sugestivas evasões. **«Saia de casa** — diz um anúncio nos jornais — **liberte-se dos negócios, da casa, das crianças, liberte-se dos negócios e deixe as coisas correrem por si...Faça aquilo com que sonha há muito**

— **viaje! Vá até uma praia de Miami, veja os arranha-céus de Nova York, a ponte de S. Francisco...ou divirta-se na alegre Nova Orleães. É tão fácil! Quem sabe? Talvez seja o melhor que pode fazer neste momento!**

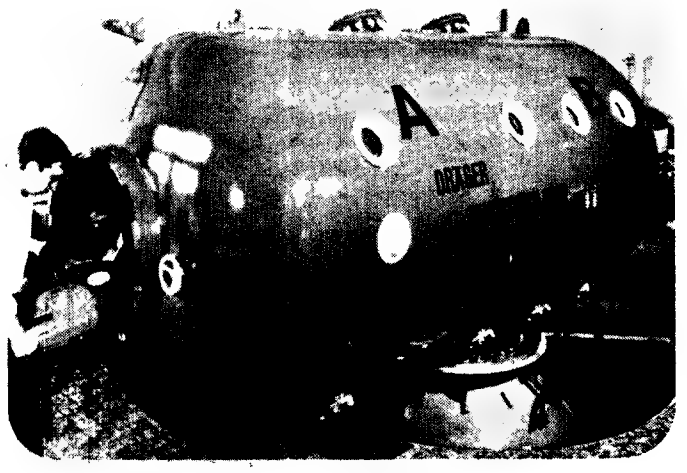
Mas a maior parte de nos não pode tomar o avião para Miami: o senhorio não esquece a renda da casa e dizem que a bica vai aumentar. É preciso comprar um par de sapatos e pagar a conta da farmácia.

Será isto o Natal? Mas isto também é Natal. Uma espécie de Carnaval de Inverno. Todo o mundo anda doido a fingir o que não é ou a fingir que fingia em todo o resto do ano.

E pensar a gente que há dois mil anos como nos disseram no catecismo, os anjos vieram a Belém de Judá anunciar a «alegria para todo o povo»...

EXPERIÊNCIAS SUBMARINAS

Os investigadores têm agora á sua disposição o maior simulador construido por uma firma do norte da República Federal da Alemanha. O simulador permite experiências médicas e técnicas em condições absolutamente idênticas ás que predominam a 1.000 metros de profundidade No cilindro horizontal os investigadores acostumam-se ás condiçoes de pressão existentes na profundidade em que devem trabalhar. Depois de um período de adaptação entram com as suas aparelhagens de respiração no recipiente envolvido de água, uma esfera com paredes de aço de 42 milímetros de espessura. A pressão interior nas duas câmaras pode ser elevada a 100 atmosferas, o que corresponde a uma profundidade de água de 1 000 metros. O simulador destina-se a facilitar experiências de observações científicas necessárias para empreendimentos desta natureza no fundo do mar



" Até ao pescoço": um abraço, Zé Jorge !

«Até ao Pescoço, se chama o LP. Quase só com poemas e músicas de José Letria, à excepção de «Arte Poética», cujo poema foi feito, como se sabe, por Hélia Correia. Em «Até ao Pescoço» reconhecemos o cantor da voz inconfundivel.

Quanto aos arranjos, pode dizer-se que o José Mário Branco conseguiu, uma vez mais, ser diferente, jogando muito bem com uma encenação musical que ilustra da melhor maneira o significado das canções.

Voltaremos ao assunto, porque o assunto o merece. Digamos, entretanto, que o auditório da Sassetti foi pequeno para conter tanta gente interessada no primeiro «longa-duração» de um dos nomes representativos da nova geração da canção portuguesa. E acrescentemos que a grande maioria dessas pessoas interessadas era a «equipa» dos jornalistas, dos que, ao lado do José Jorge Letria, se empenham num trabalho de informação e comunicação social.

Disseste, Zé Jorge, que últimamente tinhas escrito mais do que cantado. Foi o teu abraço. Pois aqui está o nosso.

NO NÚMERO DE HOJE

Uma entrevista com o ex-beatle George Harrison, agora um pop-místico. A mesa redonda é dedicada ao teatro, e, na página 5, Elis Regina fala da música popular brasileira e mostra um pouco do que será o seu show, que a RTP transmitirá esta noite.

DL SHOW

MISSA LEIGA

O RITUAL DO AMOR E DA PAZ

(Págs. 2 e 3)

TEATRO

A «Missa Leiga» está chegando. Será celebrada amanhã, pela primeira vez em Portugal, ás nove e meia da noite, no Teatro São Luis, por Ruth Escobar, e mais 35 actores e músicos brasileirod. O que é a «Missa Leiga»? Pode ser uma peça de teatro, escrita por um moço de 33 anos, jornalista e publicitário, de nome Francisco de Assis, com música de Cláudio Guimarães Petráglia, compositor consagrado e director da Televi-são Cultura de São Paulo. Mas, para os que viram o espectáculo, «Missa Leiga» é um pouco mais do que isso. Por exemplo, para o padre Juan Jutglar, Secretário da Pontificia Comissão para assuntos de Comunicações Sociais, junto do Vaticano **«Missa Leiga é uma peça de conteúdo, com interpretações extraordinárias. Não é um espectáculo político, ideológico, mas dá para se notar a consciência do homem face ao mistério cristão.»**

Depois de uma opinião séria, outra, mais amena. Roberto Carlos, o ídolo da música pop no Brasil, viu a peça e escreveu: **«Bicho é um negócio muito sério. Bonito demais. É o homem colocado diante do homem. Este espectáculo faz a gente pensar muito. Vou ver se consigo vêlo outra vez, para perceber melhor algumas coisas. As músicas são maravilhosas.**

E, para os intelectuais, o que é a «Missa Leiga»? A resposta pode ser dada através do depoimento doprof. Paulo Edgard Resende, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Estas são as suas palavras: **«Amigos da busca: Capitão, sim e não? É o não que é culpado em relação ao sim, ou o sim com relação ao não? Eu vou reflectir a respeito. Missa Leiga ajuda em tal reflexão. Situados num mundo não terminado em realização em clima de insatisfação política, social, cultural e religiosa, colocamo-nos em situação de diálogo no tempo dinâmico da História. Tudo o que nesse diálogo não for fiel a este dinamismo criador de novas liberdades humanas, será suspeito e nocivo para a humanidade. Mesmo com relação á fé, não será oportuno alguém se colocar na condição de fiel, com o monopólio da verdade, diante do infiel. Vale a frase do evangelista João (1,9): «a luz verdadeira ilumina todo o homem que vem a este mundo». A oração de Marcos (9,24) conduz o fiel a maior humildade: «senhor creio, ajuda á minha incredulidade». O ateu sério e o crente sério terão uma secreta unidade de espírito. Quando um e outro fazem tudo o que podem para serem fiéis á missão imediata de diminuir o total dos sofrimentos do mundo, a intenção de suas vidas é semelhante, mesmo se as concepções do que fazem sejam diferentes. Tal unidade na intenção parece, finalmente, mais profunda do que a unidade que se realiza a nível conceitual. «Missa Leiga» é uma liturgia possível de tal busca comum. Tua verdade, não. Minha verdade, não. Mas a verdade. Vamos juntos buscá-la».**

FALA DO AUTOR

Uma outra pergunta: com que intenções foi escrita a peça? Para o seu autor, o que é a «Missa Leiga»? A resposta de Chico de Assis:

— **A «Missa Leiga» é uma oração pelo destino do mundo e do Homem. Cada parte deste texto segue as partes tradicionais da missa da Igreja Católica Apostólica Romana. A secularização de muitas das suas partes é uma mensagem directa ao tempo do mundo e a utilização de textos sagrados, correspo nde ao que eu chamo o tempo do templo. Isto é a eternidade. Na busca da síntese, não encontrámos, até agora, senão medo e fuga. É possível que existam outras soluções, mas estas que se seguem nos parecem imediatas e inevitáveis. Conscientes da nossa profunda ignorância diante de Deus e do Universo, nós nos confessamos errados e iníquos. Nosso gesto e a nossa atitude representam apenas uma corrida para longe de Deus, para podermos gritar o que não basta mais ser susurrado e dito em voz meiga. Entre conhecer o Homem e a Deus, temos maior oportunidade de conhecer o Homem e a Humanidade. Esta «Missa Leiga» tenta representar esta ideia e este vínculo. Se a verdade começa dentro de mim pela centelha divina da vida, então este testemunho é verdadeiro. Se o homem é uma fraude, então este testemunho é fraudulento. Diante do limite da morte geral da humanidade que se autodestroi** nossa geração

Continua na pág seguinte

A partir das 0 horas de 8 de Dezembro

DE LISBOA PARA SETÚBAL MARQUE 04

Os CTT para permitir um melhor escoamento das chamadas dos telefones da zona de Lisboa (TLP) para Setúbal, tiveram de proceder a modificações que obrigam a alterar os indicativos. Assim, a partir da data indicada, em vez do indicativo "0015" deverão os assinantes de Lisboa marcar o indicativo "04"

CTT

CORREIOS E TELECOMUNICAÇÕES DE PORTUGAL

UM ESPECTÁCULO DE AMOR

tem um sentido. Transportar o tempo do mundo para o tempo do templo e á ligação maravilhosa que tentamos. Espantar-nos diante do absurdo da sociedade actual e a ligação perplexa que sofremos. Recorrer ao efémero e ao eterno com a mesma simplicidade, esta é a nossa forma de verdade.

ECUMENISMO

Para quem conhece o Brasil, o nome de Chico Xavier, dispensa apresentações. Para quem não conhece, ei-lo, em poucas palavras. Chico Xavier, é um homem bom. Místico. Espirita. Já escreveu (ou, **psicografou,** como ele prefere) cerca de 150 livros. Chico vive em Uberaba, onde comanda uma dezena de obras sociais espalhadas pelo Brasil inteiro, que vão desde creches, a hospitais e asilos. Apesar da sua seita ser um tanto quanto marginal, Chico é respeitado pela hierarquia católica, que o define como nós o apresentamos: um homem bom, voltado inteiramente para a realização do bem. Para que se tenha uma ideia da sua influência junto da opinião pública brasileira, basta dizer que ele (e a sua obra) são temas favoritos para as grandes revistas de actualidades do Brasil, como «Manchete», «Cruzeiro» e «Realidade», que já lhe dedicaram as suas capas. Por outro lado e ainda recentemente. Chico Xavier concedeu uma entrevista a uma rede de televisão. Anunciada com antecedência, quando esta entrevista foi apresentada, o volume da audiência registada constituiu-se em recorde. Acrescente-se que o programa foi repetido, tal o volume de cartas recebidas pela emissora. Portanto, nessa colectânea de depoimento sobre a «Missa Leiga», não poderia faltar a opinião de Chico Xavier. Inclusive porque mostra o seu (dele e da peça) espírito ecuménico:

... **É verdade. Vós, os obreiros da Paz e do Amor, nas páginas faladas da «Missa Leiga» que acompanhamos hoje com emoção profunda, nos ofereceis comovedora mensagem de esperança e lágrimas sobre a nossa própria consciência, a Consciência do mundo. Repetimos convosco a oração do Senhor. E quando vos detivestes na súplica: «o páo nosso de cada dia, dai-nos hoje», procuramos também acrescentar, sem pretensão: «o pão, o amor, e a paz de cada dia, dai-nos hoje». Quando terminastes a prece inesquecível, rogamos igualmente ao Senhor para que Ele nos livrasse de todos os males do ódio da violência, do egoísmo; e da ignorância; para que a luz do amor e da paz nos fizesse sentir que somos realmente irmãos uns dos outros, a fim de reconhecermos que é impossível a nossa felicidade pessoal sem a felicidade dos nossos irmãos; que não haverá descanso para nenhum de nós ou para alguns de nós, enquanto o sofrimento não for extirpado da existência de todos. E que, por isso, o trabalho do amor que Jesus Cristo nos legou, será um dia iluminado pela Misericórdia Divina que a ninguém desampara, e que nos reunirá por fim, nas bençãos do Amor e da Paz, da solidariedade e da compreensão, para sempre.»**

QUEM É QUEM

Por fim, chegamos aos realizadores da «Missa Leiga». O encenador é Ademar Guerra, responsável por, entre outros espectáculos, «Oh! que Delícia de Guerra!», «Marat-Sade». Considerado um dos melhores encenadores do Brasil, já recebeu os seguintes prémios: «Sacy» (67 e 68), «Governador do Estado de São Paulo», «Moliére» e da «Associação Paulista dos Críticos Teatrais».

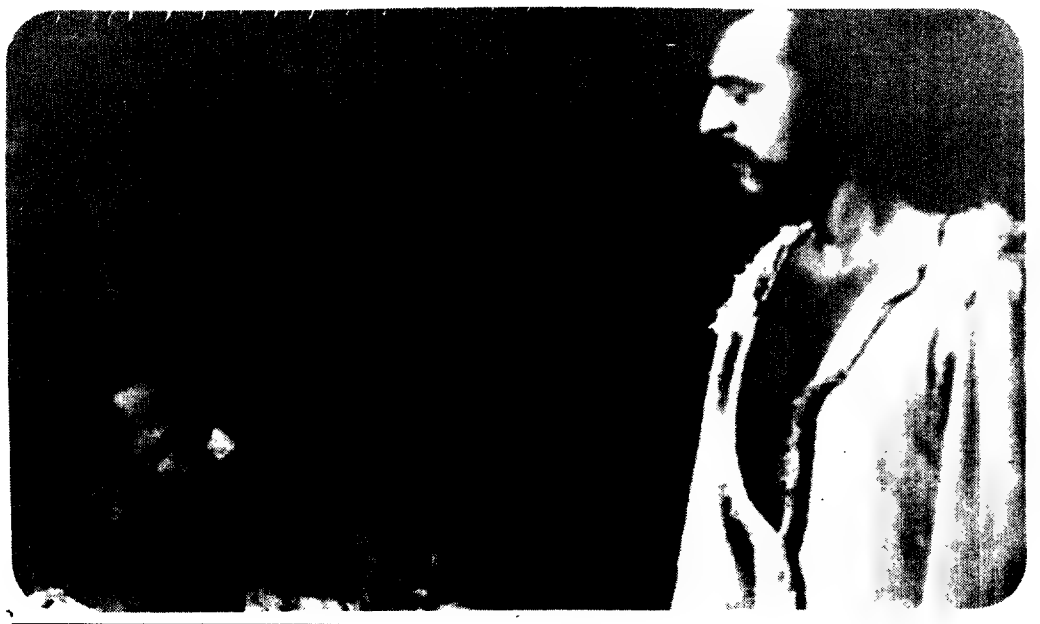
A peça é produzida por Ruth Escobar, portuguesa do Porto, que emigrou para o Brasil há 20 anos. Ruth, como já foi noticiado, é a grande responsável pelo surto de renovação do teatro brasileiro, nos anos sessenta. Em 1970, ela foi considerada a «Personalidade Teatral do Ano» e recebeu o Prémio «Roquete Pinto (atribuído pela Imprensa Brasileira). Por outro lado, Ruth é ainda a responsável pelos três espectáculos de maior sucesso no Brasil: «Cemitério de Automóveis», «O Balcão» (premiado 16 vezes) e «A Viagem» (actualmente em cartaz).

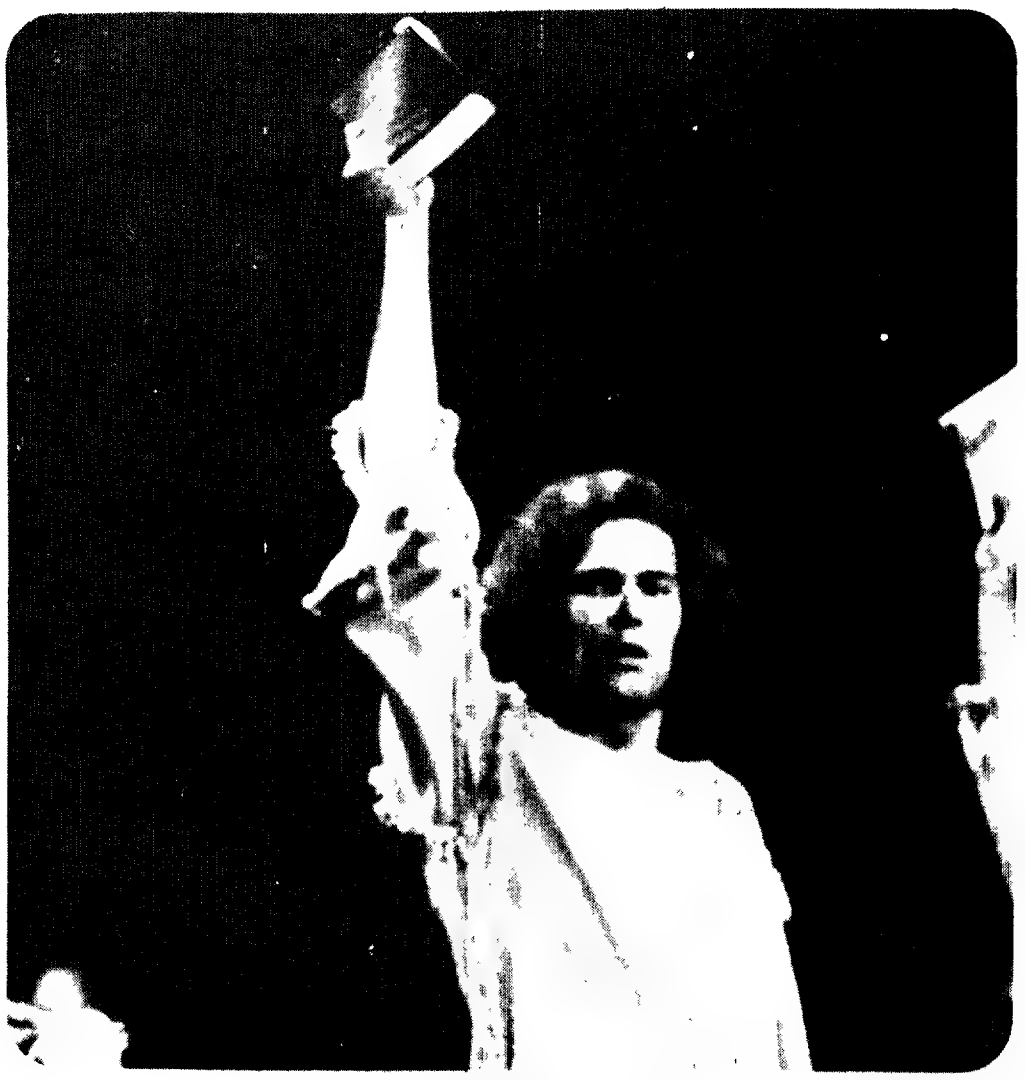
No elenco de «A Missa Leiga» estão ainda Edmat Ferretti, Maria Helena, João Baptista Acayabe, Ivan José Walter Cruz, Edna Falchetti, Ghristiana Pereira, Júlio César, Oswaldo Mendes, Sonia Cesar, Neide Duque, Rosa Maria, Iracema Nogueira, Alice Gonçalves, Ivan Leyraud, Paulo Calvoso, Everaldo Fernandes, Higor Bittar, António Reche e Sérgio Roberto. Os cenários e figurinos são de Joel de Carvalho, que foi premiado em 1970 com o «Moliére», recebendo ainda o «Prémio de Teatro do Estado da Guanabara» para o melhor cenógrafo do ano.

PONTO FINAL

É claro: esta crónica não está completa. Para se ter uma ideia clara do que é a missa que amanhã começa a ser celebrada em Lisboa, seria necessário arrolar aqui, também, algumas opiniões da crítica teatral brasileira. Elas são muitas e pródigas em elogios á peça. Por isso mesmo, preferimos omiti-las. Afinal de contas, em Portugal há bons críticos teatrais, e, nos próximos dias eles darão o veredicto do espectáculo. Dito o que: «Ite, missa est»

WD





Viagens MERCURY Turismo

"VENDE"

TODOS OS CRUZEIROS
TODAS AS VIAGENS
EM
TODOS OS TRANSPORTES
DE
TODAS AS COMPANHIAS
PARA
TODOS OS DESTINOS

MADEIRA 4.300$00
ANGOLA 11.000$00
LONDRES 2.280$00
NEW YORK 23.200$00
AMÉRICA SUL 33.630$00
LUXO * PARIS 6.800$00

TRABALHA PARA SI...

Viagens MERCURY Turismo
FRANÇA PORTUGAL

AV. DA LIBERDADE 163 LISBOA
TELEFONE 561081
FILIAIS EM TODO O PAIS

Informações e Reservas:
LISBOA — Avenida da Liberdade, 163 — Telefone 561081
SANTARÉM — Avenida do Brasil, 1 — Telefone 22323
PONTE DA BARCA — Praça do Município — Telefcne 42178

MÚSICA

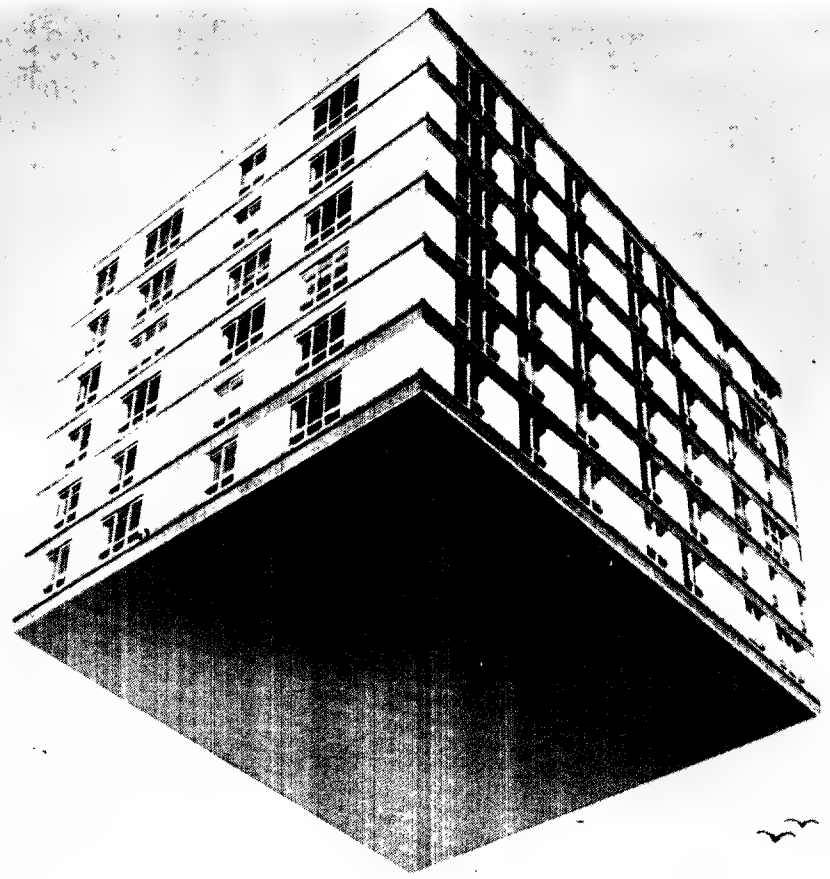
Os "Dufty" chegam na terça e tocam na quarta no Villaret

Estes cinco ingleses começaram, primeiramente, por serem companheiros de escola. Depois, bem...depois a história repete-se. Para quê dizer que o grupo tem já dois anos e que procura, com uma pesquisa aturada, construir um novo som conseguido á base de um verdadeiro conjunto de um verdadeiro grupo, e não da associação esporádica de cinco excelentes músicos? Isso será, de facto, inútil. Eles vão provar, segundo nos asseguram tudo isso no «Domingo á Noite» que irá para o ar de hoje a oito dias. Seu nome os **Duffy:** Stuart Reffold como vocalista, Barry Coote na guitarra e na segunda voz, Joe (Leslie) Nanson, «Keyboard» e vozes, Paddy Sarjeant no baixo (e ainda na guitarra e vozes), e Will Wright na bateria e percussão. O grupo que conta com dois anos de actividade profissional que tem sido gasta na pesquisa e no cumprimento de alguns contratos vantajosos, está contactado desde já para uma digressão aos Estados Unidos da América. Eles pretendem atingir uma meta de simplicidade. Querem que a sua música seja compreendida por todos e não por uma minoria de pseudo-intelectuais. Vamos ver se o conseguem na próxima quarta1feira, ao vivo no próximo Domingo para milhares e milhares de telespectadores. Entretanto, os **Duffy** chegam na terça feira a Portugal. Se tudo o que se diz deles for verdade, que sejam benvindos.

até ao pescoço

É um disco único e é mais do que isso. Tem orquestração do JOSÉ MÁRIO BRANCO e dissonâncias muito agudas. Foi gravado em Paris para ser ouvido aqui. Faz efeito mental do pescoço para cima. Efeito visceral do pescoço para baixo. "ATÉ AO PESCOÇO"... É o primeiro Long-Play do JOSÉ JORGE LETRIA. Etiqueta GUILDA DA MÚSICA. Distribuído pela SASSETTI.

"ATÉ AO PESCOÇO"... ... de todos nós!



Preencheremos este espaço...

LINTAS 72-URB-02

...Quando você preencher este!

Os escritórios que presentemente ocupa estão fora de moda, têm pouco espaço, demasiado barulho, é uma dificuldade estacionar lá perto...

Acabamos porém de construir o edifício ideal para o bom funcionamento do escritório moderno. Venha vê-lo! A localização? Excelente!.. Simultâneamente perto da auto-estrada e do centro da cidade, em zona bem servida de transportes e com garagem privativa, o edifício possui andares amplos que permitem compartimentação adequada a cada caso. Por outro lado, a Urbifer dispõe de serviços técnicos próprios, aptos a estudar o seu problema.

Veja o sistema de ar condicionado, excelente e regulável em cada andar.

Repare nas janelas e no requinte dos acabamentos a madeira.

Vai gostar, temos a certeza!

Envie-nos hoje mesmo este cupão: é quanto falta para preencher o espaço que ainda temos vazio.

Uma construção Edifer.

EMPREENDIMENTOS URBANOS, S.A.R.L.
Av. Conselheiro Fernando de Sousa, 19-A-LISBOA 1
NOME _____
CARGO _____
COMPANHIA/FIRMA _____
ENDEREÇO _____
TELEFONE _____
DL urbifer

urbifer EMPREENDIMENTOS URBANOS, S.A.R.L. Av. Conselheiro Fernando de Sousa, 19-A-Telef. 654564/686941-LISBOA 1

ELIS REGINA: "NÃO PENSEM QUE EU FICO POR AQUI"

TELEVISÃO

É TEMPO DE ACREDITAR

A música brasileira ainda é capaz de dar muita coisa. Está surgindo gente nova que precisa ser incentivada. E ainda temos um pessoal maravilhoso a trabalhar».

Esta noite, os portugueses têm Elis Regina na TV. Mas ainda há quatro dias ela foi presença viva em Lisboa, no Teatro Villaret. Tinha acabado de chegar do Brasil, e do Brasil trouxe as canções de que foi feito o seu «show». O amor, a alegria, o ritmo, a «bossa», na voz e no corpo de uma mulher de 27 anos, brasileira do Rio Grande do Sul, que cantou, dançou, falou e disse: «Não pensem que eu vou ficar por aqui. Ainda tenho umas coisas para serem feitas...»

O show de Elis, esta noite na televisão

Que coisas? Elis é uma intérprete. O seu **negócio** é levar até onde possa aquilo que a gente da sua geração musical está fazendo no Brasil. Essa gente é constituída por Chico Buarque, Caetano Veloso, Edu Lobo, Baden Powell... Então, ela diz:

«O que me interessa é dizer aquilo que de mais verdadeiro essas pessoas escrevem.»

O MITO DE ÂNGELA

Nem sempre foi assim. Ao princípio (Elis começou há 13 anos), cantava aquelas coisas que estavam mais em voga: baiões, sambões, bolerões __ Ângela Maria era o seu modelo. O barroquismo, o traço principal do estilo, que ainda não era o **seu**.

__ **«Foi um tempo incrível. Mas contribuiu extraordinàriamente para a minha formação. Se eu disse-se que nasci para a música quando apareceu a bossa nova, estava mentindo. Quando muito, despertei. Mas do tempo anterior, ficou o gosto de cantar, de vez em quando, uma dessas coisas muito sentimentais, muito «incríveis». Acho isso maravilhoso.»**

Durante o show do Villaret, Elis cantou aquela canção que fala da bailarina depois que o pano desce. Era uma homenagem a Ângela Maria, com as cordas vocais a esticarem até ao máximo.

Mas o público estava muito mais interessado em ouvi-la (vê-la) na **bossa** cantando, dançando e culminando num sorrioso grande. Ou a evocar aqueles amigos a que se ligou para partir do estilo Ângela para a «nova música popular brasileira.»

__ **«Às vezes, juntamo-nos todos e desse encontro tem de sair uma música. Ou, pelo menos a ideia de uma música, que não se sabe quando sairá. Mas gozamos muito só com a ideia.»**

De todos Elis considera António Carlos Jobim a personalidade mais importante da música brasileira. **«Chego a ter medo dele»** __ confessa rindo.

OPTIMISMO __ '72

Durante muito tempo, foi Elis e Jair, os «Dois na Bossa». Essa união foi tão intensa, que já não podiam viver, cantar, um sem o outro. Foi então que Elis **fugiu** para o Rio. Jair ficou por S. Paulo. Hoje, ela tem de novo uma carreira independente, feita de actuações por todo o mundo. Tanto, que até cansa. E há também os discos. E a televisão.

__ **«Estou ficando com vontade de dar um pontapé na televisão. É chato, sabe? É preciso ensaios, horas marcadas, tempo para começar, tempo para acabar. E depois, não há o contacto com o público. Além disso, quem faz programas de televisão tem de entrar no campo das concessões. A TV preocupa-se muito com a audiência, porque se destina às grandes camadas. E você tem de conformar-se com isso. Não pode prestar a atenção devida à sua carreira. Não, eu estou precisando de férias na televisão.»**

Um dia, Elis Regina pode mesmo dar um pontapé em qualquer coisa. Ela reconhece que a sua vida é feita mais de temperamento que de racionalidade. Nunca está satisfeita, porque não pode mesmo estar. «Ficar quieto» é uma expressão que nunca fará parte do seu código __ pelo menos, assim o acreditou sempre. Daí, que ela pense:

__ **«A música brasileira ainda é capaz de dar muita coisa. Está surgindo gente nova que precisa ser incentivada. Precisa que lhe dêem tempo para trabalhar e que não exijem coisas geniais imediatamente. Eu não sei o que vai ser o futuro da música brasileira. Conheço o presente, assisti à sua formação e não desprezo aquilo que esteve na base. Não esqueço o Ary Barroso, nem o velho samba, nem o baião, nem o fado ou o tango. Foi preciso passar por muita coisa para chegarmos até onde estamos hoje, em matéria de música. E hoje temos gente tão maravilhosa a trabalhar sem vontade de parar, que a evolução não pode ser senão boa.»**

Instável, insatisfeita, nervosa, caprichosa, **chata**, Elis consegue, também, ser optimista.

UMA PROFESSORA PERDIDA

Essa impressão que ficou, pelo menos, àqueles que contactaram com ela para além da assistência ao seu espectáculo. E que, no curto espaço da sua permanência entre nós, mal chegada do Brasil e quase a partir para a Alemanha (ia representar este país no festival de Montreaux), conseguiram vencer o seu cansaço e aproximar-se dela. Foi no final da sua actuação no Villaret que Elis recebeu os jornalistas, e disse da sua vida e da sua carreira. Foi também aí que ela falou da música brasileira e da sua confiança. De si, a mulher, afirmou, entre outras coisas:

__ **«A coisa mais maravilhosa que me aconteceu foi ter tido um filho. Vocês não calculam o que eu tenho aprendido com ele e como se tornou tão definitivo na minha vida. Aquilo não é um filho qualquer...»**

Disse, também, que não vai ensinar-lhe nada, porque **«quase tudo o que me ensinaram serviu apenas para me confundir.»**

O que ela não recordou é que se não tivesse sido o seu espírito de independência, seria agora uma diligente professora, rodeada de meninos por todos os lados e muito preocupada em ensinar-lhes coisas «certas e definitivas». E nós teríamos perdido Elis Regina, certa e definitivamente.

REGINA LOURO

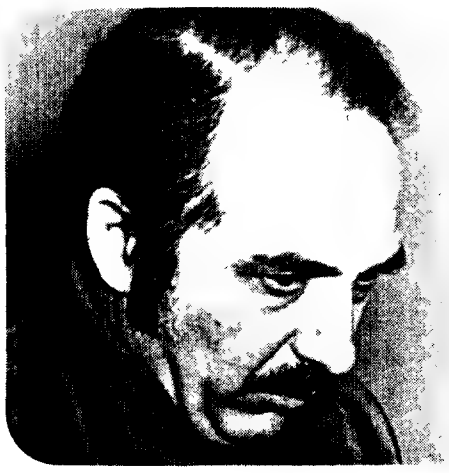
"ESTOU FICANDO COM VONTADE DE DAR UM PONTAPÉ NA TELEVISÃO"

DL/SHOW

MESA REDONDA

com Carlos Porto, Paulo Renato, Curado Ribeiro e Varela Silva

● Os moderadores f



Uma mesa-redonda movimentada, que permitiu um confronto de opiniões entre três actores e um crítico de Teatro: eis o que lhe propomos que leia hoje (e no próximo DL / «Show»). Ou: de como da confusão às vezes nasce a luz e outras vezes não.

1.º ACTO

A PATEADA

A CRÍTICA E O TEATRO NACIONAL

M __ A peça em que vocês estão a participar, «Helda Gabler», teve uma recepção muito hostil por parte da crítica. Todos os críticos, ou quase, falaram desse espectáculo do Teatro Nacional em termos bastante violentos desse espectáculo do Teatro Nacional. Já no ano passado a crítica, de uma maneira geral, não gostou de nenhum dos espectáculos postos em cena por essa companhia. Este ano, a temporada começa com uma pateada: grande parte do público pateou o espectáculo. Eu gostaria que o Varela Silva me dissesse como encara este fenómeno, ele que, de todos os presentes, e o mais antigo no Teatro Nacional. Como e que você encara este declínio, pelo menos aparente, esta crescente falta de prestígio, bem assim como as reacções da crítica?

VS __ O problema da pateada, que aconteceu agora, que também aconteceu o ano passado, vem a acontecer já há muitos anos, em vários teatros de Lisboa e vários teatros com vários géneros de Teatro. Todos nós assistimos, já, a pateadas no teatro ligeiro, no teatro de revista, no teatro de comédia de «boulavard», na alta comédia, no drama, etc. Portanto, o problema da pateada não tem nada a ver com o Teatro Nacional, parece-me. Quanto à quebra de prestígio de que você fala, é uma opinião: a sua opinião, como é a de pessoas que patearam este espectáculo e que tem vindo a patear outros espectáculos, não é? Talvez fosse interessante saber-se o que é que as pessoas estariam a patear, se o reportório, se o espectáculo. Definir-se isso creio que era importante, para se saber o que é que as pessoas acham que está mal, o que é que está em declínio.

M Para explicar melhor o que eu queria dizer: ha pateadas e pateadas. E no caso do Nacional parece-me que a pateada, que, até pode ser considerada saúdavel, em certas circunstâncias, porque reflectiria uma participação viva e directa do público, pretendeu sublinhar a má qualidade do espectáculo, no qual, segundo alguns críticos, não existiu, pràticamente, encenação, e o mau trabalho dos actores. Teria sido neste contexto que se processou a pateada. Portanto, no caso concreto desta pateada, trata-se de uma manifestação que condena um mau espectáculo.

VS __ Talvez. A pateada não descrimina qual é a sua direcção. Pois é capaz de ser isso. É capaz de ter sido por causa disso. Mas, então, terão sido por causa disso, também, todas as outras pateadas que temos ouvido. Há pouco tempo, por exemplo, na inauguração do Teatro Municipal, surgiu uma pateada terrível, também, mesmo com adjectivação a certas pessoas que estavam em cena. Há pouco tempo, também, nós vimos numa revista do Teatro Monumental a mesma coisa. Eu não sei, mas se as pessoas que pateam estivessem em condições de denunciar o que pateavam, nós saberíamos as razões. Assim, não sabemos. Sabemos, sim, o que a crítica disse. A crítica que, à sua maneira, pateou também. Eu respeito isso, porque sou pela pateada, como é evidente, até porque sou actor e sou pelo aplauso, e só sendo pela pateada é que posso ser pelo aplauso.

M __ Por exemplo no que diz respeito ao que se passou no Teatro Monumental, o público pateou o facto de quatro actores terem estragado um número por não saberem o texto. O que me parece digno de uma pateada.

VS __ Mas eu assisti à pateada e dei-lhe outra interpretação. Quem costuma ir à revista, em Portugal, e parece-me que, felizmente, agora a coisa está melhor, não está nada habituado a assistir a uma estreia em que os actores dominem os textos. E muitas vezes, como se deve saber, as culpas não lhes pertencem: são textos que lhes foram parar às mãos há pouco tempo ou que foram arranjados pouco antes da estreia. Parece-me, portanto, que não seria por isso que se iria patear. Portanto, como está a ver, vimos os dois o mesmo espectáculo e, à mesma pateada, demos interpretações diferentes.

M __ Varela: a propósito da pateada. Há muito tempo que você trabalha no Teatro Nacional e portanto gostaria que me dissesse uma coisa. Antigamente o Teatro Nacional não era acessível a um público jovem. O público que o frequentava era, talvez, um público «blasé», embora talvez soubesse alguma coisa de Teatro. Tinha, no entanto, certo receio em manifestar-se. Talvez considerasse até o teatro como uma manifestação um bocado primitiva, digamos. Nessa altura não havia pateadas. Dar-se-à o caso de estarem as pessoas que hoje vão ao teatro mais esclarecidas? De influir nessa atitude o facto de ir mais gente jovem ao teatro? Ou será que se protesta apenas contra determinadas companhias, determinadas peças, ou determinadas pessoas?

VS __ É muito difícil responder a isso. Nós somos pessoas que estamos no teatro. Atésabemos quem são aspessoas que pateiam sempre...

PR __ Eu vou responder a isso. Há 16 anos uma peça do Olavo d'Eça Leal, chamada «A Taça de Ouro», foi pateada na estreia no Teatro Nacional. As pessoas que patearam foram presas. E era por isso que não havia pateada. Hoje, as pessoas que pateiam fazem-no como um direito que têm, tal como aplaudem. Já assisti a várias pateadas __ não me cabe a mim dizer se justas se injustas __ mas assisti à liberdade total de patear. Quer dizer: o público (não a elite), não está esclarecido, mas tem a liberdade de patear, Portanto, se não lhe agrada, pateia. Agora a pateada já não é reprimida. Por isso o público pateia, apesar de não estar esclarecido. Refiro-me à pateada do público em geral, e não a pateadas conduzidas, às quais também já assisti e as quais não me compete, também, discutir. Em suma, e em resposta á sua pergunta, não me parece que seja uma posição de esclarecimento do público, porque o público está hoje tão pouco esclarecido como estava aqui há uns anos atrás. O público jovem não vai ao teatro porque está proíbido de lá ir até aos 17 ou aos 18 anos e, portanto, não tem qualquer caminho para lá chegar, não tem opção, não tem, sequer, possibilidades de optar. Vai, apenas, um grupo de jovens. E não ao teatro: a alguns acontecimentos teatrais para os quais é alertado especialmente e que não podem ser chamados de teatro. São os pequenos fenómenos de teatro. Esse público (chamemos-lhe jovem, embora, por vezes, a juventude cronológica nada tenha a ver com a verdadeira juventude), pateia ou aplaude por simpatia, não porque tenha preparação para o fazer. Quantas vezes essa simpatia não corresponde nem à opinião do grande público, que é afinal, o consumidor, (no bom sentido, porque, infeliz-

es foram: Maria Aurora e Armindo Blanco

mente, ha o consumidor no mau sentido) nem à opinião do especialista, seja ele crítico, noticiarista, ou curioso? E, outras vezes, esse público gosta ou não gosta de uma peça segundo opiniões que lhe servem de orientação, e que continuam a ser opiniões pessoais mas que ele, esse público, tem medo de não seguir. Essas opiniões orientadores são respeitáveis embora (sempre!) continuem a ser pessoais. É por isto tudo que eu insisto: o aplauso ou a pateada, na grande maioria dos casos, nada tem a ver com esclarecimento.

M __ Mas considera, efectivamente, que o público tem direito de patear e de aplaudir?

PR __ Ah, mas com certeza! Isso está fora de discussão!

M __ Em relação ao que disse o Varela, de que são sempre as mesmas pessoas a patear, eu ponho aí um grande entrave. Já assistimos a uma grande pateada em que vi pessoas a patear que eu nunca pensei que pateassem. Há cerca de dois ou três anos foi estreada no Experimental de Cascais uma peça que era muito má _ «Antepassados Vendem-se», do Paço d' Arcos __ e foi uma pateada monumental. Nessa altura vimos pessoas a patearem que me fizeram cair das nuvens: nunca pensei que fossem capazes de o fazer.

PR __ Mas eu vi as outras pessoas a patearem, no Capitólio, uma peça representada pela companhia da Maria della Costa. Vi um grupo a patear desvairadamente essa peça.

CR __ Eu, até como moderador de programas de rádio, estou aqui «em pulgas» para ver se organizo um bocadinho mais isto. Eu creio que se esperam respostas graníticas, para se poder arrumar um pouco o trabalho e estamos a perder-nos um pouco, porque ainda não se obteve resposta para a primeira pergunta, se bem que o que o Varela e o Paulo disseram tenham sido coisas acertadas. Mas estava-se a apontar, segundo creio, o caminho pela pateada. Não era isso?

M _ Não, não! Eu referi-me à pateada para sublinhar uma coisa. O que nós estamos a discutir aqui é um espectáculo posto em cena pelo Teatro Nacional, que teve má crítica e que foi pateado. A pateada veio, apenas, para dar ideia da péssima aceitação que o espectáculo teve na estreia.

CR __ Mas o problema pôs-se: patear o quê?

M __ Pois. É por isso que eu, na sequência do que perguntei ao Varela Silva, queria, agora, perguntar ao Carlos Porto se ele, caso não fosse crítico, como simples espectador, portanto, teria pateado o espectáculo e porquê.

CP __ Eu suponho que o problema da pateada não se pode desligar do seu contexto. Para analisar a pateada do Nacional tem de se atender ao seu contexto, de analisá-la em função desse contexto, do contexto Teatro Nacional. Portanto tenho de fazer aqui uma pequena declaração prévia, que é a seguinte: Parece-me importante, não só no nosso país como em qualquer outro, ter em consideração o que significa um Teatro Nacional. Em Potugal um Teatro Nacional terá que ter funções muito importantes, sobretudo neste momento. Não sei se estarão de acordo, mas a mim parece-me que há qualquer coisa neste momento que se está a mexer no teatro português. É um movimento muito pequeno, mas, na minha opinião, é qualquer coisa que, não se sabendo, embora, muito bem o que é, já se está a tornar visível. Ora acontece o seguinte: em relação a esse prenúncio de movimento, o Teatro Nacional aparece-nos perfeitamente anquilosado. Aparece-nos fixado no tempo, como se, realmente, as coisas não evoluíssem. Faço aqui um parêntesis para responder ao Paulo Renato, porque tem a ver com isto que acabo de dizer. Eu não estou nada de acordo com o que disse sobre as pessoas não estarem mais esclarecidas hoje. Eu até acho que estão, porque as pessoas lêem, vão muito lá fora, principalmente os jovens.

Há, até, um movimento que começa a insinuar-se no Conservatório. E tudo isso junto já é qualquer coisa que ajuda a esclarecer as pessoas. Os jovens, hoje, estão, realmente, mais esclarecidos do que estavam no meu tempo. Quando eu tinha vinte anos as coisas passavam-se de outra maneira. Portanto, e voltando à pateada do Nacional, eu penso que essa pateada se insere neste contexto: o Teatro Nacional deveria ter uma função de ponta de lança do teatro português. E quando eu digo uma função de ponta de lança, não estou a dizer que deveria fazer um teatro revolucionário. Não é isso. Eu acho que o Teatro Nacional pode perfeitamente encenar o Ibsen, o Strindberg, o Tchecov, etc, mas penso que terá de fazê-lo com uma qualidade que leve as pessoas a apreenderem o que está no palco, não só o próprio texto, mas a leitura que é feita desse texto. Ora se, efectivamente, o que aparece no palco não corresponde a nada que se possa considerar de qualidade... Porque é evidente que o problema da pateada também se liga a isso! Vejamos: a pateada que se ouviu no dia da estreia de «Hedda Gabler» corresponde ou não àquilo que se passou no palco? É injusta ou é justa? Essa é a pergunta que eu faço...

CR __ Dá-me licença que lhe responda?

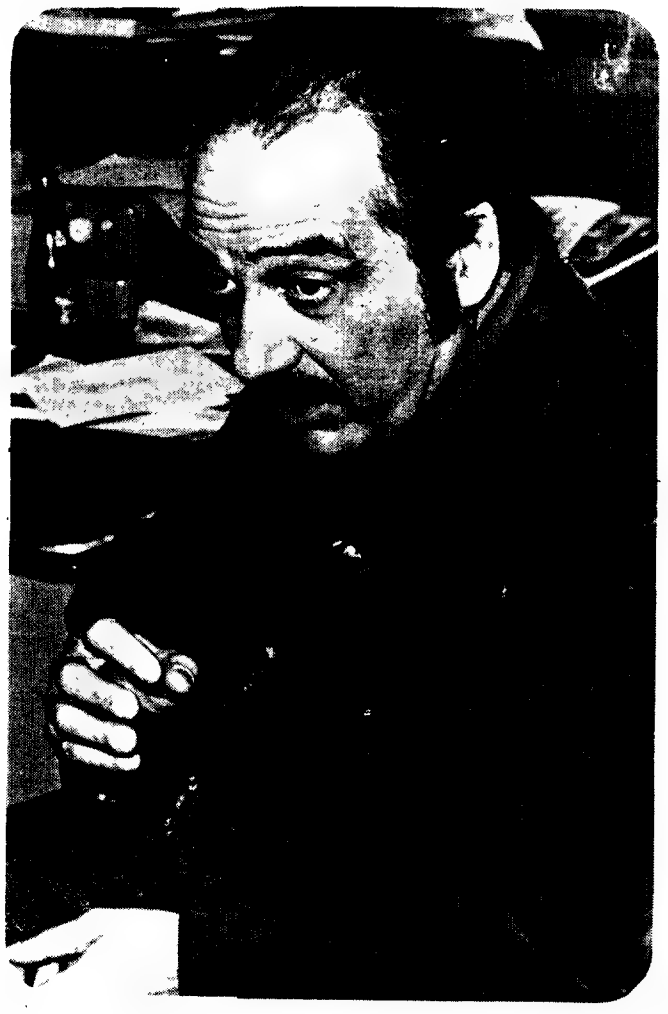
VS __ E os aplausos?

CR __ Eu ia perguntar isso: e os aplausos? Foram justos ou injustos?

CP __ É a vossa resposta? Nesse caso respondo agora eu...

PR __ Quer dizer: a nós, por uma razão ética, evidentemente, não nos compete comentar o espectáculo. Quando apresentamos um espectáculo na estreia, isto é, quando o pano sobe, pela primeira vez à nossa frente, como todos nós sabemos, isso é produto de um tempo de trabalho. A não ser que, «a priori», quem está do lado de lá nos considere ou desonestos, ou insuficientes, ou atrasados mentais, ou ineptos, tem-se presente que nós procurámos documentar-nos procurando o melhor caminho para chegar a um determinado trabalho. Quer dizer: quando o pano sobe à nossa frente nós estamos a apresentar uma coisa que o produto de muito tempo de pesquisa, de muito tempo de trabalho. Evidentemente, e todos nós, os que estamos ligados ao fenómeno do teatro o sabemos, que há todo o nervosismo numa estreia, para quem a realiza. Não se trata de encarar esse facto com consciência científica, digamos assim. É uma obra de arte, ou pensemos que é, que se está a pretender criar. Nós vamos apresentar o resultado de um trabalho exaustivo, de um trabalho inteligente e, portanto, vamos à procura da sua aceitação, tal como o pintor quando expõe o seu quadro, tal como o romancista quando escreve o seu romance. Como qualquer expressão que se apresenta ao público para sua apreciação. Nós estamos convencidos, ou pensamos, que fizemos o melhor. Evidentemente que, se nos mostram que isso não é o melhor, nós estamos dispostos a aceitar e a reconhecer, como pessoas sensatas e adultas que somos, que isso não é o melhor, desde que nos expliquem. Estou convencido que nenhum artista digno desse nome terá a pretensão de ser genial, de acertar sempre, de ter feito o melhor, de ter escolhido o melhor caminho e, portanto, quando a pateada irrompe do lado de lá, nós, nesse segundo exacto, ficamos perplexos. Quer dizer: de um lado há aplausos, do outro há pateada e, para nós, põe-se uma pergunta: qual das atitudes está certa? E vamos, naturalmente, rever, procurar, vamos, nós por nós, ver onde é que falhámos, se falhámos, ver onde é que a pateada será certa ou injusta, onde é que o aplauso será certo ou injusto. Não nos compete públicamente, como é óbvio, dizer «isto é muito mau» ou «isto é muito bom». A partir do momento em que se nos põe o problema de ver até que ponto é que a pateada ou o aplauso estavam ou não certos, estamos a trabalhar para corrigir o que houver a corrigir se, de facto, houver coisas a corrigir. Do lado de lá do pano esperamos as reacções das pessoas. Esperamos... um tom. Não esperamos, evidentemente, que haja um ou mais génios a dizer-nos que nós somos estúpidos, que somos incapazes. Não esperamos, com certeza, que do lado de lá haja um grupo irredutível que nos ameaça com um forte para onde nós havemos de ir se não fizermos bem. Esperamos ser esclarecidos. Depois de diversas considerações, de diversas revisões, podemos até verificar... «espera! Talvez tivéssemos falhado!» Estou convencido de que grandes actores, grandes escultores, grandes pintores, deitaram fora obras suas que pensavam que eram boas, porque as tinham feito, e verificaram, depois de serem esclarecidos, e, depois, por si, porque estamos a partir do princípio de que não somos atrasados mentais, que não somos ineptos, que temos vinte e muitos anos de carreira, que sabemos alguma coisa disto, e que, portanto, temos, também, capacidade para analisar o que fizemos e que, no entusiasmo do trabalho, para o apresentar, nos pareceu ser o bom. Aceitamos que seja mau. Não pedimos desculpa de ser mau evidentemente. É o resultado do nosso trabalho. Pois, se for mau, é mau. Reconhecemo-lo. Aceitamos a pateada com o mesmo agradecimento com que aceitamos o aplauso. Se essa pateada não for petulante. Se essa pateada não for uma atitude ditatorial. Como nós não impomos, não dizemos que nós é que sabemos, já que estamos dispostos a aceitar que é mau, como estaríamos dispostos a aceitar que é bom, aceitamos que nos digam se é bom ou mau, mas não aceitamos que nos imponham ditatorialmente uma opinião. Nenhum de nos nem o jornalista quando escreve, nem nós quando representamos, estamos convencidos que acertámos, que acertamos sempre. Estamos a mostrar, a pedir, ao mesmo tempo, que nos dêem uma opinião.

«Na pateada da estreia da peça do Nacional não vi os jovens esclarecidos que o Carlos Porto, e muito bem, diz que existem, a patear»
(Paulo Renato)



«Nós somos pessoas que estamos no teatro. Até sabemos quem são as pessoas que pateiam sempre...» (Varela Silva).

CR __ Mas eu acho que há pessoas que estão convencidas que acertam sempre. Críticos de teatro, por exemplo.

PR __ Não sei. Não sei se estão convencidos. A crítica nunca comento. É um «tabu» que eu tenho.

M __ Mas há, agora, um problema que aqui se põe: houve pateada ao vivo e, depois, houve uma pateada por escrito.

PR __ Não! Pateada ao vivo não houve! Evidentemente que o aplauso de uma estrela não significa nada. Isto na minha opinião de homem de teatro. O espectáculo de estreia é um espectáculo que se dá não a um público mas a uma série de pessoas que, por razões diversas estão muito próximo de nós, ou porque são gente de teatro, ou porque são pessoas interessadas ou, no caso do Teatro Nacional, porque são os «habitués». Os aplausos dessa noite nada significam para nós. Na minha opinião, eu que há vinte e dois anos não entrava no teatro Nacional e que, depois de 22 anos lá entrei para representar, aquela pateada também nada representou. Porque eu tive o cuidado de observar donde vinha e porque vinha. Não ri, realmente, os jovens esclarecidos que, como o Carlos Porto disse, e muito bem, existem. Não os vi lá, a patearem. Não vi o público consciente a cotear. Não vi. Vi foi três ou quatro, talvez uma dúzia de pessoas soltas que, por razões que eu não sei quais são, mas que não são, com certeza, razões inteligentes, a não ser que tenha havido uma ou outra pessoa que eu não tenha visto, deram muito nas vistas a patear. Outras pessoas, que talvez tivessem razão para patear, não o fizeram, possivelmente, para não dar nas vistas. Essas pessoas que patearam têm para mim exactamente o mesmo não significado que têm as pessoas que aplaudiram na estreia. Veio depois a observação da crítica. E vi que a crítica pateou. Fiquei altamente admirado. Não porque a crítica estivesse a patear. Está no seu direito. O tom em que o fez é que muito me admirou, porque vinha de pessoas adultas como nós. O que diria um crítico se eu, se fosse, por exemplo, escritor, dissesse que a crítica tinha tido uma leitura de determinada parte da peça que não correspondia à verdade, trocando personagens, e dissesse: «Perdoai-lhes, Senhor, porque ela não sabe o que diz»? Evidentemente que eu não faria isto, por razões imediatas. Poderia dizer-lhe: »olhe, sr. crítico, que não é assim. Talvez tenha visto mal. Viu, com certeza, mal. A personagem que fez o que o senhor diz não é essa, mas outra. Leu desatentamente.» Tal como nós podemos ter lido desatentamente. Evidentemente que nunca invocaria uma posse do absoluto. Foi esse tom que me surpreendeu. A pateada da crítica não me surpreende nada. Ela está no seu direito. Até nos esclareceu, talvez. O tom, esse tom de posse total da verdade, esse tom de quem sabe tudo, esse tom de que, realmente, nós estamos às cegas, a titubear, porque não sabemos o que queremos, não sabemos onde vivemos, não sabemos o que temos, não temos reivindicações, não temos massa pensante! Esse tom é que me espantou!

VS __ Ó Paulo, desculpa! É que o Carlos Porto começou a pôr um problema que é divertido. Disse que as pessoas patearam porque aquele não seria o espectáculo de que as pessoas estavam à espera. Aliás, na crónica dele, uma crónica evidentemente desportiva, bem disposta, que não era, parafraseando. **«tão bela como um golo do Eusébio»**, uma das possiveis acusações é a leitura que nós fizemos da peça. Você, Carlos Porto, evoluiu bastante. Eu lembro-me que, aqui há dois anos, você se declarava, numa mesa-redonda, um crítico amador. Nós, alguns de nós com dezoito anos de profissionalismo, fizemos a leitura da peça e temos a nossa leitura da peça. Que, curiosamente, não é, segundo a sua crónica, a leitura que seria a óbvia. Que nós, pobres de nós, não vimos... Mas é muito curioso notar que a leitura que nós fizemos...

CP _ A leitura que eu disse que era óbvia era a leitura que eu estava a fazer da peça.

VS Pois! Que é evidente que é obvia. Fê-la você, fizemo-la nós.

Continua na pág. oito

DL/SHOW
MESA REDONDA

Continuação da página sete

CP __ Perdão! A leitura que eu fiz não tem nada a ver com a vossa!

VS __ Não, a leitura tem! Nós é que possivelmente não traduzimos isso assim. Talvez tenhamos feito, para além dessa, uma outra leitura, mas isso é um outro problema. Repare, porém, que a leitura que você fez da peça não coincide, também, com a de outros críticos, com o resto da crítica. Donde se deduz que, mesmo para analisar uma peça, a crítica poder ter várias leituras. Ora, como se sabe, o teatro pretende uma concepção geral e nós tivemos que fazer uma leitura que traduzisse isso. Mesmo que qualquer um de nós até tivesse (naturalmente até temos) outras ideias acerca do Ibsen e da «Hedda Gabler», nós estamos integrados numa leitura.

CR __ Desculpem, mas eu continuo com o meu bicho radiofónico. Nós continuamos a perder-nos. Começamos a falar em pateada. Não sabemos aonde é que se dirige a pateada, e eu creio que é importante sabermos. Saltamos da pateada do espectáculo para a pateada em geral. Agora estamos a falar da crítica. Há perguntas que não foram respondidas. O Carlos Porto perguntou se o Teatro Nacional estaria a cumprir a sua missão. Ninguém lhe respondeu. Ora vamos arrumar um bocadinho a casa. A pateada que se ouviu na noite da estreia de «Hedda Gabler», segundo se disse aqui, pelo menos nas entrelinhas, não foi dirigida só ao espectáculo. Acham que este assunto fica por aqui, ou que tem interesse prosseguir a sua discussão?

VS __ Nós já demos aqui vários exemplos de pateadas, que não se sabe aonde é que se dirigiam.

M __ Mas eu queria deixar claro o seguinte problema: falou-se de uma pateada que se gerou no dia de uma estreia em função do mal estar originado pelo facto de quatro actores que estavam em cena não saberem os papéis, desafinarem, arruinarem a cançonetazinha que estavam a cantar. As pessoas que estavam à minha volta patearam o mal trabalho desses actores. Eu estava no balcão. Não sei se lá em baixo, na plateia, as pessoas patearam por outra razão, mas à minha volta foi por isso. Indiscutivelmente. Ora isso foi num outro contexto. Vamos examinar agora o problema do Teatro Nacional: A avaliar pelas críticas, e vamos considerar que quatro ou cinco pessoas neste país emitem críticas respeitáveis, que devem ser levadas em conta, esses críticos foram unânimes em considerar: primeiro __ errada a leitura da peça; depois, praticamente inexistente o trabalho de encenação; e bastante inferior, de um modo geral, o trabalho dos actores. Parece-me que a má qualidade do espectáculo, através da opinião de três ou quatro críticos respeitáveis, pode-se, creio, resumir assim. Eu até comecei por perguntar ao Carlos Porto se ele teria pateado, no caso de não ser crítico.

CR __O Carlos Porto também não respondeu, e foi por isso que...

CP __ Eu creio que respondi. Implicitamente. Chegámos, até à conclusão que o crítico pode patear através daquilo que escreve.

CR __ Bom. Então eu, se me dão licença, continuo a arrumar a casa. Perdemo-nos noutro assunto: a quem se dirige a pateada?

CP __ Eu creio que não nos perdemos. Isso é. Até, um assunto subjectivo.

CR __ Não é subjectivo. Eu sou capaz de dar a minha opinião.

CP __ Lá está!.

CR __ Não, não! Eu só queria saber porque é que o público pateia. Qual é a justificação? O publico pateia uma organização? Um teatro?

Uma peça? Um reportório? Um sistema?

CP __ O público pateia um espectáculo.

CR __ **É um espectáculo que o sr. pateia, sr. Carlos Porto? Só?**

CP __ É um espectáculo no seu contexto. Eu deixei isso bem explícito. Eu acho que o trabalho dos actores, da encenação, etc, não se pode desligar do contexto em que está inserido. Não tem nada a ver uma coisa com outra! Eu explico: até acredito que vocês, bem dirigidos (vocês aceitam que têm de ser dirigidos, não é verdade?) são capazes de fazer bom teatro. O que está em causa não é a interpretação em si, mas não se pode separar a interpretação do resto. Tem que se criticar tudo, a começar pela infra-estrutura do espectáculo.

M __ Na sua opinião, a pateada dada a esta montagem de «Hedda Gabler» foi dirigida à totalidade do espectáculo, não é assim?

CP __ Pois. Foi à má interpretação, foi à inexistência duma leitura correcta, a tudo! Em suma: à mentalidade que está por detrás, neste comento, do Teatro Nacional. Que é o que as pessoas que patearam não aceitam.

CR __ Carlos Porto: se eu estiver a dizer mal, você corrija, por favor. A sua pateada foi dirigida à mentalidade que está naquele espectáculo.

CP __ Ao espectáculo e à mentalidade que está por detrás do espectáculo.

CR __ **Ora estamos, portanto, a descortinar o caminho da sua pateada. Haverá outras pateadas com outros caminhos. Era aqui que eu queria chegar. Chegámos, portanto, a uma conclusão... granítica: pateia-se, muitas vezes, a mentalidade que está por detrás de um espectáculo. Que, claro, se tem que reflectir no próprio espectáculo, como você, Carlos Porto, diz. Ora parece-me que há razões extrateatrais, que são pura e simplesmente políticas.**

CP __ Essa é a sua interpretação.

CR __ **É a minha interpretação, de facto. Eu acho que essa mentalidade, que existe (eu estou ao seu lado a dizer que ela existe), é aquilo que os senhores se apressam a patear.**

CP __ Há uma coisa que tem que ficar muito clara: Eu critico o espectáculo, mas não o dissocio do que está por detrás dele, as infra-estruturas culturais, sociais...

CR __ **Quando o sr. fala em infra-estruturas culturais lógicamente o sr. está a falar... não do teatro, mas de outras coisas.**

CP __ Não! Das infra-estruturas teatrais do Teatro Nacional.

CR __ **Mas quais são as infra-estruturas teatrais do Teatro Nacional?**

CP __ A actual direcção!

CR __ **Então estamos num caminho político!**

CP __ Pois, se quiser. Tudo é político!

CR __ **Então está a ver que eu estou a dizer a verdade. Arrumado este assunto da pateada. Estávamos a falar, depois, na crítica que se faz. Dizia o Paulo Renato que estava em desacordo com o tom da crítica. Eu trazia, para este, digamos, improviso que estou a fazer, apenas uma pergunta: A crítica em Portugal é malcriada? Eu dirijo-me a si, Carlos Porto, porque, infelizmente, você é o único crítico que está presente.**

CP __ Eu suponho que não. Melhor: essa não é a minha intenção. E, já agora, eu respondo-lhe a uma outra pergunta que fez há pouco: se a crítica em Portugal se considera genial. Nem era uma pergunta, era uma afirmação. Eu, pela minha parte, quero afirmar publicamente que não sou um crítico genial nem acredito na possibilidade de haver críticos geniais. Criadores geniais, sim. Críticos nunca poderão ser, a meu ver, geniais.

CR __ **Então eu posso-lhe provar que você tem afirmações de genialidade nas suas críticas.**

CP __ Desde que me prove...

CR __ **Então tenho que lhe provar que você tem afirmações de genialidade nas suas críticas, com um ar seguro, com um tom de quem tem a verdade absoluta, e tenho, também, que lhe provar que as suas críticas são malcriadas. São esses dois aspectos que me importam. Pessoalmente. Não tenho nada combinado com os meus colegas. Acho que nada na vida se faz através de qualquer atitude menos correcta. Eu nunca fiz. Estou em desacordo com muita gente, com muitas atitudes e com muitas circunstâncias, mas nunca fui malcriado para ninguém. Já alguém foi malcriado para si, sr. Carlos Porto?**

CP __ Malcriado em que sentido? É que convém definir conceitos.

CR __ **Quando uma pessoa diz que o sr. é um ser inferior, um mentecapto, um atrasado mental, uma pessoa que não sabe, que não tem os dois dedos comezinhos de caco, o sr. acha-se ofendido, ou não?**

CP __ Normalmente não. Normalmente essas coisas não me afectam.

CR __ **É um ser superior. Eu não sou. Quando me chamam, por exemplo, analfabeto, gosto de saber quais foram os livros que essas pessoas leram que eu não tenha lido.**

CP __ Há, aqui, a distinguir, duas coisas: o sr. Curado Ribeiro analfabeto ou se o trabalho que o actor Curado Ribeiro fez em determinado momento é, ou não, analfabeto. **CR __ Claro que eu não parto do princípio de que o sr. me supõe, a mim, analfabeto. Eu também não o suponho, a si, analfabeto. Eu suponho é que as suas críticas são malcriadas e suponho, ainda, que o sr. me dirige perguntas, a mim, directamente, ao Curado Ribeiro, que são achincalhantes, que são rasteiras, que são... pouco cuidadas, dentro daquele... manual social das pessoas, que têm que se dar delicadamente umas com as outras. Por exemplo: quando o sr. encabeça a sua crítica dizendo «Ó Ibsen perdoa-lhes que eles não sabem o que fazem», o sr. está a provar que sabe o que faz. Ou não?**

CP __ Essa afirmação não prova nada. Prova só isso que está lá.

CR __ **E se eu disser assim: «Ó sr. Ruela Ramos perdoe-lhe que ele não sabe o que faz»? Como é que o sr. interpreta isso?**

CP __ Tal como o sr. o diz. Que eu não sei o que faço. Mais nada.

«Eu aceito que o sr. não goste do meu estilo. É um caso pessoal» (Carlos Porto a Curado Ribeiro).

CR __ E o sr., como crítico de teatro, não acha que eu estou a ser malcriado?

CP __ É a sua opinião.

CR __ **Mas não acha que eu estou a ser malcriado?**

CP __ Para mim? Não! Mesmo que o diga dirijindo-se ao crítico, eu aceito a sua opinião. Não quer dizer que eu esteja de acordo com isso, mas é essa a sua opinião.

CR __ **Portanto o sr. advoga que a crítica, em Portugal, se deve fazer nesse tom chocarreiro, nesse tom sobranceiro, da pessoa que se permite estar convencida que aquilo é que é? Não é necessário fazer-se a crítica teatral nesses termos! Eu não faço isso a ninguém! Eu, que também faço crítica às vezes, não sou capaz.**

CP __ É um problema de estilo.

CR __ **Não é um problema de estilo: é um problema de correcção.**

CP __ Eu aceito que o sr. não goste do meu estilo. É um caso pessoal.

CR __ **Não é caso pessoal. O tom da sua crítica é que é malcriado.**

CP __ Quando escrevi sobre a «Hedda Gabler», aquele **eles** não se referia a vocês específicamente.

CR __ **Isso é que referia! Você pôs lá os nomes!**

CP __ Eu referi-me a todos os responsáveis pelo espectáculo.

CR __ O ar, pode não gostar do espectáculo. Tem toda a razão em não gostar, em patear. Mas não é assim que se pateia. Então nós temos que o ensinar a patear.

CP __ Enquanto o director do jornal aceitar aquele tom...

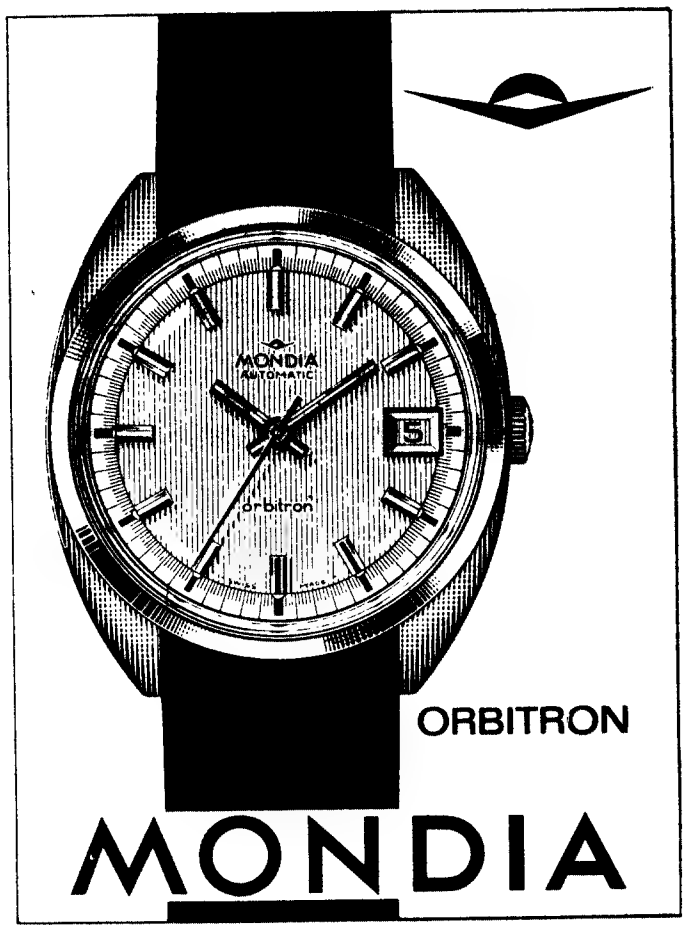
M __ Eu achava que não devia haver aqui quaisquer ressentimentos de ordem pessoal.

VS __ Mas é que há! Ao contrário do que ele pensa, nós sabemos o que fazemos!

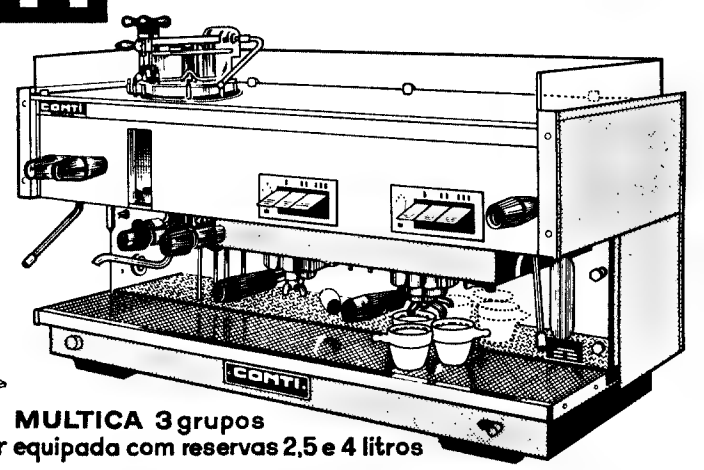
M __ Bom, mas fizeram-se perguntas ao Carlos Porto que não têm saída. Em última análise, quem decide sobre as críticas que ele faz e de que vocês não gostam é o director do jornal. Ora falou-se de perguntas feitas pelo Carlos Porto em tom chocarreiro. Porque é que nós não discutimos as perguntas que ele fez? Houve uma crítica feita a um espectáculo no qual vocês participaram como, digamos, funcionários de uma empresa. Não são vocês, em última análise, os responsáveis pelo que se faz no Teatro Nacional: não são vocês que escolhem o reportório, não são vocês que escolhem o encenador. Vocês são, apenas, participantes num espectáculo que se fez no Teatro Nacional.

PR __ Mas não queremos enjeitar responsabilidades!

FIM DO I ACTO



ONKYO
4 CANAIS STEREO 4
SOM CIRCUNDANTE

CONTI
35 PAISES JÁ ESCOLHERAM CONTI
UMA AUTOMÁTICA ÀS VOSSAS ORDENS
1 café 2 cafés 3 cafés

MULTICA 3 grupos
pode ser equipada com reservas 2,5 e 4 litros
CONTI MULTICA
SOC. DE REPRESENTAÇÕES SIDA-SUECA, L.DA R. DE S. NICOLAU 15-17-TELEF. 36933 I-LISBOA

DISCOS

Teatro ABC
Telef. 366745 HOJE
GRUPO D / 18 ANOS
HOJE MATINÉE
ÀS 16 HORAS
2 Sessões, às 20,45 e 23 horas
Produção
Sérgio de Azevedo
ÊXITO ESPECTACULAR
É O FIM DA MACADA!
NICOLAU • ANABELA • CÉU GUERRA
JOÃO PERRY
e a atracção PACO BANDEIRA
BALLET INGLÊS de JON MCGRATH
ESPADINHA • HELENA ISABEL • GRAÇA VITÓRIA • BRAGA SANTOS • MARIA TAVARES • PEDRO MACHADO • CRISTOVÃO NESTOR e VILSON
CONJUNTO SEM NOME

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Benedito Reis F. Dias, R. Almirante Cândido dos Reis, 4-1.º, Esq.º — TAVIRA

JOSÉ NIZA

"FALA DO HOMEM NASCIDO"

FICHA TÉCNICA

10Poemas de António Gedeão
Música de José Niza
Intérpretes: Samuel, Carlos Mendes. Duarte Mendes e Tonicha
Arranjos e direcção de orquestra — José Calvário
Estúdios — Celada (Madrid), para orquestra, Polysom (Lisboa), para vozes.
Produção: José Niza
Arranjo gráfico: Beatriz Morais Alçada
FOTOS: Álvaro João

Vejamos: a «Fala do Homem Nascido» não tem folha de promoção, mas um texto assinado por José Niza, autor das músicas que ilustram os poemas de Gedeão. Ou melhor: o grande responsável pelo disco. Esse texto foi distribuído aos órgãos de Informação. O grande público não teria, em princípio, acesso senão a parte dele. A sua importância justifica que o transcrevamos na integra.

Zau Évua (Norte de Angola), Abril - Maio de 1970.

O correio da guerra trouxe um livro. «Poesias Completas», de António Gedeão. «Para musicar. Um abraço. Cambezes.»

. Quase automático. Gedeão é um dos poetas mais musicais (musicáveis) de língua portuguesa. E, a sua poesia, minha velha amiga.

Esses poemas, a angústia, o estar aqui, a viola, as noites, os estilhaços de um povo, o torniquete equatorial, a medicina artesanal, o resto, tudo tornaram fácil. Tão fácil, como sentir o arame farpado rasgando a pele dos sentidos.

Tudo tomou, também, um repentino sentido. Não eram poemas isolados, mas uma história, o que estava ali escrito. E a história, e a poesia, eram demasiado belas para que a música as estragasse. Havia o Homem. Havia uma história. Havia um palco: a Vida. Eu daria apenas um pouco de música e um pouco de ordem. Mas, o importante, era o Homem. Mesmo à dimensão de uma rodela negra, num rodopio de 33 voltas por minuto.

Do início («numa qualquer manhã, um qualquer ser/ vindo de qualquer pai / acorda e vai/ cai/ como se cumprisse um dever») até «vestidos de surrobeco/ e acocorados no chão», vai um salto de 20 séculos. Um drama em tempo de LP. Um disco pensado alto. Este esquema, o funil, o encurralar da ovelha.

Sob uma macieira de plástico, o homem nascido - em - qualquer - parte diz donde vem e o que quer:

Venho da terra assombrada
do ventre da minha mãe
não pretendo roubar nada
nem fazer mal a ninguém.

Mas avisa:

Não há poder que me vença
mesmo morto hei-de passar

Assim começa a fala do homem nascido.

O pior é que o mundo não é o que deveria ser. Há o desencanto do desencontro. O diálogo não passa de monólogos. As palavras são, apenas, sons. Para isto, mais vale «morrer atolado/ na mais negra solidão». (A esta indiferença, a esta fácil aceitação da fatalidade, chamava Roger Vaillant, em «La Lio», «se portugalizer»).

No entanto, nem tudo está, ainda, perdido. Acredite-se, mesmo por detrás da angústia das contradições e de um quotidiano feito de misérias e espranças, que «todo o tempo é de poesia». Há uma dinâmica permanente entre «bombas que deflagram/ corolas que se desdobram/ corpos que em sangue soçobram/ vidas que a amar se consagram». O Homem acaba por ganhar o desafio. Palmo a palmo, dia a dia, calo a calo.

«Tenho sofrido poesia.../ dói esta corda vibrante/ a corda que o barco prende.../ se vem onda que a levante/ vem logo outra que a distende/ não tem descanso jamais».

n Uma vitória adiada.

Um volte - face do disco, um percurso do geral para o particular. Entramos em Portugal.

Todo um (saudável) culto pelo passado, construído sobre um saudosismo que ainda dói — «Poema da malta das naus» — é, a um tempo, homenagem, crítica e incitameto ao Homem Português de ontem e de hoje. O marinheiro quinhentista «Moldou as chaves do mundo», mas toda essa epopeia teve (e tem) o seu preço, o preço trágico de uma «lágrima preta». Este drama dos descendentes da malta das naus: a ciência diz-lhes que a lágrima não tem «nem sinais de negro/ nem vestígios de ódio.» Mas... e daí? De que vale a ciência da análise se o Homem Nascido não está preparado para a aceitar? Bastará a ciência ao Homem para que ele se humanize? Filipe II (que aqui se cognominava Manuel I) tinha tudo, tudo! «Mas o que ele não tinha/ era um fecho éclair»... É que isto dói ao Homem Nascido: o não ter coisas tão aparentemente simples e possíveis como um fecho éclair. Já amais a felicidade completa. Sobretudo por ser conseguida à custa da felicidade dos outros.

«Lágrima de preta» é o primeiro poema que, no disco, se dirige à mulher.

A mulher Portuguesa, mulher em vias de desenvolvimento, é hoje, talvez, o exemplo mais recente de uma nova forma de alienação. Ao fazer-se uma (demagógica) promoção da mulher, inaugura-se um modelo processso de a escravizar e escravidão pelo trabalho desumanizado. E escravidão não à dimensão da sociedade, mas na intimidade da sua própria vida (trabalho, casa, filhos, marido, trabalho... um ciclo vicioso infernal que uma vez iniciado não pode parar). «Calçada de Carriche» é um hino à escravidão da mulher - mártir, frágil máquina suburbana que o quotidiano da cidade suga. Mulher, mártir, máquina, que o vertiginoso e breve amor dos domingos evade para as auto - estradas, na doce ilusão de o novo mundo dos «sentidos» não ter segundas - feiras...

A evasão dá-se. «Leonor, Leonoreta, fuge, fuge/ vai na brasa de lambreta», com o único rumo de fugir a si própria, numa ilusória felicidade, fugaz como a paisagem que a lambreta rasga.

O cerco aperta-se. O Homem torna-se cada vez mais circunscrtio. De um trilião de homens passa-se para o grupo e, finalmente, para o indivíduo, para o homem concreto, com nome, residência e tudo.

«Álvaro Góis/Rui Mamede/filhos de António Brandão/naturais e Cantanhede...

Eles vivem, existem, são! . Em Braga e em Olhão, no Alentejo ou na guerra, eles lá estão! «Vivos», «vestidos de surrobeco» e «acocorados no chão», eles estão em toda a parte. No chão mas ainda vivos...

Eia «Fala do Homem Nascido»!

. ELE nasceu numa qualquer manhã e não há poder que o vença. Mesmo morto, há-de passar!

Lisboa, Novembro de 1972

Dois anos e meio passados, o disco fez-se.

No caminho ficaram muitas ideias, entre as quais o entusiasmo de amigos como o Rui Ressurreição e o Manolo Diaz, que, comigo em África, quiseram esperar por mim. Como muitas vezes acontece, novas soluções surgiram, entre as quais a que o talento e a inteligência musical de José Calvário trouxeram a todo este trabalho.

Que António Gedeão me desculpe algumas amputações que fiz aos seus poemas, determinadas por razões musicais.

Que, dos erros que houver, me ataquem a mim.

JOSÉ NIZA

P. S. para o Eduardo Cambezes:

. Para ouvir. Um abraço. Niza.

No entanto, nem tudo está ainda, perdido.

VÁ AO TEATRO!!!

QUATRO ESPECTÁCULOS RECOMENDADOS POR VASCO MORGADO

TEATRO Telef. 864756
LAURA ALVES
Rua da Palma
TODAS AS NOITES 21.45 H
Domingos e Feriados «matinées» 16 h
UM BOM ESPECTÁCULO DE TEATRO
a peça de Henry Denker
O PRINCÍPIO E O FIM
Elenco por ordem de diálogo
JACINTO RAMOS—LIA GAMA — LÍGIA TELES — COSTA FERREIRA
7.ª SEMANA
Espect. Subs. Fundo de Teatro
50% desconto a estudantes e sócios do sindicato
GRUPO D - M/ 18 anos

TEATRO Telef. 326037
VARIEDADES
2.as e 3.as-Feiras, às 21.45 h
5.as, 6.as e Sábados 2 sessões, 20.45 e 23 h
Domingos e Feriados, à tarde, às 16 h à noite, às 21.45 h
SIMONE
na divertida comédia
A CAMA DOS COMUNS
com
IO APOLONI
ARMANDO CORTEZ
F. BORSATTI
MANUELA MARIA
DARIO DE BARROS
LUÍS ALBERTO
e a colaboração especial de
JOAQUIM ROSA
14.ª SEMANA
GRUPO C — M/ 14 anos

TEATRO Telef. 538586
VILLARET
Agora um novo horário
2.as e 3.as-feiras, às 21.45 h.
4.ª-feira, descanso da C.ª
5.as, 6.as e sábados e sessões, 20.45 e 23 h.
Domingo, à tarde, 16 h. noite, 21.45 h.
JOSÉ VIANA
numa espantosa comédia
SUA EXCELÊNCIA O PENDURA
com
DORA LEAL
a revelação da temporada no teatro declamado
HENRIQUE VIANA
MANUELA CASSOLA
LUÍS SANTOS
e a participação de
MARIA PAULA
16.ª SEMANA
GRUPO C — M/14 anos

TEATRO Telef. 361740
MARIA VITÓRIA
2 SESSÕES: às 20,45 e 23 horas
Domingos e Feriados «matinée», às 16 h.
SALVADOR
IVONE SILVA
BARROSO LOPES
GUIDA MARIA
na super-revista popular
CÁ VAMOS PAGANDO E RINDO
com
VICTOR MENDES
CARLOS QUEIROZ
a atracção sul-americana
VERA SANDERS
a grande revelação
CIDÁLIA MOREIRA
e colaboração especial de
HENRIQUE SANTANA
e um fabuloso
BALLET INTERNACIONAL
Produção de Giuseppe Bastos e Vasco Morgado
Grupo D/18 anos

ALVALADE restaurants
PANORAMA ROOM
RESERVADO AO JANTAR

CAMPANHA DO NATAL
MÁQUINAS DE LAVAR AUTOMÁTICAS 5000$00
FRIGORÍFICOS 140 L 1900$00
SECADORES DE CABELO 140$00
AUTO-RÁDIOS 1000$00
BALANÇAS PARA CASA DE BANHO 150$00
SUPERMANOS
A CASA SIMPÁTICA
LARGO DO MASTRO, 5 TEL. 56 15 55

MÚSICA JOVEM

OS 10 MAIS

UM VIOLINO NO TELHADO acaba de ultrapassar, na lista dos «Dez Mais» de Lisboa, o tema de O PADRINHO. O que quer dizer que a música de filmes está na berra, mais do que qualquer outra, para o comprador lisboeta. Atente-se, entretanto, na quantidade de entradas directas na lista, esta semana, e no pormenor da persistência de TRINITÁ, na tela como em disco. Musica de filmes...

1	«Um Violino no Telhado» (4)	6	«Gloria Gloria Aleluia» (-) Tonicha
2	«Godfather» (1) Andy Williams	7	«My Boy» (-) Richard Harris
3	«We believe in tomorrow» (-) Freddy Breck	8	«Burning Love» (-) Elvis Presley
4	«Popcorn» (-)	9	«Desiderata» (7) Rui de Carvalho
5	«Fado, Fadinho» (6) Raul Solnado	10	«Trinitá» (8) Annibballe

No estrangeiro

O conjunto americano de «soul music» The Temptations obtém esta semana um duplo êxito ao ocupar a posição cimeira tanto na tabela de classificação de «singles» como de álbuns em Nova York.

«Para Was a Rolling Srone» é tirado do seu álbum de grande sucesso «All Directions» e narra a investigação de um jovem para saber tudo acerca do pai.

A faixa original do álbum leva cerca de 12 minutos a passar e, devido a isso, a Motown Producers resolveu reduzi-la para uns modestos quatro minutos para o «single».

Na Gra-Bretanha, Chuck Berry continua ainda a «reinar» mas defronta o grande desafio da família Jackson, que tem dois discos de êxito na tabela de Londres.

«Lookin Through Window» dos Jackson Five passou do 10.º para o sétimo lugar e o jóvem Michael Jackson tem um novo disco, «Ben», na oitava posição. «Ben» aparece, também, nas tabelas de Amsterdão e Hong-Kong.

Contudo, a ameaça mais imediata para Chuck parte de Slade, cujo «Gudbuy t'Jane» subiu quatro lugares, estando agora na segunda posição.

O conjunto britânico de «Rock» Strawbs aparece em novo lugar na tabela de Londres com «Lay Down», que promete muito.

A seguir, os «Top-Ten» da semana em centros mundiais escolhidos com a classificação da semana passada entre parentesis:

LONDRES

1 (1) My Ding-A-Ling Chuck Berry
2 (6) Gudbuy t'Jane: Slade
3 (3) Crocodile Rock: Elton John
4 (2) Crazy Horses: Osmonds
5 (4) Why: Donny Osmond
6 (7) What Made Milwaukee Famous/Angel: Rod Stewart
7 (10) Lookin' Through the Window: Jackson Five
8 (__) Ben: Michael Jackson
9 (__) Lay Down: Atrawbs
10 (9) I'm Still in Love With You: Stylistics

NOVA YORK

1 (3) Papa Was a Rolling Stone: Temptations
2 (4)) I Am Woman: Helen Reddy
3 (10) Me And Mrs Jones: Billy Paul
4 (5) You Ought To Be With Me: Al Green
5 (1) I'd Love You To Want Me: Lobo
6 (2) If You Don't Know Me By Now: Harold FMelvin And Blue Notes
7 (6) Summer Breeze: Seals and Crofts
8 (9) Clair: Gilbert O'Sullivan
9 (__) It Never Rains In Southern California: Albert Hammond
10 (__) Ventura Hinghway: America.

BONA

1 (1) Mig Wam Bam: Sweet
2 (3) Eine Neue Liebe (A New Love): Juergen Marcus
3 (7) Mexico: Les Humphries Singers
4 (6) Bottoms Up: Middle Of The Road
5 (2) Children Of The Revolution: T. Rex
6 (5) Popcorn: Hot Butter
7 (4) School's Out: Alice Cooper
8 (8) Sechs Uhr Frueh (Six A.M.): Chirstian Anders
9 (__) Elected: Alice Cooper
10 (9) Silver Machine: Hawlwind

AMSTERDÃO

1 (1) Ich Hab'Die Liebe Geseh'n: Vicky Leandros
2 (2) I Think I Love You: Partridge Family
3 (3) There Has Been A Time: The Cats
4 (6) Auntie: Various Artisto
5 (1) Ben: Michael Jackson
6 Fais-Do: Red Bone
7 (7) Uberall Auf Der Welt. Frenddy Breck
8 (__) Het Bananenlied: Andre Van Duyn
9 (5) Clair: Gilbert O'Sullivan
10 (10) Garden Party: Rick Nelson

ESTOCOLMO

1 Sugar Me: Lynsey de Paul
2 Hej Baberiba: Leif Bkoerklund
3 Clair: Gilbert O'Sullivan
4 Sofia Dansar Go-Go: Stefan Ruden
5 He's An Indian Cowboy In The Rodeo: Buffy Sainte-Marie
6 Hey You Love: Mac And Katie Kissoon
7 Hello A: Mouth And Mcneal
8 Mig Wan Bam: The Sweet
9 We're Goin'Down Jordan: Heritage
10 Min Mor Sa Aldrig (Mother Never Said): Larsson

HONG-KONG

1 (2) Rock Me Baby: David Cassidy
2 (1) Nights In White Satin: The Moody Blues
3 (3) Ben: Michael Jackson
4 (5) Space Man: Nilson
5 (10) Clair: Gilbert O'Sullivan
6 (4) I Believe In Music: Gallery
7 (6) Run To Me: Bee Gees
8 (7) You Wear It Well: Rod Stewart
9 (8) If I Could Reach You: Fifth Dimension
10 (9) Burning Love: Elvis Presley

Brinde com

MOSCATEL de SETUBAL

UNIÃO VINÍCOLA DA REGIÃO DO MOSCATEL DE SETUBAL

ETP 4

Concursos para Admissão de Médicos dos Quadros Clínicos das Instituições de Previdência

Estão abertos de 9 a 28 de Dezembro de 1972 concursos documentais de habilitação para médicos dos quadros das instituições de previdência nos serviços, postos clínicos e caixas de previdência abaixo indicadas:

Caixas de Previdência	*Postos Clínicos*	*Serviços*
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Aveiro Av. Dr. Lourenço Peixinho AVEIRO	Oliveira de Azeméis	Pediatria
	Espinho	Oftalmologia Pediatria
	S. João da Madeira	Ginecologia
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Bragança Praça Dr. Cavaleiro de Ferreira BRAGANÇA	Garção	Clínica Médica
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Évora Rua Chafariz D'El-Rei, 22 ÉVORA	Vendas Novas	Clínica Médica
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Leiria Av. Heróis de Angola, 59 LEIRIA	Marinha Grande	Psiquiatria
Caixa de Previdência e Abono de Família e dos Serviços Médico-Sociais do Distrito de Lisboa Av. dos Estados Unidos da América, 39 LISBOA	Algueirão	Clínica Médica
	Sacavém	Pediatria
	Mafra	Otorrinolaringologia
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Portalegre Rua de Olivença, 33 PORTALEGRE	Portalegre	Alergologia Cardiologia Dermatovenereologia Gastroenterologia Ortopedia Reumatologia Urologia
Caixa de Previdência e Abono de Família e dos Serviços Médico-Sociais do Distrito do Porto Rua das Doze Casas, 143 PORTO	Área do Porto	Pediatria
	Arcozelo	Clínica Médica
	Rebordosa	Clínica Médica
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Vila Real Rua Gonçalo Cristóvão VILA REAL	Vila Real	Estomatologia Obstetricia Pediatria
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Santarém Largo do Milagre, 49-51 SANTARÉM	Couço	Estomatologia
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Setúbal Praça da República SETÚBAL	Cruz de Pau	Estomatologia
	Seixal	Otorrinolaringologia
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Viseu Av. 28 de Maio, 31 VISEU	Santiago de Piães	Clínica Médica
	Castro Daire	Clínica Médica
Caixa Sindical de Previdência do Pessoal da Indústria de Lanifícios Av. João Crisóstomo, 67 LISBOA-1	Gouveia	Clínica Médica

As condições de admissão encontram-se patentes naqueles postos, nas caixas de previdência interessadas e na Federação das Caixas de Previdência e Abono de Família.

A documentação deverá ser entregue até às 18 horas do dia 28 de Dezembro de 1972 na Inspecção Médica da Federação, na Avenida dos Estados Unidos da América, 37-5.º, Esq., Lisboa, ou na respectiva caixa de previdência a que o concurso diga respeito.

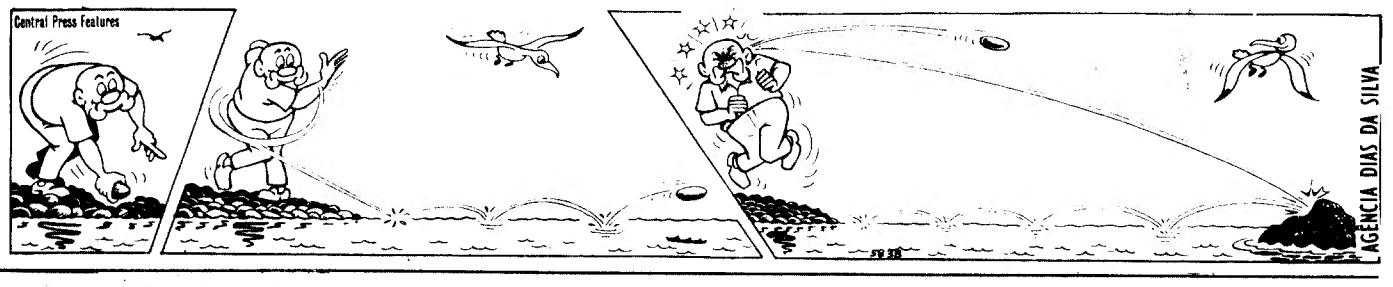
O provimento nos lugares é da competência das respectivas caixas de previdência de acordo com a posição dos candidatos após a sua classificação no concurso documental de habilitação.

Lisboa, 7 de Dezembro de 1972.

A DIRECÇÃO DA FEDERAÇÃO DAS CAIXAS DE PREVIDÊNCIA E ABONO DE FAMÍLIA

DE VOLTA À LIBERDADE

O actor francês Pierre Clementi, obrigado a deixar a Itália no dia imediato à sua libertação, saboreou o seu último dia naquele país num parque de Roma, com um cão. Clementi foi libertado depois de quase dezoito meses de prisão por tráfico de droga, de que veio a ser ilibado



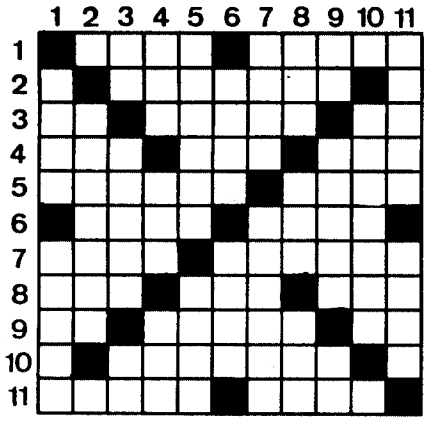
palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 10277

HORIZONTAIS

1 Gostas muito de. Velha.
2 Artigo definido. Tornam tépido.
3 Cânhamo de Manila. Recuas. Ruim.
4 Base aérea portuguesa. Patrão. Troças.
5 Nadara. Ramalhete.
6 Montão. Farsa satírica.
7 Manha. Variedade de azeitona (Prov.)
8 Recusa. Cabelos Brancos. Chiste.
9 Viração. Louva (fig.). Catedral.
10 Cobriras.
Abertura no alto da muralha de uma fortaleza por onde se visava o inimigo. Campeões.



VERTICAIS

1 Paixão. Não nascida.
2 Descer em terra (o avião).
3 Ruim. Acarício. Pronome pessoal.
4 Governanta. Vasilha de vinho. Tomba.
5 Sovara. Cobertura.
6 Pilha. Remedia.
7 Homem de baixa estatura. Professora.
8 Em as. Grande quantidade. Colina na Suécia.
9 Grande ribeira da Ásia Russa. Apelido. Pronome reflexo.
10 Melindrosas. Casualidade. Acola.

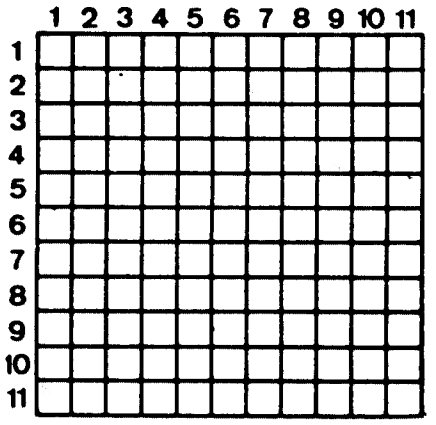
Resolveu completamente este problema?
Procure agora como segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6433

HORIZONTAIS

1 Estaleiro. Rezar.
2 Camareira. Transpira. Apelido.
3 Nota musical. Ilha do Mediterrâneo entre a Sicília e a Africa. Preposição.
4 Crustáceo comestível.
5 Velha. Cingir.
6 Campeão. Actínio (s.q.). Atacariam.
8 Escudeiro. Uma das Cíclades.
9 Artigo indefinido. Nome de peixe. Post scriptum.
10 Obrigação. Pronome possessivo. Utensílios domésticos.
Espírito. Habite.



VERTICAIS:

1 Nome de flor. Inutiliza.
2 Freguesia do concelho de Oliveira do Bairro. Em as. Doçura.
3 Aqui. Espécie de canoa. Prefixo de negação.
4 Conjunção. Suspiros.
5 Caruma. Cânticos em honra da Virgem ou dos Santos.
6 Tropel. Nome antigo da nota musical do. Alcool de melaço.
7 Negra. Nome de mulher.
8 Rio da Suiça. Rate.
9 Nome que os Egípcios davam ao Sol. Escavais. Rio de Itália.
10 Medida de superfície. Mau cheiro. Igual.
Versejar. Ceifa.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10276

HORIZONTAIS:

1 Aquecimento.
2 Ruim. Roma.
3 Cevar. Se. Id.
4 Malas. Ame.
5 RECUA. Man.
6 El. Marta. Na.
7 Sem. Orava.
8 Trai. Orate.
9 Ar. No. Anela.
10 Sais. Casa.
Atro. Elaras.

VERTICIAS:

1 Arc. Destaca.
2 QUEM. Lear.
3 Ulvar. Mi. Sr.
4 Emalem. NÃO.
5 Ração. Io.
6 Ir. Surro. Se.
7 Mos. Atara.
8 Eem. AVANÇA.
9 Na. Am. Atear.
10 Iman. Elsa.
Ordenam. Aas.

PROVÉRBIO: RECUA. QUEM NÃO AVANÇA.

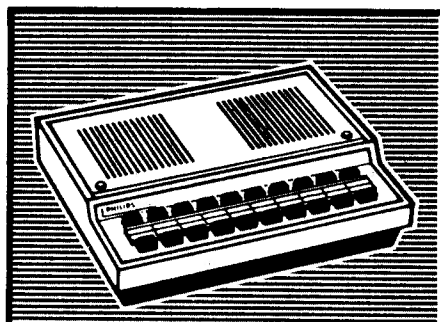
SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6432

HORIZONTAIS:

1 Errol. Leiria.
2 Iman. Lais.
3 Rã. Urdia. Sa.
4 Sor.
5 Zara. Vila.
6 Repa. Tona.
7 Sopa. Acra.
8 Ema. Ela. Aga.
9 Ca. Amaia. Ar.
10 Avis. Seda.
Ramos. Parau.

VERTICAIS:

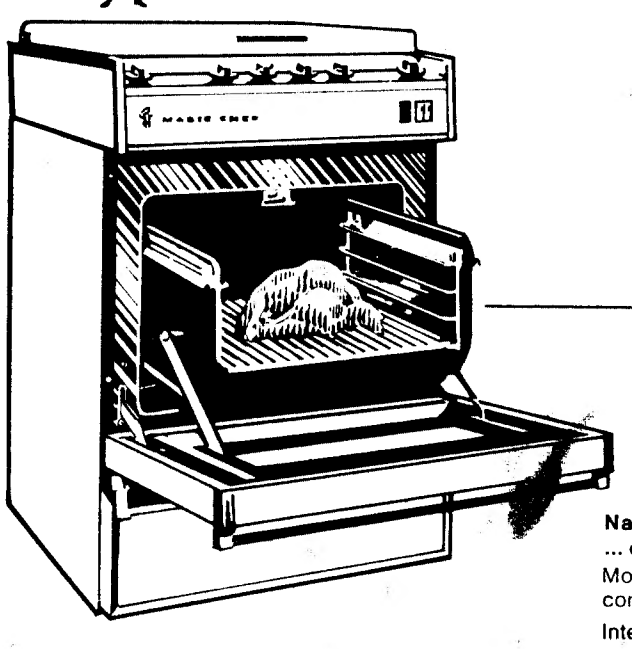
1 Eiriz. Secar.
2 Imã. Aromava.
3 Ra. Trepa. Im.
4 ONU. Apa. Aso.
5 Rs. Em.
6 Ador. Elam.
7 Ir. Ai.
8 Ela. Voa. Asa.
9 Ia. Finca. Er.
10 Ris. Largada.
Asada. Aarau.

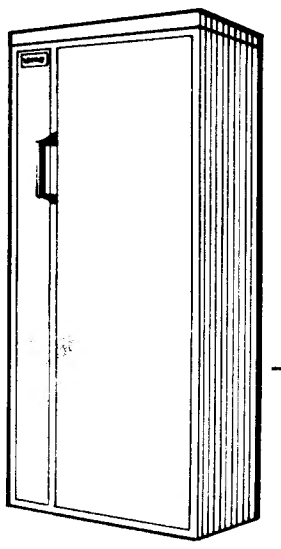


INTERCOMUNICADORES
PHILIPS
● Sistemas simplex, duplex e intermix.
● Sistemas de procura de pessoas por rádio.
● Sistemas de chamadas por amplificação sonora.
PHILIPS PORTUGUESA, S. A. R. L.
Av. Eng. Duarte Pacheco, 6 · Tel. 683121 · Lisboa 1
Rua Fernandes Tomás, 760 · Tel. 28161 · Porto

MAGIC CHEF
o toque mágico para a sua cozinha!

Fogões a gás de superior qualidade.
Modelos de 4 e 5 bocas, com e sem porta-botija.
Forno de grandes dimensões – 440×445×320 mm.
Equipados com termostato, conta-minutos, grelhador e espeto rotativo.
Modelos com forno self-cleaning, com saida automática.





Na vanguarda da técnica ...
... o frigorífico do futuro!
Modelos desde 130 a 320 lts. com uma e duas portas.
Interiores em chapa ou aço inox.

SABEL
Rua D. Estefânea, 98 – LISBOA
Rua de Sta Catarina, 1209 – PORTO

ENTREVISTA

George Harrison e as " vibraçōes "

O ex-beatle George Harrison está a viver num velho convento de estilo gótico, em Friar Park, Inglaterra. A sua nova morada custou-lhe 140 mil libras estrelinas, mas ele vai gastar outro tanto para torná-la mais confortável. «**As bias vibrações são mais importantes para o «pop» místico do que todas essas modernidades que o fim do século nos oferece**» — esta é a sua justificativa para tantas despesas. Para ele a sua antiga casa não «vibrava» como o convento onde agora vive. Quais são essas vibrações?

— **Podemos simplesmente chamar-lhe de atmosfera. Mais, ainda, do que isto. Todos os lugares retêm algo do espírito das pessoas que ali viveram antes. Elas podem ter sido felizes ou infelizes. As vibrações refletem isso, séculos depois.**

As boas «vibrações» da India

MEDITAÇÃO

Esclarecidas quais são as vibrações, George diz que o ambiente do velho convento é o mais indicado para os sons místicos da sua cítara e ideal para os seus longos períodos de «meditação transcendental», realizados, diàriamente, de manhã e à noite, numa das salas do casarão, transformada agora no seu centro budista.

Sentado no chão e com as pernas cruzadas à maneira oriental, George explica que, através da meditação, procura esvaziar a mente dos aborrecimentos diários:

— **A meditação nos permite atingir um estágio tal que o espírito torna-se capaz de deixar o corpo, existindo por si só. É claro que eu ainda não cheguei a esse estágio, mas confio muito nos fluídos deixados nesta casa pelos monges que aqui viveram antes de mim. Eles eram homens bons e, certamente irão me ajudar nos meus propósitos.**

George Harrison, que ao tempo dos Beatles era já considerado o mais sensível e uma espécie de mantor espiritual do grupo, informa que todos esses ensinamentos foram aprendidos durante as suas frequentes viagens à Índia. Quanto aos primeiros resultados da «meditação», eles já se fizeram sentir:

— **A minha vida seria impossível sem a meditação diária, e, desde que a iniciei, tenho conseguido compor melhor. Antigamente as minhas músicas eram fracas. Agora sinto a cabeça mais leve e faço canções iguais ou melhores do que as feitas pelos Beatles, todos juntos.**

BUDISMO

— **Uma vez que o estímulo chegou, descobri que não podia mais deixar de compor. Um exemplo da qualidade actual do que faço está em «My sweet Lord», líder de «top ten» durante oito semanas. Vendeu oito milhões de cópias e eu ganhei um milhão de libras, ultrapassando de longe a dupla John e Paul.**

Harrison diz que jamais poderia ter escrito esta música, não fôsse a sua experiência mística e a meditação diária. Conta que advertiu os seus companheiros, falando dos benefícios desta prática: «**vocês não podem ficar tão tensos, quando compõem**».

— **A meditação funciona como uma espécie de auto-realização sem drogas. A mente fica mais receptiva para os pensamentos bonitos e as impressões de beleza. É algo parecido com o estágio a que chega um pensador, quando quer clarear a sua mente, para traduzir coisas difíceis aos outros. Quando me encontrei, pela primeira vez, com o Maharishi indiano, eu já havia iniciado as minhas buscas pessoais, já estava a meio caminho na direcção das minhas buscas.**

Em seguida o ex-beatle se define como budista. Informa que é membro da seita Hare Krishna e se encontra com os seus líderes três vezes por ano, para meditarem juntos. Diz que ajuda aos sacerdotes e aos templos budistas, e que, uma parte da sua renda é enviada à Índia. Perguntam-lhe, então, se como budista, acredita na reincarnação. A sua resposta:

— **Quem viveu antes, viverá outra vez, cada vez querendo ser melhor, até alcançar o estado da purificação absoluta. Mesmo na música existe uma intenção especial. Ela serve para ajudar as pessoas a se aproximar mais dos mistérios divinos. A compreender melhor o Universo.**

TELEVISÃO

A entrevista acima foi concedida por George Harrison à televisão francesa, que a transmitiu recentemente. O ex-beatle foi localizado no seu mosteiro gótico e apareceu no vídeo trajando uma túnica amarela, atitude serena, meditando. Depois foi visto a tocar cítara e mais tarde a passear pelo parque, enquanto a câmara buscava, ao fundo, o velho casarão gótico com todas as suas vibrações. Alguns dias mais tarde, uma pesquisa foi realizada junto às discotecas da capital e da província francesa: as vendas de «My sweet Lord», que haviam caido, acusaram um significativo aumento. Para bom entendedor, é o quanto basta.

A CAMINHADA

George com Patti Boyd

E em frequentes viagens

George levou os Beatles ao Maharishi

O fim de uma etapa: Ravi Shankar

unigrupo

Mod.·CQ·880 EN

enfim sós!

(...Sós não; com a música preferida...)

Onde quer que esteja, a sua orquestra preferida em ESTEREOFONIA NATIONAL. Em viagem, e em toda a parte, qualquer dos modelos da variada gama NATIONAL satisfará as suas exigências.

Desde aparelhos simples até aos equipados com dispositivos especiais, terá sempre possibilidades de valorizar o seu automóvel... Dando um novo prazer às suas viagens.

NATIONAL é qualidade!

sonipol

LISBOA·PORTO·FARO

National NATIONAL